

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCELO VINÍCIUS ARAUJO**

**UMA HISTÓRIA ALIMENTAR, RELIGIOSA E GLOBAL: A COMUNIDADE TURCA  
DE CAXIAS DO SUL E O HALAL**

**CAXIAS DO SUL – RS**

**2024**

**MARCELO VINÍCIUS ARAUJO**

**UMA HISTÓRIA ALIMENTAR, RELIGIOSA E GLOBAL: A COMUNIDADE TURCA  
DE CAXIAS DO SUL E O HALAL**

Dissertação apresentada à Banca de  
Qualificação do Programa de Pós-  
Graduação em História da Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Cristine Fortes Lia

**CAXIAS DO SUL – RS**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

A663h Araujo, Marcelo Vinícius

Uma história alimentar, religiosa e global [recurso eletrônico] : a comunidade turca de Caxias do Sul e o Halal / Marcelo Vinícius Araujo. – 2024.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

Orientação: Cristine Fortes Lia.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. História - Estudo e ensino. 2. Migração - Caxias do Sul. 3. Cultura. 4. Civilização islâmica. I. Lia, Cristine Fortes, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

# UMA HISTÓRIA ALIMENTAR, RELIGIOSA E GLOBAL: A COMUNIDADE TURCA DE CAXIAS DO SUL E O HALAL

*Marcelo Vinícius Araujo*

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 09 de setembro de 2024.

## Banca Examinadora:

Dra. Cristine Fortes Lia  
Orientadora  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Gasparini Xerri  
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Mauro Dillmann Tavares  
Universidade Federal de Pelotas

## AGRADECIMENTOS

Começo este texto agradecendo em ordem não de importância, mas sim por elementos que compuseram a possibilidade de esta pesquisa se tornar possível.

Agradeço à ciência e a todos pensadores, filósofos, pesquisadores, mestres, doutores e, especialmente, professores que na relação árdua entre os critérios científicos e a busca pelo conhecimento, abriram todos os caminhos possíveis para a ciência no século XXI ser produzida, nos possibilitando questionar, a todo o momento, o mundo que vivemos e nos fornecendo as lentes mais variadas para podermos, com humildade, observar o mundo dinâmico e humano que vivemos e buscamos melhorar.

Nesta mesma linha, dirijo meu agradecimento à sempre sábia, coerente, clara e acima de tudo paciente orientadora desta pesquisa, a Doutora Cristine Fortes Lia, sem a qual eu provavelmente estaria à deriva, pois suas orientações foram certas, objetivas e evidenciaram o quão importante é, para a comunidade científica, a existência de cientistas da humanidade e das religiões com tamanha sensibilidade junto às mais variadas culturas que estão em constante contato no mundo contemporâneo, trazendo uma luz de tolerância através do conhecimento e do respeito legítimo em meio à excessivos discursos de ódio e intolerância no século XXI.

Agradeço ao programa de pós-graduação profissional em História da Universidade de Caxias do Sul que, através de seu programa, me forneceu amplo conhecimento junto a seu corpo docente altamente qualificado, e tornou a pesquisa significativa não apenas para a comunidade turca, mas também para toda a sociedade caxiense, estabelecendo os parâmetros da pesquisa algo real e cheio de sentidos e sentimentos.

Também agradeço aos membros da comunidade turca de Caxias do Sul, em especial aos senhores Enes e Salih Yucer, que nunca mediram esforços para atender, dialogar e abrir suas casas e restaurante para atender bem todas as pessoas. Ambos são indivíduos de grande importância na introdução do Islã em Caxias do Sul, não apenas pela sua busca pelo Halal cotidianamente, mas, principalmente, por serem fraternos à toda sociedade caxiense e gaúcha enquanto fixam suas residências aqui, contribuindo através do conhecimento para aumentar a tolerância, e servindo como bases de inspiração para o produto desta pesquisa.

Concluo meus agradecimentos para todos os elementos que orbitaram a prática concreta da pesquisa, o dia a dia do pesquisador, professor, companheiro, tio,

filho e ator social como todos somos exige paciência de todos em volta, inspirações e confortos.

Agradeço à Greice, minha companheira, que sempre me segurou pelas mãos e nunca permitiu que eu desistisse, salientando os elementos concretos e os efeitos que a pesquisa apresentava, estando ao meu lado nos momentos em que fomos convidados a comparecer aos eventos da comunidade turca e me incentivando a todo instante.

Agradeço a minha família que sempre foi fundamental em toda minha jornada desde a pré-escola, afinal, é esse início de jornada que tomou diversos caminhos, até inesperados, como um curso de rio, que com a minha família tive os incentivos fundamentais para realizar meu curso de graduação, minhas pós-graduações e, agora, este mestrado profissional. Assim como aos meus afilhados, Martina e Matias, que todos os dias fazem, mesmo sem perceberem, eu pensar em me tornar um bom exemplo, um motivo de orgulho, me tornando uma pessoa melhor.

E como em todo momento de estresse, dúvida, em todos momentos em que precisei relaxar, “desligar” antes de recomeçar a pensar, agradeço a BioWare, Bethesda, Rockstar e Ubisoft por terem desenvolvido entretenimentos que, em diversos momentos, se fizeram presentes com parcimônia, todavia foram essenciais para eu me manter calmo e tranquilo. Também agradeço ao Esporte Clube Juventude.

## RESUMO

O século XXI foi inaugurado com um evento fundamental para sua compreensão em diversas escalas, especialmente no que se propõe a entender sobre as relações entre os povos do Oriente e do Ocidente, o ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque. As relações ao longo do primeiro quarto deste século tornaram-se significativamente fundamentadas em preconceitos, atos hostis por estados ou por grupos terroristas, desenvolvendo uma imagem e uma mentalidade global acerca de uma separação entre o mundo muçulmano e um mundo cristão ocidental. Todavia, essas relações se estabelecem por meio de circunstâncias mais dinâmicas, além dos oficiais, e é através destas relações que podemos identificar o ponto de contato concreto entre as diferentes culturas neste mundo: um contato humano, envolto em complexidades políticas, religiosas e culturais, que desenvolve no cotidiano das pessoas envolvidas as bases para sua identidade em um mundo global. Objetiva-se, portanto, através deste trabalho de pesquisa, identificar, por meio da observação das experiências da comunidade turca que vive na cidade de Caxias do Sul, as relações e as construções da identidade desta comunidade muçulmana, através da busca pelo alimento halal no seu cotidiano. Utilizando-se de conceitos interdisciplinares encontrados nas ciências políticas e nas humanidades, a rede complexa que o fluxo migratório dinâmico do século XXI, as relações internacionais complexas do contexto e a história oral identificam as sensibilidades das experiências dos indivíduos. Com base neste estudo, construiu-se uma proposta de relação dinâmica com a população a fim de proporcionar uma compreensão dos conceitos complexos, através da dinâmica tecnológica da atualidade por intermédio de aplicativos de comunicação multimidiática, prevalecendo a experiência da comunidade turca em uma relação local-global, considerando que o ensino de história pode se revelar através das mais diversas formas para além da tradicional educação formal.

Palavras-chave: Ensino de História; Islã; Halal, Migrações; Comunidade Turca.

## **ABSTRACT**

The 21st century was inaugurated with a pivotal event crucial for its understanding on various scales, particularly in terms of comprehending the relationships between Eastern and Western peoples. Throughout the first quarter of this century, these relationships have increasingly been based on prejudices and hostile acts by states or terrorist groups, fostering a global perception and mindset of a divide between the Muslim world and the Western Christian world. However, these relations are established through more dynamic circumstances, beyond official ones, and it is through these interactions that we can identify the concrete points of contact between different cultures in this world: a human contact, enveloped in political, religious, and cultural complexities, which shapes the everyday lives of the people involved and forms the basis for their identity in a globalized world. Therefore, the objective of this research is to identify, through the observation of the experiences of the Turkish community living in the city of Caxias do Sul, the relationships and identity constructions of this Muslim community through their pursuit of halal food in their daily lives. By utilizing interdisciplinary concepts found in political science and the humanities, the complex network of dynamic migratory flows of the 21st century, the intricate international relations of the context, and oral history that captures the sensitivities of individual experiences. Based on this study, a proposal for a dynamic relationship with the population was developed, aiming to provide an understanding of complex concepts through the technological dynamics of today via multimedia communication applications, highlighting the Turkish community's experience in a local-global relationship.

**Keywords:** History Teaching; Islam; Halal; Migrations; Turkish Community.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O ponto vermelho simboliza a localização da região onde se localiza a cidade de Caxias do Sul em uma representação azimutal do planeta Terra, a fim de identificar geograficamente o conceito de periferia em relação a localização da Itália (em amarelo).....	10
Figura 2 – “A economia europeia em via de expansão é representada pelos seus tráficos mais importantes em escala mundial. Em 1500, a partir de Veneza, são explorados, por apropriação direta o Mediterrâneo e o Ocidente” .....	22
Figura 3 – “Em 1775, os tentáculos dos tráficos europeus estendem-se ao mundo inteiro” .....	22
Figura 4 – Imagem desenvolvida pelo geólogo David Harvey em seu livro <i>Condição Pós-Moderna</i> , na qual busca expressar o conceito de compressão do espaço-tempo, causado pelo avanço na tecnologia dos transportes.....	24
Figura 5 – Captura de tela que mostra site utilizado para a compra do livro a ser estudado, apresentando o ano como sendo de 1989. ....	39
Figura 6 – Balança comercial do agronegócio brasileiro de 2000 a 2021. ....	44
Figura 7 – Principais produtos da pauta exportadora do agro brasileiro no período de 2000 a 2021. ....	45
Figura 8 – Relação dos maiores exportadores e consumidores de alimento Halal no planeta, dados de 2022.....	46
Figura 9 – Descrição do abate Halal pela FAMBRAS. ....	54
Figura 10 – Banner de apresentação da Semana das Culturas Gastronômicas promovido pelo SENAC em 2023.....	60
Figura 11 – Cartografia demonstrando a expansão do Império Otomano de sua fundação ao seu fim.....	67
Figura 12 – Detalhe de uma Tábua Turca oferecida pelo restaurante Capadócia. Com destaque para a descrição dos alimentos que a compõem.....	75
Figura 13 – Imagem do perfil da página do restaurante Capadócia, de propriedade do senhor Salih Yucer,.....	76
Figura 14 – Imagem em detalhe da cobertura de massa fina do Lahmajun produzido	

pelo Capadócia.....	77
Figura 15 – Localização da cidade de Kahramanmaras, na região mais central ao sul da Turquia.....	78
Figura 16 – Detalhe do cardápio do Restaurante Capadócia, destacando as opções de Shawarma.....	79
Figura 17 – Salih Yucer, na inauguração do Restaurante Capadócia.....	79
Figura 18 – Encontro entre a comunidade católica da Paróquia de São Pelegrino com a comunidade turca, em detalhe há a Ashura sobre a mesa.....	80
Figura 19 – Localização da cidade de Antália, ao sudoeste da Turquia, na costa do Mar Mediterrâneo.....	85
Figura 20 – Registro de participação do jantar de Ramadan em 2024.....	103
Figura 21 – Registro de participação do jantar de Ramadan em 2024.....	103
Figura 22 – Sarmá, tradicional charuto com folhas de videira recheado com arroz, cebola, tomate, salsa, alho e demais temperos.....	104
Figura 23 – Borek, massa folhada com recheio de batata ou queijo.....	105
Figura 24 - Salada de iogurte, salada com brócolis, cenoura, alho, pickles de pepino, milho, iogurte e maionese.....	105
Figura 25 – Modelo de apresentação do exemplo utilizado pelo Sebrae, chamado de “Curso online por WhatsApp” .....	109
Figura 26 – Exemplo de uso do Chatbot para envio de imagem.....	110
Figura 27 – Uso do Chatbot para envio de vídeo.....	111
Figura 28 – Uso do Chatbot para envio de mensagem de áudio ou podcast.....	111
Figura 29 – Uso do Chatbot para envio de arquivos de texto.....	112
Figura 30 – A imagem do Chatbot demonstra a possibilidade de programar uma interação com o usuário, em formato de Pergunta e Resposta .....	112
Figura 31 – Utilizando um site para construção de um Chatbot, podemos observar o fluxograma planejado para conduzir o usuário .....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHP	Congresso do Partido Republicano do Povo
CUP	Partido da União e Progresso
DIPPAHC	Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural
DOCCX	Documento Orientador Curricular de Caxias do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRIS	Instituto de Referência em Internet e Sociedade
ONU	Organização das Nações Unidas
SENAC-RS	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio Grande do Sul
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	HALAL, HARAM E MAKRUH EM PERSPECTIVA GLOBAL.....	21
	2.1 Halal e Haram na obra de Al-Karadhawi e no Alcorão.....	38
	2.2 Halal e Haram na alimentação .....	44
	2.3 O abate Halal .....	53
	2.4 O Halal como elemento global do Islã transnacional .....	55
3	ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE TURCA EM CAXIAS DO SUL .....	58
	3.1 – Contextualização histórica da Turquia .....	64
	3.2 - A comunidade turca em Caxias do Sul .....	72
	3.3 – A influência do Hizmet como formador da comunidade turca de Caxias do Sul .....	91
	3.4 – Cotidiano da comunidade turca em Caxias do Sul: entrevista com Enes .....	100
4	PRODUTO - INTERAÇÃO VIA CHATBOT (WHATSAPP) .....	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
	REFERÊNCIAS .....	127

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se inicia uma pesquisa, é natural que, ao menos na vida particular de quem está inserido no meio acadêmico, haja uma euforia inicial, seguida de uma desconstrução (de conceitos, de certezas, de objetivos, de norte). É um processo doloroso, talvez mais para alguns do que para outros. Não sei mensurar o quanto este processo afetou a minha dor. Mas, de qualquer forma, sei que me afetou profundamente, a tal ponto que a pesquisa acabe tendo a minha personalidade.

Alguns preferem descrever sua pesquisa falando do papel do pesquisador, todavia não consigo me observar por esse aspecto, indiferentemente da questão técnica de que estou realizando uma pesquisa. Outros preferem se descrever enquanto professores que pesquisam, elucidando e fortalecendo princípios traçados por Paulo Freire (1996, p. 14), para quem “não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino”. Sou professor, funcionário público, com Licenciatura Plena em História, mas tampouco me enxerguei sendo alguém desse cenário, mesmo que, tecnicamente, eu seja professor e esteja realizando uma pesquisa.

Talvez a confusão que tenho para conseguir descrever quem sou na pesquisa reflita de alguma forma na pesquisa em si. Antes de definir quem sou eu nesta pesquisa, é importante termos em mente que as particularidades para a definição vêm das experiências particulares, das dores e dos amores, das cascas do coração mole, da dor e do prazer. Algumas pequenas certezas (princípios morais) que vamos desenvolvendo, e meus princípios foram orientados por escolhas, desistências, mudanças e dinamismo. Da rigidez matemática da Engenharia Química, aventurei-me um semestre na Licenciatura em Química. Desisti de ambos. Resolvi estudar História. Num turbilhão da vida pessoal, concluí o curso, mas antes disso eu já estava apaixonado pela Geopolítica e pela Diplomacia, uma especialização que iniciei, interrompi e, depois de alguns anos, retornei para concluir, dessa vez já professor estável no serviço público.

Curioso, um pouco inquieto, mas sempre me autoquestionando. A Geopolítica mundial, com seus autores clássicos, deu-me um novo quadro sobre o mundo, ensinou-me a ler mapas e compreender não apenas as suas variações como um imenso tabuleiro dos interesses internacionais, mas também o modo como tudo isso afeta o cotidiano das pessoas.

Minha curiosidade também me leva a indagar sobre as pessoas, pessoas periféricas, pessoas religiosas periféricas, pessoas que possuem a necessidade de manter suas vidas ativas, sua identidade acesa, suas práticas coerentes com seus sentimentos de pertencimento em um mundo global que insiste em não permitir que elas se expliquem, se entendam por si mesmas ou contribuam para esse mesmo globo em que vivem, na periferia.

Essa curiosidade, essa compreensão de mundo desenhado pelo Império Britânico ainda no século XIX, mas que lembra o mundo inteiro por meio do símbolo máximo da Organização das Nações Unidas (ONU), de que somos periféricos e estamos na margem, distantes da real disputa de poder pela conquista do Heartland, estimulou-me a buscar mais. Quem somos, aqui no Brasil, diante dessa perspectiva, no momento, não é a prerrogativa da pesquisa, mas quem são os humanos que vivem na primeira margem desse Heartland, o Rimland, e como ser quem somos no sistema internacional nos possibilita ser o que somos no cotidiano?

Pelos conceitos trabalhados acima, e pela breve descrição da minha confusa jornada dentro (ou às margens) da academia, salientou-se um elemento que, ao menos, sempre foi presente na minha vida (de estudante, de pesquisador, de curioso, de desistente): a interdisciplinaridade.

Um amigo que já foi próximo dizia-me, informalmente, que “a sina do especialista, é a limitação”. Isso sempre me incomodava, porque eu sabia que havia verdade ali. Não era do meu interesse ser um pesquisador limitado e conhecedor profundo de pequenos “nadas”. Atormentei-me com ansiedade sobre a importância da História para além de uma nota de rodapé argumentativa de outros elementos científicos (em todas as áreas). Ribeiro e Relvas (2017, p. 242), no artigo intitulado *Manifesto pela interdisciplinaridade – por uma educação transformadora*, descrevem uma das importantes dinâmicas da interdisciplinaridade, com a qual me identifiquei profundamente.

A interdisciplinaridade é questionamento. Na Ciência e na vida, a maior disciplina de todas é a disciplina do questionamento. Só quando acolhemos o que somos, o conhecimento que criamos e a humanidade que formamos é que começa o verdadeiro questionamento; antes disso, só queremos trocar um conhecimento limitado por outro. A única forma de preservar o conhecimento é entender por que se conhece; uma coisa é o caráter do ato de conhecer, outra é a forma. Dá-se valor à forma quando se tem o entendimento do ato.

As mais diferentes formas de obtermos fontes para estudar a História enquanto ciência sempre proporcionaram uma amplitude de temas e recortes para essa ciência. As possibilidades abertas pela Escola dos Annales situam a ciência histórica num prisma de constante revisão de sua escrita e suas fontes. É com essa perspectiva que o presente trabalho analisa conceitos e contextos interdisciplinares que possam auxiliar na análise de fenômenos históricos do século XXI, situados numa relação espaço-temporal única das relações humanas que engloba o planeta inteiro, a globalização – mais especificamente, a globalização transnacionalizada da alimentação, especialmente o alimento lícito do Islã e o modo como grupos muçulmanos se estabelecem num mundo global e transnacional.

Um breve ensaio sobre essa relação entre a duração do tempo e a estrutura do espaço já nos foi possibilitado por Braudel (2009), que se colocou no desafio de estudar o Mediterrâneo e a dinâmica dos povos que compartilhavam o mesmo espaço. Marcando a divisão do espaço e do tempo, Braudel evidencia a dinâmica política, econômica e cultural-religiosa entre os povos:

Islã e Cristandade enfrentam-se ao longo de uma linha de separação norte-sul traçada entre o Mediterrâneo do Poente e o Mediterrâneo do Levante, linha que, através das costas do Adriático e da Sicília, atinge o litoral da atual Tunísia. Nessa linha que divide em dois o espaço mediterrânico, situam-se todas as batalhas retumbantes entre infiéis e cristãos. Mas os barcos mercantes não cessam de atravessá-la (Braudel, 2009, p. 14).

Notamos uma relação direta entre grupos diferentes (o Islã e a Cristandade) que estão compartilhando um mesmo local (o Mediterrâneo) e, entre seus conflitos, dividindo-o em dois. Porém, Braudel (2009, p. 14) faz uma importante colocação: “Os barcos mercantes não cessam de atravessá-la”. Essa linha criada politicamente é transpassada pela dinâmica econômica local. Assim, as diferenças que geram os conflitos em um prisma de análise, no mesmo espaço e no mesmo tempo, podem destacar elementos que criam contatos pragmáticos entre as civilizações.

Apesar das diferenças culturais, há elementos que historicamente são pontos de contato entre as diferentes populações. Trazendo a análise para a contemporaneidade, através desta pesquisa buscamos identificar os pontos em que podemos perceber o contato entre as populações muçulmanas e locais influenciados por longos períodos de colonização e migração de católicos em espaços de um mundo dividido perante a globalização.

Dessa forma, buscamos estabelecer um estudo interdisciplinar (considerando conceitos das Relações Internacionais<sup>1</sup> em harmonia com a proposta da História Global<sup>2</sup>) sobre a relação desenvolvida entre os grupos humanos muçulmanos que estabeleceram residência (fixa ou não) na cidade de Caxias do Sul-RS, no primeiro quarto do século XXI. Além disso, serão exploradas as possibilidades desenvolvidas pelos povos acerca da manutenção ou adaptação de seus hábitos étnicos e regramentos religiosos, tendo como foco de análise o consumo do alimento Halal<sup>3</sup>, que atende ambas as necessidades, isto é, étnicas e religiosas. Assim, da mesma forma, a pesquisa estabelece a cidade de Caxias do Sul<sup>4</sup> como elemento que faz emergir transformações locais em relação ao global.

Portanto, os objetos desta pesquisa são a alimentação, o Islã e o grupo de turcos que se instalou na cidade de Caxias do Sul. Serão analisados o alimento e sua importância no mundo muçulmano e na culinária turca, uma vez que esse grupo em específico é evidenciado nesta pesquisa, em razão dos elementos históricos da formação do país (Turquia) e da sua população multicultural, formada antes mesmo da conquista otomana, sendo um grupo que possui evidência internacional na sua perspectiva contemporânea.

Em uma escala reduzida de análise exclusiva em Caxias do Sul, percebemos que pelos conceitos de sistema-mundo mencionados anteriormente, há duas possibilidades de se observar as iterações humanas. Primeiro, a comunidade turca como sendo periférica em relação à própria cidade e sociedade de Caxias do Sul, que se apresenta como centro por ser o status quo local. Em segunda possibilidade de análise, e respeitando os conceitos propostos, podemos também observar a comunidade turca como sendo central em relação às outras comunidades muçulmanas na cidade, por sua posição e organização em torno do Islã e em torno da sua possibilidade financeira.

---

<sup>1</sup> Diferente de uma “[...] *História Diplomática* tradicional, cujo paradigma foi representado pelo clássico *Manuel Historique de Politique Etrangère*, de autoria de Emile Bourgeois (datado de fins do século XIX), que abarcava apenas o estudo das relações oficiais entre os Estados, expressa na atuação de agentes credenciados pelos governos. No Brasil, essa tendência atingiu sua forma acabada nas histórias Diplomáticas de Hélio Vianna e Delgado de Carvalho” (Visentini, 2015, p. 19).

<sup>2</sup> Conceito de História Global oriundo do trabalho do professor Sebastian Conrad intitulado *What is global history?* (Nova Jersey: Princeton University Press, 2016).

<sup>3</sup> Considera-se Halal como conceito árabe traduzido para o português como “lícito”, porém, dentro do âmbito religioso previsto no Islã.

<sup>4</sup> Consideraremos, aqui, uma cidade periférica em nível global que possui elementos culturais oriundos de um processo de colonização e imigração pelo Ocidente como fatores de formação de identidade local.

Ao nos debruçarmos sobre o nosso objeto de análise – a alimentação –, identificamos, na literatura sobre a História da Alimentação, os elementos principais que evidenciam a importância de tal ato humano corriqueiro para o seu significado religioso e identitário. Podemos, assim, observar que a culinária turca nos demonstra elementos de uma comunidade oriunda de uma nação. Ao contrário de outros imigrantes muçulmanos que residem na cidade de Caxias do Sul, os imigrantes muçulmanos de origem turca possuem um *status* internacional de destaque pela sua histórica posição geopolítica, pela sua consideração internacional no cenário macroeconômico e pela sua posição de articulador natural entre Ocidente e Oriente, evidenciando elementos políticos de alta importância. Portanto, os migrantes dessa comunidade possuem invariavelmente uma característica muito nítida com relação à sua formação acadêmica, à sua posição socioeconômica e à sua atitude para tornar-se protagonista cultural e religioso em eventos que percebemos ao longo da estadia dos grupos muçulmanos turcos na cidade de Caxias do Sul.

O alimento, portanto, passa por nossas rotinas diárias com uma evidência proposta pelas mídias tradicionais locais (televisão e jornal) – cujas razões poderemos até discutir, mas nos levarão a perceber, de qualquer forma, uma prática orientalista tradicional local – desde a distribuição de alimento típico da cultura turca em ambientes escolares da cidade e na paróquia católica, numa clara tentativa de estabelecer um laço afetivo e de tolerância entre as comunidades, apesar de suas diferenças religiosas e identitárias.

O recorte espacial da cidade de Caxias do Sul nos traz elementos importantes para esta análise. Alguns dados que o próprio governo federal nos oferece acerca da composição da cidade por intermédio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>: Caxias do Sul situa-se no interior do Rio Grande do Sul, mais especificamente no nordeste do estado, na região serrana. Em 2021, contava com uma população estimada em 523 mil pessoas distribuídas em uma unidade territorial de 1,652,320 km<sup>2</sup>. Durante seu processo histórico, que é relativamente recente (século XIX), a cidade foi destino de imigrantes italianos em parte de seu processo de ocupação oriundo de uma política de Estado. No que diz respeito à região que recebeu os imigrantes italianos,

---

<sup>5</sup> O panorama referente à cidade de Caxias do Sul pode ser encontrado no site do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/caxias-do-sul/panorama>. Acesso em: 02 maio 2023.

[...] núcleos foram organizados na Encosta Superior do Nordeste, região formada por terras devolutas, delimitadas pelos Campos de Cima da Serra e pela região dos vales, de colonização alemã. A opção por esta área coube ao governo da província que, em 1869, decidiu pela ocupação do território mais tarde denominado Região Colonial Italiana (Caxias do Sul, s.d., n.p.)<sup>6</sup>.

A relação com a cidade nos solicita uma identificação mais pormenorizada, uma vez que percebemos que os elementos da cultura local são fundamentalmente organizados num processo de história e de memória protagonizado pelo imigrante italiano, católico e vinculado com o trabalho na terra. Ainda utilizando como referência o site da Prefeitura de Caxias do Sul, seguimos nos deparando com esse discurso de como se deu a doação das terras fornecidas pelo governo brasileiro aos imigrantes italianos:

Dentro dessas linhas e travessões, surgiam os lotes. Os denominados lotes rústicos ou rurais possuíam uma extensão, conforme a legislação, entre 22 e 25 hectares. Na prática, seu tamanho era ainda mais variado, tendo alguns lotes até 80 hectares. Mesmo assim, eram áreas pequenas se comparadas àquelas destinados aos imigrantes alemães e às extensas sesmarias do período colonial brasileiro. Valorizava-se, dessa forma, a formação da pequena propriedade rural, cuja principal força de trabalho era a familiar, destinada à produção de bens para subsistência e abastecimento do mercado interno (Caxias do Sul, s.d., n.p.)<sup>7</sup>.

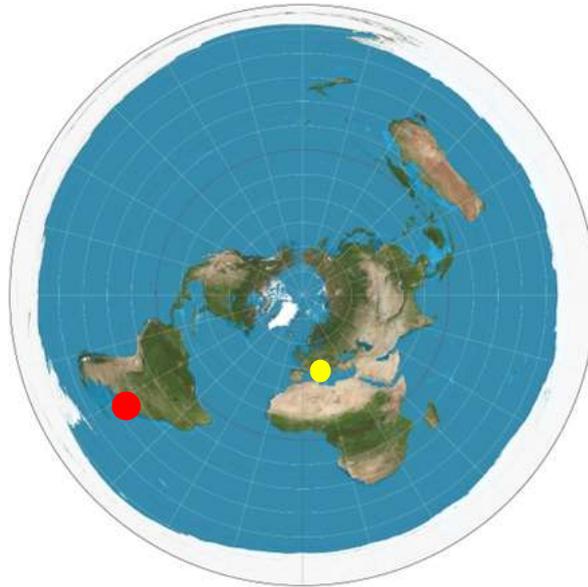
Em uma percepção ampla, geográfica, planetária e política, podemos perceber que a distância percorrida pelos imigrantes italianos, que a formaram ao menos em seu discurso fundador (como podemos perceber na relação com a terra, no trecho anterior), é limitadora em relação à compreensão dos desenvolvimentos de seus antigos vizinhos (os turcos), como podemos perceber no mapa abaixo (Figura 1), com a localização da cidade de Caxias do Sul, numa perspectiva periférica (azimutal) do centro de contato entre as populações.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade/colonizacao>. Acesso em: 02 maio 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade/colonizacao>. Acesso em: 02 maio 2023.

Figura 1 – O ponto vermelho simboliza a localização da região onde se localiza a cidade de Caxias do Sul em uma representação azimutal do planeta Terra, a fim de identificar geograficamente o conceito de periferia em relação a localização da Itália (em amarelo)



Fonte: Wikipedia<sup>8</sup>.

Podemos evidenciar parte de sua identidade cultural nos trâmites contemporâneos – século XXI – do patrimônio cultural da cidade, mesmo que ela já possua um caráter que Santos (2001, p. 21) chama de “sociodiversidade”. Parafraçando o autor, na sociodiversidade observamos uma aglomeração em uma área menor (a cidade de Caxias do Sul, se comparada a metrópoles) que permite um maior dinamismo de pessoas e filosofias, tendo como qualidade desse dinamismo a sua exponencial diversificação.

Em 2013 foi criado o processo administrativo, movido pela Prefeitura de Caxias do Sul, que institui o Patrimônio Imaterial da tradição culinária do Galetto al Primo Canto<sup>9</sup>. Isoladamente, esse fato tem uma importância local para a identidade da cidade enquanto narrativa de sua fundação pelas mãos de imigrantes italianos, no século XIX, além de evidenciar que a cidade de Caxias do Sul, assim como muitas outras ao redor do globo, tem sua identidade ligada a elementos culturais diversos e, em especial, nesse exemplo, à alimentação, à culinária, à gastronomia.

A alimentação em si, portanto, tem sido um objeto de estudo e investigação da História, podendo ser estudada e analisada por meio de diversos prismas e

<sup>8</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Proje%C3%A7%C3%A3o\\_azimutal#/media/Ficheiro:Azimuthal\\_equidistant\\_projection\\_SW.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Proje%C3%A7%C3%A3o_azimutal#/media/Ficheiro:Azimuthal_equidistant_projection_SW.jpg). Acesso em: 02 maio 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/diphac>. Acesso em: 02 maio 2023.

perspectivas. Um exemplo, que podemos ver no trabalho que projetou o Galetto al Primo Canto como patrimônio imaterial na cidade de Caxias do Sul, é o fato de que

A comida é cultura quando produzida, preparada e consumida. Porque o homem difere do animal, que simplesmente retira da natureza suas necessidades biológicas. Ao preparar o seu alimento, o homem, utilizando conhecimento, transforma, através do fogo, esse alimento (Peccini, 2010, p. 39).

Logo, o alimento tem uma conexão com o ser humano que envolve todos os processos para a sua produção, desde o labor até o consumo, passando por processos industriais – se necessários – até a prática de cozinhar, seguindo metodologias, receitas e adaptações, com conclusão na montagem do prato. Esses elementos somados possuem uma relação direta com a identidade cultural de um povo.

Porém, mundializado e globalizado, ou seja, influenciado pelas interferências de diversos outros grupos humanos e outras culturas, a dinâmica provocada pelas pessoas que vieram da península itálica, no século XIX, para a Serra Gaúcha, que trouxeram seus hábitos, costumes e tradições (gastronômica e religiosa), foi essencialmente correlacionada com o local que viria a se tornar Caxias do Sul. O alimento precisou se adaptar. A polenta, por exemplo, precisou migrar da antiga tradição romana – *pulmentum* –, que fazia uso da aveia e outros cereais, para, na imigração, ser feita com farinha do milho americano.<sup>10</sup>

Juntamente com o elemento gastronômico local, Caxias do Sul tem em sua identidade um conjunto de bens tombados que complementam a identidade local por meio do aspecto religioso, como é o caso do bem imaterial da Romaria Nossa Senhora de Caravaggio<sup>11</sup>, ou dos bens materiais tombados, como a Capela da Beata Virgem Maria da Rocca, a Igreja Matriz de Galópolis, a Capela Santa Lúcia, a Capela Santo Sepulcro, a Capela São Roque, a Capela Nossa Senhora do Rosário e o Capitel da Mariana<sup>12</sup>. Esse conjunto de bens tombados como materiais e imateriais faz parte de

---

<sup>10</sup> De acordo com Franco (2004 *apud* Peccini, 2010, p. 107), “[...] a base da mesa romana eram os cereais, as leguminosas, o vinho, a azeitona e o seu óleo, mas o alimento dos pobres era o pulmentum, preparação precursora da polenta, feita ao longo dos tempos com diferentes cereais e, às vezes, com farinha de grão-de-bico”.

<sup>11</sup> Ofício nº 01/2014, lançamento no Livro dos Lugares em 09 de Junho de 2016 às fls. 1-5, pela Prefeitura de Caxias do Sul, Secretaria Municipal da Cultura, Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural (DIPPAHC).

<sup>12</sup> Prefeitura de Caxias do Sul. Secretaria Municipal da Cultura, Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural (DIPPAHC). Relação dos Bens Tombados pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul.

uma composição mais ampla da identidade caxiense, em grande parte evidenciada pelos elementos descritos (religioso e culinário).

É, portanto, notório que os elementos culturais presentes em Caxias do Sul não apenas são fundamentados em um processo histórico que nos leva ao século XIX, quando houve o fluxo migratório da Itália para a formação da cidade, como demonstram, ao analisarmos as datas dos tombamentos, que no século XXI há um reforço significativo dessa identidade local. Porém, conforme Hall (2006, p. 78), “este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas”. Em sua obra, Hall (2006) tenta analisar a formação da identidade (ou, mais especificamente, da sua crise) ao longo da pós-modernidade, em contexto direto com a globalização.

Logo, Caxias do Sul se encontra conectada dentro de uma perspectiva do conceito de global, afinal surge dentro do processo de globalização, tendo, desde a sua fundação comunitária em 1875, uma conexão atlântica como elemento de contato para a imigração que consolidou o que viria a ser a cidade, fazendo parte de um eixo em que pessoas desenvolvem globalmente a relação local.

Surgida, portanto, de um questionamento sobre como as teorias das relações internacionais podem fazer efeito no cotidiano das pessoas em um mundo globalizado, a pergunta-chave, que encontra na História uma forma de identificar essas relações humanas, se baseia no fundamento: como muçulmanos se adaptam a viver sua identidade por meio da prática alimentar religiosa em uma cidade periférica, ex-colônia do Ocidente e fundada por imigrantes italianos católicos?

Não pretendemos, nesta pesquisa, observar a condição do imigrante (questão que será discutida por razões conceituais) ou desenvolver qualquer análise sobre os elementos estatais e legais essencialmente econômicos ou ideológicos (apesar de ambos fazerem parte da essência da pessoa humana).

A presente pesquisa investiga o processo histórico dos primeiros contatos ocasionados pela transnacionalização do Islã em Caxias do Sul, pela perspectiva global do alimento Halal. É uma observação interdisciplinar da aproximação religiosa, geográfica e cultural. Para tanto, o objeto da pesquisa terá como foco a observação da comunidade turca na cidade, não necessariamente tendo como foco o processo de migração na cidade, mas o de inclusão da cultura produzida por meio da alimentação, sendo que esse alimento não é específico da etnia e da nação turca, já que também é consumido pelos seguidores do Islã, religião professada por imigrantes.

Iniciamos o segundo capítulo com uma conceituação acerca do que é lícito ou ilícito no Islã, de acordo com os intérpretes do Alcorão, seu livro sagrado que organiza a sociedade muçulmana (em especial, os Ulemás Sunitas, que correspondem ao grupo que chega até a cidade de Caxias do Sul). Construimos, assim, uma relação entre o significado da prática do lícito e do ilícito para o cotidiano dos povos muçulmanos a partir de suas próprias falas e experiências. Observamos, dessa forma, como é a inserção do alimento Halal, por meio do processo histórico desses povos, passando pela cidade de Caxias do Sul.

Portanto, para o segundo capítulo, buscamos orientações fundamentais para a compreensão deste conceito – o que é lícito e o que é ilícito o Islã –, estudando o livro intitulado *O lícito e o ilícito no Islam*, do autor e teólogo muçulmano egípcio Youssef Al-Karadhawi (1989). Ao longo do capítulo, buscamos desenvolver as razões pelas quais se escolheu essa obra e o livro sagrado do Islã, mas, aqui, introduzimos os aspectos pelos quais os consideramos fonte histórica. Conforme Barros (2012, p. 130), fonte histórica “é tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar acesso à compreensão do passado humano”. Portanto, o livro de Al-Karadhawi é uma produção que possui significativo impacto na sociedade e se estabelece enquanto fundamental para que a compreensão do Islã e dos povos do mundo muçulmano se faça inteligível. É importante salientar, compreendendo a figura de Al-Karadhawi para a comunidade muçulmana, em especial, para os Sunitas, o seu papel nesta comunidade.

Posteriormente, no terceiro capítulo, procuramos estabelecer uma análise dos elementos em que o alimento Halal se apresenta de forma nítida na comunidade turca inserida na cidade de Caxias do Sul e da maneira como suas representações estimulam a transnacionalização do Islã. Com o objetivo de investigar essa relação, é feito, portanto, um estudo em cima das certificadoras nacionais dos alimentos, como Fambras<sup>13</sup>, PGP<sup>14</sup>, CDIAL Halal<sup>15</sup>, Alimentos Halal Brasil<sup>16</sup> e SIIL Halal<sup>17</sup>.

A escolha da comunidade turca<sup>18</sup>, dentro desse capítulo, engloba elementos específicos que possibilitam a análise de forma coerente com a pesquisa. Sem

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.fambras.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.pgpconsultoria.com.br/certificacao-Halal>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://cdialHalal.com.br/quem-somos-2/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://alimentosHalal.com.br/certificacao-Halal/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.siilHalal.com.br/br/empresa>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>18</sup> Não pretendemos discutir a etnia turca, considerando “turco” aquele que tem nacionalidade turca, sendo seu país a Turquia.

adentrar nas referências que envolvem diretamente as razões e os dados acerca do tema da migração, a pesquisa se desenvolve em torno de componentes sobre os impactos culturais promovidos por essa comunidade turca na sua inserção social dentro da cidade de Caxias do Sul, a introdução do alimento Halal na culinária local e a busca por ele para consumo pelos membros da comunidade.

Esse capítulo irá fazer uso da História Oral, especialmente da prática de Rodas de Conversa, como fundamento para a pesquisa.

Ao longo do processo de busca de dados para a pesquisa, as rodas de conversa se revelaram uma metodologia válida não apenas para viabilizar os enunciados necessários para a análise da problemática de pesquisa como também uma ferramenta importante para reflexão e construção política (Lisbôa, 2020, p. 161).

Trabalhar com os discursos transcorridos ao longo da entrevista em Roda de Conversa, fazendo uso dessa metodologia que possibilita identificações constantes nos discursos dos membros, especialmente quando trabalhamos com imigrantes que não possuem domínio da língua e que, além do vínculo nacional de suas origens, a religião e, em especial, a sua prática religiosa cotidiana, permeia os discursos e seu impacto na comunidade.

Com base em outras experiências metodológicas acerca da prática da Roda de Conversa, podemos salientar que

Metodologicamente, nesse sentido, existe um duplo controle, o procedente do mundo artesanal e outro do mundo acadêmico e, por isso, a ecologia de saberes históricos artesanais e científicos ganha em legitimidade epistêmica. A roda de conversa “funcionou” em termos metodológicos porque a comunidades já fazia, tradicionalmente, conversas em roda. Mais que isso, as rodas eram uma das institucionalidades que organizaram a produção e reprodução dos saberes da vida na comunidade. Assim, a experiência conformou-se como uma ecologia dos saberes (Ramos Junior; Santos, 2023, p. 20).

Este conceito de ecologia dos saberes, encontrada em Santos (2019), salienta metodologicamente como se guia uma entrevista em Roda de Conversa, e vem harmoniosamente ao encontro com a premissa de possibilitar que o conhecimento parta dos próprios membros da comunidade turca, pois ao induzir os entrevistados a se sentirem a vontade para trazerem seus conhecimentos, suas perspectivas de vida e de mundo para a pesquisa, os mesmos demonstram que “[...] Os conhecimentos artesanais que circulam por toda comunidade são-lhe, no mínimo, tão bem conhecidos quanto o conhecimento científico que detém” (Santos, 2019, *apud* Ramos Junior; Santos, 2023, p. 20).

Desta forma, ao fazer uso da Roda de Conversa como metodologia e aplicar a História Oral junto aos migrantes, podemos identificar que o teor da pesquisa se concentra no aspecto cultural. A partir de seus estudos, Weber (2013, p. 14) observa que “Em termos de campos historiográficos, a metodologia da história oral direciona os estudos de imigração principalmente para a história cultural. Pesquisas sobre práticas alimentares de grupos imigrantes constituem interpretações sobre cultura”.

Assim, as frases ditas, longas e pausadas também podem causar uma significativa compreensão acerca das barreiras linguísticas entre a língua portuguesa e o turco, as transcrições realizadas nesta pesquisa procuram ser legíveis, conforme Portelli (1997),

A fim de tornar a transcrição legível, é usualmente necessário inserir sinais de pontuação, sempre, mais ou menos, adição arbitrária do transcritor. A pontuação indica pausas distribuídas de acordo com regras gramaticais: cada sinal tem um lugar convencional, significação e comprimento. Estes quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e, portanto, terminam por confinar o discurso dentro de regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ele (Portelli, 1997, p. 28).

Estas conexões entre a cultura, a religiosidade e o conjunto de fatores que levam um grupo humano a entrar em fluxo migratório, diante de um cenário político, reforçam elementos emotivos e motivacionais na fala dos entrevistados, o que torna a fonte oral uma fonte que deve ser observada com cuidado e atenção, tal como sugerido por Portelli (1997) ao afirmar que “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos” (Portelli, 1997, p. 31).

Percebemos, portanto, uma necessidade de identificar a localização dos elementos culturais inseridos na culinária turca e cruzamos com os processos históricos que a distinguem dos outros alimentos no Oriente Médio, considerando condições como o fato de que, “Durante onze séculos, o comércio mundial passou pela cidade do Chifre de Ouro [...]. Este contato se fortaleceu cada vez mais e atingiu a culinária, [...] proporcionando a entrada de uma fantástica miríade de sabores e aromas” (Camargo-Moro, 2005, p. 90-91).

Esses sabores e condimentos da culinária turca, que mistura o Ocidente grego e cristão em determinado período da sua história<sup>19</sup>, com elementos orientais e locais

---

<sup>19</sup> Período cristão do Império Bizantino, no qual o consumo de vinhos e carne de porco era apreciado.

estimulados em outro momento<sup>20</sup>, criaram identidades particulares e compartilhadas com os povos ao seu redor, os quais identificamos no espaço-tempo do Islã na Turquia, considerando-a enquanto nação e unidade étnico-religiosa rica em elementos e em experiências desenvolvidas

No percurso da culinária otomana, desde a base genética das primeiras tribos turcas, é reconhecida a presença constante dos iogurtes e do uso magistral da farinha nas diversas massas, além do das gorduras naturais, nascidos nos antigos tempos de vida nas estepes. Através das longas estradas que vinham do Oriente para o Ocidente, estes produtos iniciais se transformaram numa miríade de deliciosas construções culinárias. Também absorveram da relação com chineses o uso do arroz, além dos agridoços, e sorbets, logo burilados e repassados pelas cozinhas esplendorosas de Bagdá e Isfahan até chegarem a Edirne, Kônia e Istambul. A participação dos circassianos ou tcherkes, como os chamamos agora, é reconhecida no frango com molho de nozes e de pimenta vermelha [...]; também se podem desfiar outras heranças, caucasianas, bizantinas, gregas, romanas, egípcias, e seus realces mediterrâneos (Camargo-Moro, 2005, p. 213-214).

Conforme Lia e Costa (2021, p. 130), Caxias do Sul

[...] abriga três comunidades muçulmanas de origens distintas: uma comunidade muçulmana de origem palestina (que chegou à cidade nas décadas finais do século XX), uma comunidade muçulmana senegalesa e, a mais recente das três, uma comunidade muçulmana turca.

Dessa forma, possuímos o estudo e a análise de algumas dessas comunidades quanto à sua experiência de migrante, às suas representações e à sua religiosidade. A comunidade turca em Caxias do Sul, todavia, não tem uma relação de destaque em seu processo de fluxo migratório nas produções locais, sendo, portanto, o estudo dessa comunidade um elemento que vem a colaborar com uma análise mais ampla da presença muçulmana e das suas representações no Brasil.

Assim, a pesquisa precisará dar alguns destaques. Nesse caso, temos que nos apropriar de fundamentos metodológicos da História Oral, uma vez que, para essa etapa, as entrevistas possuem destaque, especialmente pelas experiências expostas pelos entrevistados.

Salih Yucer, sócio proprietário da Capadócia Culinária Turca, oferece-nos a visão de um migrante que chega à cidade acompanhado de outras pessoas com as quais funda a empresa. Porém, com o passar do tempo, apenas ele e sua esposa, Zeliha, continuam com ela. Suas angústias, esperanças e conquistas se confundem

---

<sup>20</sup> Período do Império Turco-Otomano e da ascensão do Islã como influenciador do cotidiano dos indivíduos.

com as buscas pela manutenção da identidade religiosa que, nesse caso, se dá por meio do alimento.<sup>21</sup>

Outras entrevistas são fundamentais. Enes, empresário que morava no Brasil há mais de 15 anos no momento do primeiro contato<sup>22</sup>, residente de Caxias do Sul desde o ano de 2021, aborda uma perspectiva diferente referente à sua relação com a cultura brasileira, em constante busca pelo Halal. Enes é um entrevistado que mantém um perfil numa rede social com o objetivo de divulgar e informar acerca dos produtos encontrados no mercado com selo Halal ou Kosher. Na entrevista realizada com Enes, analisamos, em conjunto, esse perfil na rede social Instagram, que se configura enquanto um canal mantido por um imigrante turco nacionalizado brasileiro, conhecido como Vida Halal (@vidaHalal), cujos objetivos e acompanhamentos dos alimentos disponibilizados para a comunidade muçulmana são uma fonte importante para rastreamos a forma como a comunidade busca consumir os alimentos Halal.

Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas (Lozano, 2006, p. 15).

Com base na proposta de Lozano (2006), percebemos a divisão da História Oral em duas facetas: uma técnica, com variações de historiador arquivista-documentalista ou difusor populista; e uma metódica, com variações de reducionista e analista completo. Focamos, para as entrevistas desta pesquisa, na perspectiva do analista completo, uma vez que

Esses historiadores orais consideram a fonte oral em si mesma e não só como mero apoio factual ou de ilustração qualitativa. Na prática, eles colhem, ordenam, sistematizam e criticam o processo de produção da fonte. Analisam, interpretam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais. Complementam suas fontes orais com as outras fontes documentais tradicionais do trabalho historiográfico. Não se limitam a um único método e a uma técnica, mas as complementam e as tornam mais complexas. Explicitam sua perspectiva teórico-metodológica da análise histórica e, sobretudo, estão abertos e dispostos ao contato com outras disciplinas (Lozano, 2006, p. 23).

Com base nisso, portanto, consideramos realizar a entrevista com o Sr. Salih Yucer, membro da comunidade turca, sócio proprietário de um restaurante de comida turca denominado Capadócia, no seu local de trabalho, pois esse ambiente fornece uma série de elementos que estimulam o entrevistado. Julgamos, portanto, que “No

---

<sup>21</sup> Entrevista realizada no dia 23 de fevereiro de 2023, no restaurante Capadócia Culinária Turca.

<sup>22</sup> Entrevista realizado por meio de rede social (Instagram), no dia 20 de abril de 2023, e por e-mail.

local de trabalho, o entrevistado pode ser influenciado pelo ambiente e sentir diversas pressões” (Tourtier-bonazzi, 2006, p. 236). Fizemos essa escolha apesar de o autor nos orientar que essa questão pode ser, de alguma forma, negativa, já que “[...] não existe recomendação particular quanto ao lugar, mas este condiciona o depoimento colhido [...], nunca esquecendo a influência que pode exercer a presença do esposo ou da esposa e o ambiente, seja ele qual for” (Tourtier-bonazzi, 2006, p. 236).

A interdisciplinaridade da História com as Relações Internacionais oferece-nos visões de teóricos que podem oferecer fundamentos importantes para a compreensão da estrutura social complexa que o século XXI apresenta. Voigt e Valim (2015, p. 8) indicam que “A História das Relações Internacionais ‘vista de baixo’ poderia e deveria ser muito mais um instrumento contra hegemônico do que a tácita aceitação de uma realidade dada e definida”

Com base nesse trecho do artigo dos organizadores Márcio Roberto Voigt e Alexandre Busko Valim (2015), a pesquisa procura estruturar seu embasamento para a análise proposta acerca das comunidades imigrantes muçulmanas. Os movimentos internacionais provocam com maior dinamismo o contato entre sociedades distintas e diferentes em relação a suas identidades, línguas, dialetos, culinária, música, dança, religiosidade e cultura em geral. Esse pressuposto, portanto, torna possível, ao observarmos cautelosamente e com responsabilidade os conceitos internacionalistas aplicados à História, estabelecer uma relação direta entre uma pesquisa histórica da presença local de grupos humanos e os impactos concretos de uma pesquisa global.

Portanto, o contato entre História e Relações Internacionais estabelece paralelos que contribuem mutuamente para um estudo contundente que tenha como finalidade “[...] avaliar as incoerências entre discurso e prática dos atores centrais, para ajudar a desvendar acontecimentos ou processos pouco conhecidos da História Internacional [...]” (Voigt; Valim, 2015, p. 8).

A proposta se finaliza com uma análise de estudo de caso por meio de pesquisas com produtores e consumidores de produtos Halal. Considerando a comunidade turca, procuramos fazer contato com os membros desta comunidade, buscando estabelecer entrevistas agendadas para perceber a relação entre o consumo, a produção e a inserção do alimento Halal no seu cotidiano.

Para que essa etapa se cumpra de forma coerente com os objetivos da pesquisa, que é identificar como muçulmanos se adaptam para viver sua identidade com a prática alimentar religiosa em uma cidade periférica, ex-colônia do Ocidente e

fundada por imigrantes italianos católicos, são desenvolvidas entrevistas com turcos muçulmanos residentes em Caxias do Sul e ex-residentes (pessoas que se estabeleceram na cidade e, posteriormente, migraram para outras regiões do mundo).

O último capítulo se organiza em torno do ensino de História e das possibilidades descobertas com a pesquisa que servem para a atuação no ensino interdisciplinar.

Consideramos alguns fatores para a proposta do trabalho, observando que a organização tem como base os fundamentos da orientação curricular da Educação Básica municipal da cidade de Caxias do Sul, pois acreditamos que a aplicação na Educação Básica pode fornecer resultados esperados na compreensão do tema.

Assim, estabelecemos um produto no qual há um trabalho vinculado ao ensino mais amplo e completo na formação educacional que envolva localização (sua posição local e global), identificação de si mesmo no outro (por meio da culinária, dos ingredientes, do sabor), compreensão do outro em relação a si (princípios religiosos envolvidos na relação com a comunidade turca) e solução de situações (enquanto entendimento do que é lícito e ilícito para o Islã, especialmente os consumidos pela comunidade turca sunita). Dessa forma, desenvolvido em etapas e projetos, salientamos a necessidade de uma dinâmica interacionista por parte do estudante, logo, por intermédio da gamificação, encontramos a possibilidade de prática.

De um lado, temos a perspectiva local em relação ao global, quando conduzimos uma análise aprofundada acerca da produção. Os números e as formas de conceder o selo Halal no Brasil enquanto fornecedor de tal material são aspectos que podemos estudar. A conclusão da análise global é a busca por entrevistas com pessoas que são praticantes do Islã na cidade de Caxias do Sul e desenvolver junto com elas compreensões sobre a prática do consumo Halal, os seus desafios e a relação com a identidade religiosa por meio do consumo alimentar cultural.

Utilizamos a tecnologia da comunicação como elemento principal acerca dos meios para estabelecer a relação e a interação com o conhecimento junto aos temas da pesquisa: Islã, Halal e Haram e Migração Turca. Há no produto final uma organização que possibilita, de forma ampla, o acesso ao conhecimento.

Para tal produto, portanto, realizamos a busca intensa por uma construção de um produto que tornasse a interação entre as pessoas algo íntimo e pessoal, na mesma medida que utilizamos os princípios da comunicação, por meio de aplicativos que sejam comuns e de uso dinâmico pela população, ou seja, que não se estabelece

como uma barreira, mas sim, uma possibilidade concreta de uso através de algo cotidiano (como é o caso do WhatsApp).

Assim sendo, o produto tem como fundamento tornar didático o conhecimento produzido por esta pesquisa, estabelecendo um vínculo entre a comunidade turca e seus elementos religiosos junto a qualquer membro da sociedade que queira conhecer criteriosamente os conceitos estudados na pesquisa.

Portanto, a interatividade com o uso do aplicativo de comunicação através do uso de mensagens automáticas que seguem a orientação do usuário – como podemos perceber mais detalhadamente no capítulo correspondente ao produto – desenvolvem não apenas um contato orgânico com a cultura turca e sua religiosidade presente na cidade de Caxias do Sul, como também há nesse contato um princípio de gamificação, uma vez que ele provoca o usuário a buscar mais conhecimento, e encontrará na comunidade turca e no alimento turco, a interação final do produto, saindo da interação privada e virtual, para o contato humano.

Guiados pela busca de um amplo conhecimento sobre a comunidade turca, as interações internacionais desse fluxo intenso e dinâmico de migrantes e a sensibilidade de conhecer elementos fundamentais da vida cotidiana, estabelecemos, nos próximos capítulos, as possibilidades reais de compreender que a pesquisa atende às necessidades de um programa de pós-graduação profissional, uma vez que podemos conhecer de forma completa os fundamentos conceituais sobre esse fluxo, e, de forma interdisciplinar, desenvolver um caminho que possibilite ao leitor a sensação de que uma pesquisa em história tem condições de criar vínculos e desenvolver interações com as comunidades humanas e, através desta experiência, ao ler esta pesquisa, compreender que o papel do pesquisador encontra seu destino prático quando a comunidade estudada percebe a importância da pesquisa no seu cotidiano.

## 2 HALAL, HARAM E MAKRUH EM PERSPECTIVA GLOBAL

As Relações Internacionais se moldaram na solidez dos Estados ao longo do século XIX como fundamento para eles possuírem um conjunto de informações eficientes, a fim de estabelecerem controle e aplicarem seu domínio – o imperialismo. Teorias a respeito da distribuição geográfica do mundo foram fundamentais para que os Estados praticassem sua política expansionista e exploratória.<sup>23</sup> Durante o século XX, temos um enrijecimento dessa prática (afinal, as Relações Internacionais saem do campo teórico e adentram nas políticas diplomáticas desses Estados) nas relações exteriores ao contextualizarmos as Guerras Mundiais, as Revoluções Socialistas, a Guerra Fria e, ao fim do século XX, a globalização e o terrorismo.

Assim como a História e a Historiografia, a formação disciplinar das Relações Internacionais passa pelos contextos em que os usos e os objetos de estudo se metamorfosearam ao longo do tempo, sempre de forma contemporânea às Relações Internacionais. Talvez menos influenciada pelo Estado e seus interesses pragmáticos, como ocorre com a Diplomacia e as Relações Internacionais, a História se viu influenciada por diversas correntes e ampliou o seu campo de visão para novos atores históricos, novas fontes e novos objetos de pesquisa, por meio de uma constante dinâmica de estudos teóricos e metodológicos.

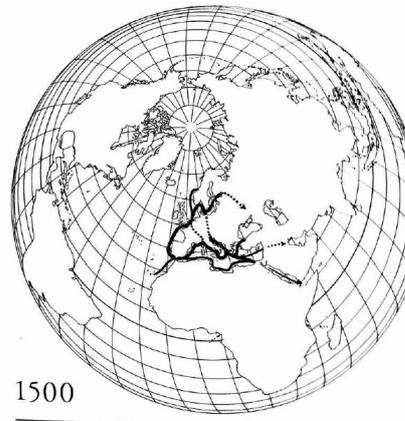
Por isso, ao conectarmos interdisciplinarmente as duas áreas, podemos criar uma possibilidade de realmente, como proposto anteriormente por Voigt e Valim (2015), criar uma História das Relações Internacionais vista de baixo. Para que possamos ser adequados teórica e metodologicamente, é importante que essa visão ocorra com base em alguns conceitos fundamentais, como a transnacionalidade.

Podemos observar análises globais ao longo da produção historiográfica. Ainda sobre seu conceito de “economia-mundo”, Braudel (2009) salienta que o espaço se modificou (e este conceito, nos facilita compreender historiograficamente o princípio de “compressão do espaço-tempo”, de Harvey, mais adiante) com o desenvolvimento das economias europeias, uma economia-mundo europeia, em fins do século XV (Figura 2), que se desenvolve para uma economia-mundo planetária, já no século XVIII (Figura 3).

---

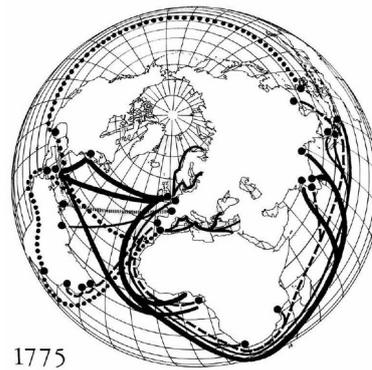
<sup>23</sup> “Mackinder, em sua clássica conferência de 1904, intitulada O eixo geográfico da história, defendia que quem governar a Europa oriental comandará o heartland, quem governar o heartland, comandará a ilha mundo e quem governar a ilha mundo, governará o mundo” (Mackinder, 1904 *apud* Castro, 2012, p. 146-147).

Figura 2 – “A economia europeia em via de expansão é representada pelos seus tráficos mais importantes em escala mundial. Em 1500, a partir de Veneza, são explorados, por apropriação direta o Mediterrâneo e o Ocidente”



Fonte: Braudel (2009, p.18).

Figura 3 – “Em 1775, os tentáculos dos tráficos europeus estendem-se ao mundo inteiro”



Fonte: Braudel (2009, p.19).

A partir dessa pesquisa, portanto, buscamos estabelecer essa conexão transnacional dos elementos e dos atores a serem estudados. Quando observamos o desenvolvimento da cultura, da religião e da identidade dos grupos migrantes muçulmanos, podemos ter como fonte de análise a sua culinária Halal exatamente por considerar que

[...] cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos – e, portanto, se inscreve em contextos – de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global (Revel, 2019 *apud* Santos Júnior, 2019, p. 71).

Todavia, para compreendermos como o Islamismo é praticado pelos diversos povos muçulmanos, precisamos também questionar como a Umma<sup>24</sup> se identifica como uma comunidade independente de fronteiras. Burzan (2004) orienta para uma divisão em dois compostos dos quais é feita uma sociedade internacional:

1. Divisão entre Estados, que é a parte contratual da sociedade internacional e abrange o domínio da sociedade institucionalizada;
2. Identidades regionais e locais e as tradições culturais coletivas, que abrangem os domínios inter-humanos (entre os indivíduos) e transnacionais (entre organizações não estatais para além das fronteiras dos Estados) (Burzan, 2004 *apud* Pires, 2013 p. 16).

Com base no trecho citado acima, conhecido como Escola Inglesa<sup>25</sup>, questionamos os elementos da Umma que nos possibilitam estudar o processo histórico da presença de povos muçulmanos de diferentes nacionalidades em uma dinâmica de fluxo de pessoas. Em contraste, temos alguns centros de tensão ao observarmos esses elementos. A vocação do Islã é transnacional, assim como a do capitalismo, mas em quais desses dois elementos vemos a maior presença e destaque quando temos diferentes povos de origem e etnia diversas? Até onde a prática transnacional da religiosidade é afetada pela transnacionalidade do capitalismo? Pois, de acordo com Burzan (2004 *apud* Pires 2012), precisamos manter a observação de que, quando e onde o âmbito contratual (Estado) não coincide com o comunitário (Islã em Estado não islâmico), é criada uma tensão entre os domínios. Logo, como podemos observar historicamente essa tensão se expressando?

Desde o século XX, a sociedade ao redor do planeta Terra passou por uma série de modificações em relação ao seu espaço e, conseqüentemente, ao seu tempo. A conexão entre os seres humanos proporcionada pelo avanço tecnológico aumenta a velocidade de comunicação, mas também aumenta a velocidade da produção de bens e serviços e do fluxo de pessoas, pois os avanços em outros setores da sociedade e em tecnologias de transporte possibilitaram a sensação de que o mundo “encolheu”<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Comunidade muçulmana global.

<sup>25</sup> Perspectiva de sociedade internacional que se distingue do conceito de sistema internacional. Na abordagem de sociedade internacional, há uma reflexão sobre a existência de uma sociedade mundial que engloba indivíduos e unidades não estatais e pode se dividir para observação das suas relações enquanto sociedade interestatal (estrutura que ocorre entre os Estados), sociedade transnacional (estrutura social composta por atores coletivos não estatais, como religião e organizações políticas) e sociedade inter-humana (estrutura baseada nas interações entre os indivíduos e nas identidades compartilhadas) (Buzan, 2004 *apud* Pires, 2013).

<sup>26</sup> Compressão do espaço-tempo de Harvey (1992).

A reorganização do mundo diante dos elementos que propuseram uma ordenação de um sistema-mundo também é passível de ser estudada juntamente com os demais elementos que compõem a perspectiva econômica e os motivos estatais das principais nações, porém há sempre uma tendência de deixar de lado importantes atores que são fundamentais numa sociedade internacional e se relacionam de formas mais dinâmicas desde o último século.

Ao longo do século XXI, percebemos mudanças importantes nas relações entre as populações mundiais. O século que se inaugura depois da Era dos Extremos (Hobsbawm, 1995) não perde as tensões que marcaram o período anterior, que tem um marco importante para o Ocidente em 1989, porém apresentando modificações que conectam com mais rapidez e eficiência as sociedades globais, ou uma ideia de aldeia global (Harvey, 1992, p. 219).

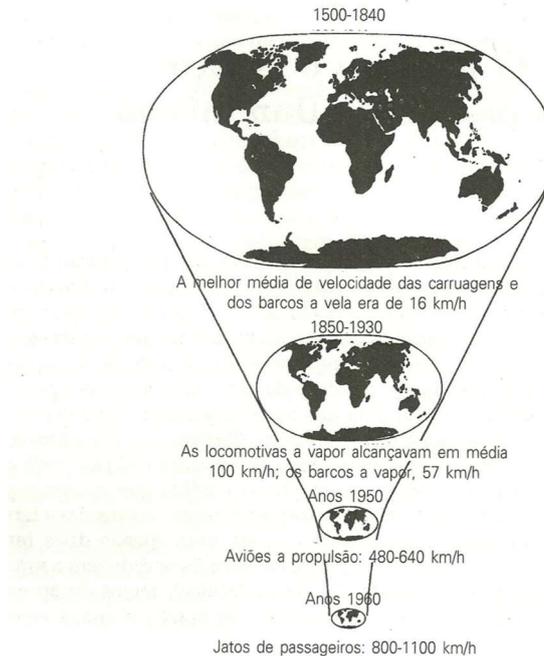
A partir dos estudos de Harvey (1992), podemos observar o fenômeno da relação entre o espaço e o tempo dentro de uma perspectiva social e econômica. Sendo um geógrafo marxista, sua leitura a respeito das relações sociais é feita a partir da ideia do movimento. Em seu livro intitulado *Condição pós-moderna*, o autor apresenta o conceito de “compressão do tempo-espaço”, também descreve um movimento mundial que começa no ano de 1500 e vai até o século XX, representando “indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós” (Harvey, 1992, p. 219). Ele, ainda, complementa com a perspectiva trabalhada – que nos aproxima da intenção de demonstrar os eventos e as condições que o século XXI coloca para todos os povos de qualquer lugar do planeta – de que

O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmos são indicadores úteis do tipo de fenômeno [...]. À medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências ecológicas e econômicas [...] e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de *compressão* dos nossos mundos espacial e temporal (Harvey, 1992, p. 219).

Em resumo, Harvey (1992) nos oferece uma imagem que representa sua tese, como podemos observar na Figura 4:

Figura 4 – Imagem desenvolvida pelo geólogo David Harvey em seu livro *Condição pós-moderna*, na qual busca expressar o conceito de compressão do espaço-tempo, causado pelo avanço na tecnologia dos transportes

## A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO



Fonte: Harvey (1992, p. 220).

É sob esse aspecto global que procuramos identificar meios de estudar o modo como os grupos de pessoas se conectam em fluxos dinâmicos de culturas, etnias, línguas, religiões, entre outros, considerando os contextos particulares de cada localidade, a origem das populações humanas e os elementos históricos que acompanham as dificuldades e as realizações dessas pessoas.

O conceito aplicado a respeito da globalização, fundamentado no aspecto de Harvey (1992) enquanto compressão do espaço-tempo, nos coloca diante de uma segunda necessidade conceitual. Se podemos observar que o intercâmbio cultural e físico de pessoas ao redor do planeta acontece por conta das acelerações de transportes e comunicação, precisamos orientar a organização mundial dos países e das nações deste planeta, pois, uma vez que se pretende estudar elementos transnacionais e globais, situá-los no globo é fundamento primordial.

Portanto, o objeto de estudo desta pesquisa é o processo de inclusão da alimentação religiosa dos povos praticantes do Islã em Caxias do Sul (Halal<sup>27</sup>). Envolvendo elementos como alimentação e religião, e contextualizando a pesquisa

<sup>27</sup> "Halal: Lícito. Aquilo que é permitido, em relação ao que não existe qualquer restrição, e cuja prática foi permitida pelo Legislador. Deus" (Al-Karadhawi, s.d. *apud* Lima, 2019, p. 64).

num processo de globalização, percebemos os desafios para a produção e o consumo do alimento Halal na culinária local.

Teoricamente, esses padrões transnacionalizados do Islã (o consumo Halal como parte da prática religiosa cotidiana do fiel, por exemplo) exigem uma abordagem global. Por conta disso, pretendemos fazer uma História Global, apesar de que ela “não tem definição unânime. Há, porém, algumas características claras, sobretudo a ideia de pensar a história para além das fronteiras nacionais e também a necessidade de se ‘provincializar’ o Ocidente” (Santos Júnior; Sochaczewski, 2017, p. 483).

A partir da perspectiva de “provincializar” o Ocidente, nós nos obrigamos a perceber uma História global, em uma produção de conhecimento realizada por meio de fonte oral e escrita proveniente dos migrantes que vieram até a cidade (e, eventualmente, saíram para novos locais, caracterizando um fluxo dinâmico com resquícios de sua passagem marcando a História local e global).

Academicamente, sempre podemos fazer uma busca por migração, imigração e emigração como conceitos-chaves, porém, analisando as mudanças na dinâmica do século XXI, observamos que as interações dos grupos humanos oriundos de diferentes nacionalidades e países não necessariamente se encaixam nos conceitos acima citados, isto é, migração, imigração e emigração, sendo, portanto, menos estabelecidos de forma fixa e, a longo prazo, os fluxos de pessoas neste século que poderão ser estudados como elementos de transformação cultural local e global.

Vários teóricos discutem os aspectos jurídicos e conceituais dos fluxos humanos e dos movimentos migratórios, uma vez que essa dinâmica desenvolve relações de tensão entre os mais diversos grupos. De acordo com Patarra (2005, p. 23),

A crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido, na verdade, objeto de um número expressivo de contribuições importantes, de caráter teórico e empírico, que atestam sua diversidade, significados e implicações.

O debate não ocorrerá em torno do conceito de imigração, emigração ou fluxos migratórios propriamente, mas fica evidente a necessidade de conceituar esses termos corretamente, pois a pesquisa partirá desse pressuposto conceitual aplicado ao contexto de globalização, no século XXI. Portanto, de forma mais sucinta, podemos observar na dissertação de Câmara (2014, p. 21), um importante apanhado teórico que nos auxilia a compreender a reflexão sobre esses conceitos aplicados ao período estudado:

Os movimentos migratórios internacionais contemporâneos se caracterizam por serem mais que fenômenos sociais, pois têm um forte componente político expresso, sobretudo, na organização dos Estados e na formação de organismos em âmbito internacional. Como argumenta Batista (2009), essa situação se confunde com a própria questão dos direitos humanos, que se impõe sobre a discussão das migrações de pessoas, conforme as perspectivas política, econômica, jurídica, histórica e até mesmo filosófica.

Um dos aspectos importantes da ciência histórica, e base do estudo aqui proposto, é nortear a humanidade para as permanências, as rupturas e a memória que os grupos humanos produzem ao longo da sua jornada pelo tempo e pelo espaço. De forma mais profunda e simples, Bloch (2001) nos brinda com uma reflexão que há muito tempo se pensa e se discute nos corredores da História, considerando que “uma ciência nos parecerá sempre ter algo incompleto se não nos ajudar, cedo ou tarde, a viver melhor” (Bloch, 2001, p. 45). Por isso, nessa pesquisa, optamos por levar em consideração um importante trecho de Bloch, para quem

[...] a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto da ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não tem outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional? [...] [Portanto,] o objeto da história é, por natureza, o homem (Bloch, 2001, p. 52-54).

No ano de 2022, Caxias do Sul apresentava 32 nacionalidades diferentes de pessoas que, oriundas do fluxo migratório global, viviam na cidade (Zanrosso, 2022). Esse processo vem de longa data com diferentes experiências e motivações. Essa informação corrobora com a perspectiva de uma cidade global, influenciada cotidianamente pelas pessoas que chegam a ela, exigindo, portanto, um olhar multidisciplinar que reforce a observação desse fluxo de pessoas, particularmente dos grupos que possuem origem na Turquia e são praticantes do Islã.

Ao observarmos a dinâmica dos grupos humanos e as suas relações, buscamos não apenas problematizar questões que atentem aos grupos humanos muçulmanos (turcos) e às suas identidades ou ao modo como esses grupos fixos da cidade observam sua posição de agentes globais, mas também propor à comunidade acadêmica uma possibilidade de revisitar as dinâmicas humanas do século XXI, conectadas internacionalmente e de forma globalizada, reconsiderando conceitos que outrora foram formadores de uma perspectiva sólida nos séculos XIX e XX.

Há uma necessidade, portanto, de obtermos um objeto construído historicamente na comunidade muçulmana e que desenvolva evidências do global no

cotidiano desses grupos. No artigo publicado por Abu Salem (2015, p. 181-182), intitulado *Religious dietary rules and the protection of religious freedom*, vemos que

O alimento, assim como a linguagem, preserva a cultura e especialmente durante períodos de migrações, ela se torna essencial por prover e sustentar a autorrepresentação no espaço público, assim como uma manutenção de suas raízes na terra natal.

Portanto, é uma História Global da alimentação, que objetiva uma análise do Islã transnacionalizado pelo fluxo de pessoas no século XXI e, portanto, os efeitos dessa globalização como parte do processo histórico da inclusão do alimento Halal.

Como há a influência de uma visão historiográfica mais recente, é preciso ter uma relação direta com os principais conceitos e trabalhos da História Global. Assim, ressaltamos a importância da leitura da obra que inaugura a perspectiva e a reflexão acerca dessas possibilidades de escritas históricas. Em sua obra *What is global history?*, o historiador britânico Sebastian Conrad (2016, p. 2, tradução nossa) salienta a perspectiva de que

Em muitos lugares, particularmente em sociedades de imigrantes, a História Global é também uma resposta aos desafios sociais e à demanda por um sistema nacional mais inclusivo e menos restrito à perspectiva sobre o passado. A mudança no currículo do Ocidente para a História Global nos Estados Unidos é um resultado típico de tais pressões sociais.<sup>28</sup>

Identificamos trabalhos realizados na linha de pesquisa de História Global realizados tanto no Brasil, quanto em outros países. No Brasil, podemos ter como base para diálogo as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que conta com uma linha de pesquisa em História Global, e diversos materiais que auxiliam na condução bibliográfica como fundamento para a pesquisa que aqui se apresenta, em especial os artigos produzidos pela Revista Esboço<sup>29</sup>.

Além disso, é importante voltar a salientar que essa pesquisa também tem como base a interdisciplinaridade. Portanto, considerando que o tema da pesquisa envolve o fluxo de pessoas, as Relações Internacionais nos fornecem diversos conceitos que podem ser aproveitados para que tenhamos um prisma a respeito do

---

<sup>28</sup> Do original: "In many places, in particular in immigrant societies, global history is also a response to social challenges and to the demand for a more inclusive, less narrowly national perspective on the past. The shift in curriculum from Western Civ to global history in the United States is a typical result of such social pressures".

<sup>29</sup> Consideramos, aqui, uma quantidade expressiva de artigos que vêm sendo estudados para esta pesquisa.

tema capaz de demonstrar perspectivas diferentes acerca dos eventos e das relações interpessoais.

Dentre alguns temas importantes para a pesquisa, temos, conceitualmente, os trabalhos da chamada Escola Inglesa, que desde os anos 90 do século XX, com o autor Barry Burzan (2004), busca identificar formas de interação internacionais para além das tradicionais perspectivas institucionais estatais ou não, emprestando-nos o conceito de “Sociedade Internacional”, que se subdivide em três cenários de interação que dialogam com a proposta desta pesquisa, são eles: sociedade interestatal, sociedade transnacional e sociedade inter-humana. Esses conceitos não apenas nos colocam em um ponto de conexão entre as Relações Internacionais e as experiências históricas dos grupos humanos em fluxo dinâmico no mundo globalizado, como também auxiliam na compreensão das suas experiências por intermédio do prisma global.

Além disso, consideramos de igual importância estar familiarizado com conceitos mais clássicos da mesma área, como o *soft power*, que, introduzido por Joseph S. Nye Jr. (2004, p. 10, tradução nossa), pode ser compreendido de forma simples, em um primeiro momento, como um antagônico ao *hard power*. Em outras palavras, podemos dizer que é “a capacidade de conseguir o que você quer através da atração ao invés de coerção ou pagamentos. Ela surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país”<sup>30</sup>.

Outra fonte de fundamental importância, e que faz a referência completa aos conceitos da população a ser estudada durante o seu processo histórico de fluxo dinâmico e prática religiosa, está nas produções sobre os povos muçulmanos e do islamismo. Partimos de uma análise histórica ampla com base na obra *O mundo muçulmano*, de Peter Demant (2004), e transitamos por outras fontes de pesquisa que tenham o estudo do islamismo, dos muçulmanos e do Islã como fundamento para compreender as diferentes práticas das populações que compartilham a mesma base religiosa.

Demant (2004) nos orienta a pensar essas diferentes expressões do Islã e algumas questões, como o fato de que, “superficialmente, o islã parece ser uma religião simples, com dogmas claros, obrigações e proibições”. Mas também nos conduz a identificar as diferentes faces que esse Islã pode receber, quando se

---

<sup>30</sup> Do original: “It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country's culture, political ideals, and policies”.

expande e acessa diferentes grupos ao longo de sua própria história. Levando em consideração elementos que são de grande importância, Demant (2004, p. 93) questiona:

Qual religião que o islã substituiu em cada um dos locais para onde se expandiu? De que forma específica o islã foi implantado nessas regiões? Qual era a relação demográfica original entre muçulmanos e não muçulmanos em cada caso em particular? E qual a relação histórica e geográfica dessas três esferas? [...] [Pois] O mundo muçulmano hoje tem um alcance global e, mais do que uma religião, é uma civilização. No entanto, não existe um único “islã”, mas vários “islãs”.

Mesmo dentro dessas várias formas de Islã, é fundamental compreender que a organização de uma religião considera que um conjunto de símbolos seja coerente com a fé e a organização da sociedade que a professa. O sagrado e o profano são parâmetros indissociáveis da ordem social dos praticantes de uma determinada religião. Dentro do Islã (Din), essa ordem considera o Islã como um esquema de vida completo, evidenciando, portanto, a diferenciação entre o sagrado e o profano, chamados, no Islã, em tradução livre, de lícito (Halal) e ilícito (Haram). Ainda há um conceito intermediário, que pode ser traduzido como desaconselhável (Makruh). As diferenças entre os três conceitos são descritas da seguinte forma:

Halal: Lícito. Aquilo que é permitido, em relação ao que não existe qualquer restrição, e cuja prática foi permitida pelo Legislador. Deus. Haram: Ilícito. Aquilo que o Legislador proibiu definitivamente; quem quer se envolva com a sua prática está sujeito a incorrer no castigo de Deus na outra vida, além de uma punição legal e determinada neste mundo. Makruh: Desaconselhável. Aquilo que o Legislador desaprova, porém não categoricamente. O Makruh é de grau menor de gravidade que o Haram, incorrendo em castigo menor, exceto quando praticado em excesso e de modo que conduza o indivíduo ao Haram (Al-Karadhawi, s.d. *apud* Lima, 2019, p. 64).

Com base nesses elementos conceituais da estrutura e da ordem criadas em torno da prática e do ato de professar o Islã em qualquer uma das suas vertentes (Sunitas: Malikita, Hanifita, Shafiita, Hanbalita e Wahabismo; Xiitas: Duodecimano, Ismaelita e Zaydita e, por último, Sufis), é de fundamental importância observar as práticas em torno do que tende a ser comum nas vertentes, ou seja, o Haram, o Halal e o Makruh. Especialmente neste estudo, temos como objeto a ser analisado (povos muçulmanos em fluxo global) as experiências históricas de adaptação (que pode ser Halal ou Markuh), o abandono (Markuh ou Haram) ou a manutenção (Halal) em um fluxo globalizado que possui experiências diversas, sejam pelas suas vertentes, suas

origens étnicas e nacionais ou suas motivações econômicas e/ou políticas para estarem em fluxo dinâmico.

Portanto, é necessário possuir uma fundamentação contextual histórica para a compreensão dos movimentos a serem estudados no período contemporâneo até o século XXI. Contudo, há elementos a serem estudados que possuem paralelo com produções historiográficas que, especialmente em Braudel (2009), podemos correlacionar. A noção de tempo e espaço, fundamental para a nossa pesquisa, possui papel central nas obras do autor dos *Annales* e oferece reflexões importantes para orientar a presente pesquisa. Uma delas ocorre quando o autor nos explica os conceitos de “economia mundial” e “economia-mundo”, correlacionando-os ao espaço estudado. Para o estudioso, há uma relação entre o que podemos chamar de “local” (economia-mundo) e global (economia mundial). Esse fato pode ser explicado, porque “A economia mundial estende-se à terra inteira: representa, como dizia Sismondi, ‘o mercado de todo o universo [...], o gênero humano ou toda aquela parte do gênero humano que faz comércio e hoje constitui, de certo modo, um único mercado” (Braudel, 2009, p. 12).

No trecho acima, percebemos o aspecto global de um tema específico do estudo, no caso, a economia. Todavia, esse mesmo tema pode ser visto, como mencionado anteriormente, por outra perspectiva. Para Braudel (2009, p. 12), isso acontece porque “A economia-mundo [...] envolve apenas um fragmento do universo, um pedaço do planeta economicamente autônomo, capaz, no essencial, de bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica”.

Concluimos com uma leitura acerca da metodologia escolhida para a coleta de dados diretamente dos povos que praticam os hábitos culturais e religiosos dentro do Islã, ou seja, por meio da fonte oral, e observamos, assim, que alguns fundamentos básicos são importantes para que a pesquisa oral se efetive de forma respeitosa com as pessoas que irão ofertar seus relatos para a pesquisa.

Além disso, precisamos compreender os conceitos do Islã para ler e identificar, nos livros e escritos sagrados, as menções aos hábitos e aos regramentos previstos tanto no Alcorão, quanto nas análises escritas e orais dos turcos muçulmanos, seja por contato pessoal, previsto nas entrevistas, seja na análise de áudio visuais produzidos para divulgação ou documentação dos hábitos, como os casos da

utilização de mídias sociais<sup>31</sup> para propagação dos seus elementos culturais e gastronômicos.

Entre os elementos a serem pesquisados, temos a correlação direta entre o consumo e a inserção do Islã na cidade de Caxias do Sul por meio da chegada de algumas pessoas que vieram da Turquia ou são de origem turca, isto é, pessoas que viveram em locais onde o Islã é uma prática religiosa da maioria da população e, por isso, as práticas cotidianas do sagrado são comuns, e servem como uma orientação política para a organização dos aspectos morais assim como para os costumes cotidianos.

É comum observarmos as pesquisas dentro da História da alimentação religiosa salientando elementos como a conexão entre as necessidades fisiológicas e espirituais que o alimento supre, como observamos em Souza (2014, p. 41):

[...] a comida como uma forma de linguagem, no sentido de que é criada pelo homem e, uma vez assimilada, passa de criação a criadora do homem. Os sistemas alimentares e culinários ajudam construir visões de mundo, através dos valores que a comida porta em cada um destes sistemas.

Assim como Souza (2014, p. 41), consideraremos “religiões como sistemas simbólicos que também constroem realidades”. Esses pressupostos auxiliam na compreensão de como é estabelecida a correlação direta entre a alimentação e a sua perspectiva religiosa prática.

Entre alguns questionamentos que foram fundamentais para a pesquisa, enquanto a bibliografia trazia elementos que denotavam o Islã como uma religião rígida e regida pela Sharia, residia a dúvida de como toda essa rigidez se apresentava no cotidiano de grupos que precisaram sair de seus países por quaisquer motivos e chegaram a um país periférico, como o Brasil, e se estabeleceram em uma cidade de interior do estado do Rio Grande do Sul, cujo desenvolvimento ocorreu sob a imagem da cultura italiana católica.

Para respondermos a esse questionamento, é fundamental partir de uma conceituação precisa e objetiva sobre os significados do que é lícito, ilícito ou desaconselhável no Islã e o modo como o segmento da alimentação se comporta acerca desses princípios. Primeiramente, portanto, conceituaremos Halal como sendo o lícito, Haram como sendo o ilícito e Makruh como sendo o desaconselhável (Lima,

---

<sup>31</sup> Os perfis @vidaHalal e @capadociaculinariaturca na rede social Instagram.

2019). E, ao lermos o que Al-Karadhawi (1989, p. 58) diz sobre às tradições, percebemos:

O que é lícito está claro e o eu é ilícito está claro. Entre os dois há assunto duvidoso em relação aos quais as pessoas não sabem se são lícitos ou ilícitos. Quem os evita de modo a salvaguardar a sua religião e a sua honra está a salvo, enquanto quem se envolve com algum deles pode estar praticando algo ilícito.

Assim como os Ulemás evidenciam em seus estudos o fato de ser com base na precisão do Alcorão que as leis islâmicas são construídas, na Surata acima se evidencia a regra de que se deve evitar o que é suspeito.

Com os fundamentos previstos na obra de Al-Karadhawi (1989), percebemos que os conceitos são aplicados para todos os elementos da vida cotidiana do muçulmano, sendo Halal ou Haram não apenas a alimentação (e dentro da alimentação, uma série de relações diretas ou indiretas com o alimento), mas o convívio familiar, os negócios, o casamento, entre outros.

Podemos perceber que o lícito e o ilícito são as formas como o muçulmano age de acordo com a vontade de Allah, seguindo as orientações do profeta Muhammad<sup>32</sup>. Assim, é criada uma prática religiosa diária e cotidiana, que evidencia o Islã como indissociável do viver. Em outras palavras, só é considerado muçulmano quem, de fato, pratica os preceitos fundamentais do Islã de forma natural e em todos os segmentos de sua vida.

Com a finalidade de compreendermos esse tema em específico na construção histórica dos significados da prática do Halal e do Haram entre os muçulmanos, utilizaremos uma bibliografia específica criada por muçulmanos (o livro de Al-Karadhawi e releituras acadêmicas realizadas por muçulmanos após à produção dessa fonte), além de trabalharmos com entrevistas com pessoas que praticam o Islã em Caxias do Sul. O caráter transnacional do Islã, portanto, sendo observado pelas perspectivas do próprio praticante – que não é uma pessoa ocidental, ou seja, alguém que teve sua identidade vinculada com o ocidente até uma eventual conversão religiosa –, possibilita uma análise a partir de uma História Global.

Dessa forma, a metodologia nos coloca numa posição de evitar os orientalismos que a bibliografia eurocêntrica da História causou nos últimos séculos,

---

<sup>32</sup> Optamos pela grafia “Muhammad” para nos referenciarmos ao profeta ‘Maomé’, a opção surge quando ao lermos o nome completo do profeta (Abul Al-Qasim Muhammad ibn Abd Allah ibn Abd Al-Muttalib ibn Hashim) procuramos manter a grafia e o fonema como original árabe.

e com maior contato entre os povos e as suas produções historiográficas, podemos compreender com maior precisão os elementos a serem estudados – no caso, a alimentação Halal em Caxias do Sul – sem que isso seja uma história nacional do imigrante (turco ou de qualquer outra nacionalidade) ou da cidade de Caxias do Sul, mas uma história global transnacional do Islã.

Podemos fazer uma observação e uma análise do livro de Al-Karadhawi (1989) enquanto fonte histórica, pretendendo correlacioná-lo com o Alcorão, pois ambas as fontes possuem elementos temporais que muitas vezes não correspondem à realidade apresentada em eventos específicos, como é o caso do objeto desta pesquisa, todavia, mesmo incorrendo em anacronismos, são – em especial, o Alcorão, por ser o livro sagrado do Islã, independentemente de sua vertente – fontes que descrevem os elementos fundamentais das práticas muçulmanas.

Começamos a nossa análise pelo principal, o livro sagrado Alcorão, pois ele possui um valor fundamental na orientação da vida do muçulmano, independentemente do ramo do islamismo que o fiel segue: Sunitas e suas escolas (Malikita, Hanifita, Shafiita, Hanbalita, Wahabismo), Xiitas (Duodecimanos, Ismaelitas, Zayditas) ou Sufis.

O livro sagrado do Islã é uma fonte primária que conta a trajetória do profeta Muhammad em sua jornada espiritual e serve como uma perspectiva de transcrição sobre os ditos que o divino falou para o profeta. Há uma necessidade de entender, portanto, o significado não apenas literário do Alcorão, mas também religioso e de orientação social para os muçulmanos.

Concordamos com Demant (2004, p. 40) quando ele sabiamente aponta que “O islã é uma religião (din), com tudo que este termo implica (crença, ritual, normas, consolação etc.), ao mesmo tempo em que é uma comunidade (umma) e um modo de viver ou tradição (sunna) que regulariza todos os aspectos da vida”.

Antes de compreendermos os fundamentos conceituais do Halal e do Haram na vida do muçulmano, devemos passar pela compreensão de dois conjuntos específicos da prática do Islã. Em um primeiro momento, observaremos os *cinco pilares do islamismo* e depois os *seis pilares da fé islâmica*.

Quanto aos *cinco pilares do islamismo*, compreendemos que os elementos presentes neles são práticas comuns a qualquer vertente do Islã, “Independente do ramo do islamismo, seja ele Sunita, Xiita ou Sufi, todos eles estão ligados aos cinco pilares, considerando-lhes como um ato de adoração a Allah” (Saifi, 2012 *apud* Lima,

2019, p. 32). Baseados em Lima (2019), descrevemos os *cinco pilares do islamismo* a seguir.

- 1) **Shahada**, ou O Testemunho da Fé: ter a convicção na frase “La ilaha Allah, Muhammadur rasoolu Allah”, que significa “Não existe verdadeira divindade, exceto Allah, e Muhammad é seu mensageiro (profeta)”;
- 2) **Al-Salat**, ou A Oração: cinco orações diárias obrigatórias, assim como são obrigatórias algumas condições para a realização das orações, como a *purificação* – ou higiene tanto da roupa, quanto do lugar de oração –, a *ablução* – ou seja, a higiene pessoal do fiel –, o *horário* – dividido entre Oração do Fajr, ou oração da alvorada (que começa ao alvorecer do dia e termina ao nascer do sol), Oração do Duhr, ou oração do meio-dia (começa com o sol atingindo seu ápice orientado pela sombra, ou seja, com a sombra em 0° em relação ao objeto, e termina com a sombra estando do tamanho do mesmo objeto referência), Oração do Asr, ou oração da tarde (ainda com referência ao tamanho da sombra de um objeto como referência, inicia com a sombra estando do tamanho do objeto após o meio-dia e termina com a sombra estando com o dobro do tamanho do mesmo objeto), Oração do Maghrib, ou oração do pôr do sol (começa com o pôr do sol e termina com o desaparecimento do crepúsculo vermelho) e Oração do Ichá, ou oração da noite (que começa com a extinção da última luz refletida do sol e termina com o raiar da aurora) –, o *direcionamento* para Meca – ou seja, todos os muçulmanos devem praticar as orações voltados, independentemente de sua localização no mundo, para Meca, mais especificamente para Kaaba, a fim de representar a sua unidade – e, finalmente, a *intenção*, partindo do pressuposto de que “o coração deve acompanhar a oração para que ela seja ouvida” (Isabelle, 2003 *apud* Lima, 2019, p. 33);
- 3) **Zakat**, ou o apoio aos necessitados: orientação para todos oferecerem 2,5% de seus bens (dinheiro ou gênero alimentício), pode ser interpretado literalmente como “crescer”, “aumentar” e “purificação”, uma vez que todos os bens pertencem, em primeira instância, a Allah;
- 4) **Jejum**, ou, de forma específica, a prática ao longo do mês do Ramadã: ocorre uma vez por ano no nono mês do calendário lunar muçulmano, entre o amanhecer e o pôr do sol, devendo o fiel se abster de comida, bebida e

relações sexuais, conscientizando, assim, o fiel sobre as dificuldades das outras pessoas;

- 5) **Hajj**, ou a peregrinação a Meca: obrigatório a todo muçulmano pelo menos uma vez na vida, desde que o fiel esteja apto mental, física e financeiramente.

Como podemos perceber, há um regramento geral na vida dos muçulmanos que envolve todas as horas do seu dia, além de relações diretas com a sua origem geográfica para evidenciar que a sua fé está sempre conectada com o profeta e a origem do Islã. A partir desse conhecimento prévio, podemos estabelecer um parâmetro fixo acerca de como é fundamental ter a percepção plena de que o ato religioso no Islã pouco ou nada se difere do ato de viver cotidianamente. Então, não poderia ser diferente em relação à organização da vida sobre o que é permitido, lícito ou puro (Halal) e o que é proibido, ilícito ou impuro (Haram).

Apesar de o termo Halal estar bastante vinculado com o consumo de alimentos, em especial às proteínas animais, é importante ter o estabelecimento acima citado de que esse conceito no mundo muçulmano está vinculado com as mais diversas vivências cotidianas do fiel.

Por ser uma obra que aborda o tema do lícito e do ilícito no Islã, no texto de Al-Karadhawi (1989) temos um ordenamento das práticas discutidas entre os intelectuais muçulmanos. É importante dizer, uma vez que diferenciamos anteriormente as vertentes do Islã, que naturalmente Youssef Al-Karadhawi pertence aos Sunitas e sua biografia é de difícil acesso, sendo que, considerando as possibilidades de pesquisa na internet (Yusuf, s.d.), podemos identificar matérias e algumas referências a ele, muitas da imprensa ocidental, que o relacionam com o Terrorismo e a Irmandade Muçulmana no Egito (Abdelhadi, 2004; Islamic, 2004). Como tal fato não passa pelos objetivos deste trabalho, observaremos exclusivamente a sua produção sobre a Sharia<sup>33</sup> e os regramentos na sua vida.

Uma vez que buscamos observar e analisar o desenvolvimento do alimento Halal em Caxias do Sul, temos que ter como consideração a que vertente os grupos que chegaram até a cidade pertencem. A partir das entrevistas e de pesquisas em outros materiais, vamos verificar que são todos Sunitas.

---

<sup>33</sup> “O termo significa ‘caminho para a fonte’ ou ‘rota para a fonte’, é um conjunto de leis que abarca os aspectos públicos e privados da vida de um adepto do islamismo. Ela compreende-se na área política, econômica, familiar, sexual, alimentar, relações sociais etc.” (Lima, 2019, p. 65).

Como estamos partindo de um pressuposto conceitual de transnacionalização do Islã, buscaremos referências em alguns estudos fora da região da presente pesquisa. Ferraz (2018) trabalha com o conceito de Halal e Haram entre muçulmanos Xiitas e Sunitas no Rio de Janeiro<sup>34</sup> e salienta algumas informações que são importantes para que possamos compreender a utilização de Al-Karadhawi neste trabalho. Primeiramente, consideramos que os muçulmanos:

[...] costumam recorrer a importações e opiniões de líderes para suprir necessidades da vida social e religiosa. Questões alimentares são interpretadas por meio dos esclarecimentos sobre os hadith, os versículos do Alcorão, e, dependendo da vertente seguida, da sunna ou das teorias dos imams (Ferraz, 2018, p. 5).

As influências externas colaboram com todos os muçulmanos que estão no Brasil (em trânsito ou fixo) e são elementos essenciais na organização da vida do fiel numa rotina em torno do Halal e do afastamento do Haram. Além disso, percebermos que essa rotina é alimentada de várias formas, por diversos grupos.

Contudo, isso não significa necessariamente que tudo é seguido de forma harmônica. Partindo do pressuposto das diferentes vertentes, que geram em si diferentes interpretações do Alcorão, apesar de não ser o foco da nossa pesquisa, podemos perceber que há um elemento subjetivo no ato das pessoas realizarem a rotina Halal. Ferraz (2018, p. 16) descreve uma situação específica na qual,

Um jovem de família árabe, reconhecido entre os sunitas por sua formação religiosa (a qual se deu em um país do Oriente Médio), disse-me que não come carne no Brasil “de jeito nenhum”, só peixe. Neste caso, o tabu pessoal do líder deu ao grupo uma mensagem exemplar sobre o “haram”. Comer peixes tornou-se um sinal seguro naquela comunidade.

Outro elemento importante da relação de perspectiva de Halal entre Sunitas e Xiitas pode ser observado na nota da empresa Alimentos Halal Brasil, que comunica:

Aprovamos APENAS aquilo que tenha tido a nossa supervisão no abate, produção, embalagens e carregamento, desde o início até o fim de todo este processo de trabalho.[...] O Centro Islâmico no Brasil não certifica uma empresa, frigorífico ou marca específica de forma indiscriminada e por tempo indeterminado, e aprova apenas quantidades específicas dentro do tempo determinado que supervisiona a produção da unidade selecionada da empresa, produção esta que carregará em seguida a etiqueta e o selo Halal do Centro Islâmico no Brasil.[...] A mera existência de termos como “Halal” ou “produzido sob os preceitos islâmicos” nas embalagens daquilo que é

---

<sup>34</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, em Brasília/DF.

oferecido ou vendido nas lojas, restaurantes ou açougues NÃO É PROVA LEGÍTIMA (Arresala, 2018 *apud* Lima, 2018, p. 190).

Logo, a transnacionalização do Islã, especialmente buscando referência quanto ao consumo de alimentos Halal que reforcem o cotidiano do fiel previsto nos princípios de sua fé, como vimos anteriormente, ao falarmos sobre os cinco pilares do islamismo, assim como a observação sobre o que é e o que não é Halal, de acordo com membros religiosos e estudiosos do islã, é um elemento de identidade com diferentes formas. Tais formas demonstram que o processo de adaptação dos povos muçulmanos não faz parte de um fenômeno estático, ou seja, os grupos reforçam sua identidade de formas diferentes em diferentes situações em que se encontram ou a partir de diversas origens.

## 2.1 HALAL E HARAM NA OBRA DE AL-KARADHAWI E NO ALCORÃO

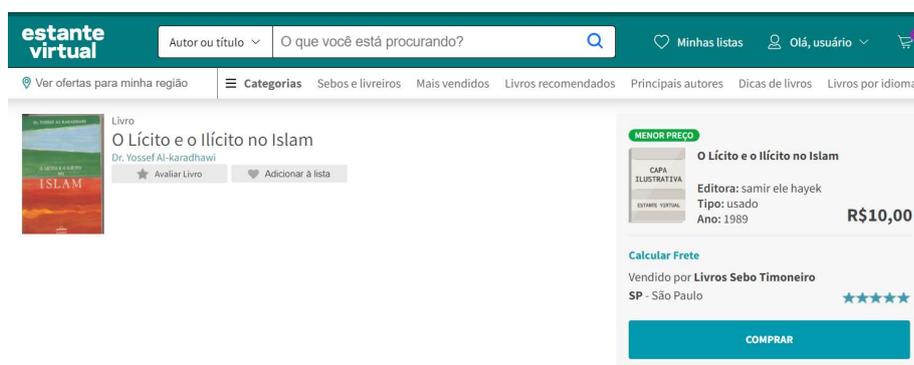
Para que algo seja considerado Halal, é necessário seguir os preceitos do Alcorão. Nesta pesquisa, utilizamos como fonte o livro de Al-Karadhawi, porque esse texto possui uma descrição bastante detalhada de diversos elementos do cotidiano da vida do muçulmano. A obra, originalmente intitulada *The Lawful and the prohibited in Islam*<sup>35</sup>, foi lançada em 1960, mas para este estudo e análise de conceitos usaremos uma tradução de 1989, revisada pelo professor Samir El Hayek (tradutor do Alcorão para a língua portuguesa, trabalho que levou 10 anos para concluir, em 1974) (Rodrigues; Vannuchi, 2002).

A versão brasileira do livro *O lícito e o ilícito no Islam*, utilizada para a compreensão dos conceitos estudados, é encontrada como sendo de 1989 (Figura 5), apesar de que o próprio livro não traz esta informação.

---

<sup>35</sup> O livro utilizado como fonte nos traz a informação de que o título original é *The Prohibited and the unprohibited in islam*, mas ao pesquisar as obras de Al-Karadhawi (também muitas vezes encontrado como Al Qaradawi) na internet, encontramos a versão presente no corpo do texto como original, o que nos demonstra apenas uma correlação gramatical de escolha pela editora.

Figura 5 – Captura de tela que mostra site utilizado para a compra do livro a ser estudado, apresentando o ano como sendo de 1989



Fonte: Site da Estante Virtual<sup>36</sup>.

A biografia de Youssef Al-Karadhawi disponível na apresentação feita pela editora do livro no Brasil<sup>37</sup>, descreve-o como:

[...] ilustre Cheikh e sábio, Dr. Youssef Al-Karadhawi, um dos grandes sábios muçulmanos da nossa época. Nasceu no Egito, em 1928, e completou os seus estudos jurídicos na Universidade de Al Azhar, doutorando-se em Jurisprudência<sup>38</sup> em 1972. Nos anos sessenta emigrou para o Catar, no Golfo Árábico, e dirigiu lá o Instituto de Jurisprudência local, que, mais tarde, tornou-se na Faculdade de Jurisprudência e Estudos Islâmicos. Hoje<sup>39</sup> ele é seu reitor (Al-Karadhawi, 1989, p.11).

Podemos compreender algumas informações disponíveis no livro se considerarmos a sua origem (Egito) e a sua emigração para o Catar, que são países de maioria sunita. Apesar de possuir forte influência local em ambos os países, Al-Karadhawi escreve respeitando às tradições e orienta o lícito e o ilícito a partir desses pressupostos, porém, escreve para todos os muçulmanos, em suas palavras: “não me restringi a nenhuma das diversas escolas de jurisprudência existentes no mundo Islâmico, pois a verdade não é monopólio de nenhuma escola sozinha” (Al-Karadhawi, 1989, p.17-18)<sup>40</sup>.

Observaremos a estrutura de sua obra para, posteriormente, desenvolvermos uma análise dos elementos separadamente, em especial da alimentação. Iniciaremos, portanto, trazendo a definição dos três principais conceitos a serem trabalhados na obra: Halal, Haram e Makruh.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/dr-youssef-al-karadhawi/o-licito-e-o-ilicito-no-islam/2888495595>. Acesso em: 27 fev. 2023.

<sup>37</sup> Editora Alvorada.

<sup>38</sup> Conceito conhecido em árabe e aplicado ao Islã com o nome original de *fiqh*.

<sup>39</sup> Considera-se 1989.

<sup>40</sup> Este trecho se encontra na Introdução do livro, assinado com base no calendário muçulmano (Safar, 1380) e no calendário gregoriano (agosto, 1960).

Esses três simples conceitos possuem base fundamental no Alcorão, sendo “Legislador” o próprio Deus (Allah) e a palavra do profeta Muhammad a única pura sobre a lei. Portanto, todos os muçulmanos são orientados por “princípios relativos ao lícito e ao ilícito”, de modo que o autor salienta onze pontos primordiais para uma observação mais aprofundada dos conceitos acima descritos, explicados a seguir:

1. A base das coisas é a permissibilidade: esse princípio se orienta pela base da crença Islã na infalibilidade de Allah, em que todas as leis e regras dadas por Ele, por intermédio do profeta, são certas e objetivas. Logo, quando não há alguma certeza ou orientação sobre algo específico, aplica-se o princípio original da permissibilidade.
2. O tornar lícito e o proibir são prerrogativas exclusivas de Deus: a autoridade sobre o Legislar não é algo humano, e se algum humano agir enquanto Legislador, estará transgredindo e usurpando a soberania divina.
3. Proibir o lícito e permitir o ilícito é o mesmo que cometer politeísmo: o Islã nasceu em um momento de transição do politeísmo arábico para o monoteísmo. Em vários momentos, percebemos, inclusive, no próprio Alcorão, relações que substituem os princípios desse politeísmo pelo monoteísmo do Islã. Por isso, considera-se que “a proibição de alguma coisa que é lícita é semelhante à comissão do politeísmo” (Al-Karadhawi, 1989, p. 42).
4. A proibição de certas coisas se deve ao fato de elas serem impuras e prejudiciais: o pressuposto maior para essa consideração, originário numa prerrogativa de que Deus não age de forma arbitrária, e suas determinações possuem uma razão de ser, sendo que a razão maior é o bem-estar dos seres.
5. O que é lícito é suficiente, enquanto o que é ilícito é supérfluo: os muçulmanos acreditam que Deus proibiu apenas o que é desnecessário, uma vez que, levando em conta a prerrogativa anterior da Sua razão para proibir, pressupõem que Ele proporcionou alternativas melhores ao ilícito, para atender as necessidades humanas e o seu bem-estar.
6. Aquilo que conduz ao ilícito também é ilícito: assim como os pressupostos anteriores, o princípio aqui descrito também é inteligível, mas a orientação descrita levanta jurisprudências observadas pelo Ocidente em relação ao Islã, como a rigidez no que diz respeito ao uso de roupas sedutoras,

encontros íntimos, convívio casual entre homens e mulheres, destaque à nudez etc.

7. Considerar o ilícito como lícito é proibido: neste princípio, identificamos a influência judaica nas práticas do Islã. De acordo com a Tradição, o profeta disse “Não fazei o que os judeus faziam para poderem tecnicamente legalizar as proibições divinas com justificativas embusteiras”. Ele estava se referindo à proibição de caçar no Sabbath, que fez com que os judeus cavassem valas na sexta-feira para que os peixes ficassem presos no sábado e fossem apanhados no domingo. Percebemos dois reforços essenciais nesta questão: a) o Islã e a lei divina são objetivos e b) os muçulmanos seguem-na de forma mais fiel que outros povos monoteístas.
8. As boas intenções não justificam a prática: “O Islã jamais poderá consentir que se use meios ilícitos para atingir uma finalidade louvável” (Al-Karadhawi, 1989, p. 53). É necessário que tanto o propósito, quanto os seus meios sejam puros, pelos meios corretos, numa clara oposição, inclusive citada na obra de Al-Karadhawi, ao ditado ocidental “os fins justificam os meios”. Não há qualquer necessidade de discutir um princípio ético quando o meio e o objetivo não estão em harmonia, de acordo com a obra, pois nunca devem estar separados.
9. Aquilo que for duvidoso deve ser evitado: este princípio se diferencia do debatido na questão 6, pois o que conduz ao ilícito não é duvidoso, e o duvidoso, por sua vez, não é categoricamente ilícito. O exemplo é dado pelo próprio profeta, e nos remonta a uma época bastante diferente para auxiliar a interpretação. Nele, disse o profeta:

O que é lícito está claro e o que é ilícito está claro. Entre os dois há assuntos duvidosos em relação aos quais as pessoas não sabem se são lícitos ou ilícitos. Quem os evita a modo de salvaguardar a sua religião e a sua honra está salvo, enquanto quem se envolve com algum deles pode estar praticando algo ilícito, como aquele que leva seus animais para pastar próximo às terras reservadas para pastagem os outros animais do Rei e que são vedadas para os animais de outros; ao fazê-lo, torna possível que algum dos seus animais invada essas terras (Al-Karadhawi, 1989, p. 58).<sup>41</sup>

10. O ilícito é proibido a todos igualmente: considerando a universalidade divina, indiferentemente de qualquer diferença entre as pessoas, seja política, religiosa, étnica etc., o lícito e o ilícito são para todos os humanos.

---

<sup>41</sup> Tradição relatada por Al-Bukhari, Muslim e outros.

A Tradição utilizada neste caso específico relata um questionamento ao profeta acerca da questão do roubo, no qual o profeta disse: “Por Deus, se Fátima, a filha de Muhammad, viesse a roubar, eu mandaria cortar-lhe a mão” (Al-Karadhawi, 1989, p. 59). Logo, podemos pressupor indistinção na prática da Sharia.

11. A necessidade estabelece exceções: o autor orienta nesta questão o pensamento de que,

Ao permitir a prática do ilícito mediante uma necessidade, o Islã permanece fiel ao seu espírito básico e princípios gerais. Este espírito [...] é o de tornar a vida mais factível e menos opressiva para os seres humanos, e de libertar as pessoas dos encargos e grilhões impostos por outros sistemas e religiões anteriores (Al-Karadhawi, 1989, p. 64).

Assim, cita a 2<sup>a</sup>, a 5<sup>a</sup> e a 4<sup>a</sup> Suratas<sup>42</sup> do Alcorão para justificar essas exceções – “Deus vos deseja a comodidade e não a dificuldade” (2<sup>a</sup> Surata, 185), “Deus não deseja vos impor carga alguma; porém se quer purificar e agraciar-vos é para Lhe agradeceis” (5<sup>a</sup> Surata, 6), “Deus deseja aliviar-vos o fardo, porque o homem foi criado débil” (4<sup>a</sup> Surata, 28).

Diante desses princípios que o autor discute no início de seu livro, compreendemos que o Islã tem em seu sistema Sharia e jurisprudência, uma organização sólida que busca racionalizar-se constantemente em diálogo direto com o Alcorão.

O livro de Al-Karadhawi (1989) que usamos como fonte para compreender os conceitos de Halal e Haram está organizado em apenas quatro capítulos. O primeiro foi descrito por nós brevemente acima e se intitula de *Os princípios islâmicos relativos ao lícito e ao ilícito*. O segundo capítulo, todavia, busca estruturar *O lícito e o ilícito na vida particular do muçulmano*. O terceiro diz respeito ao *Lícito e o ilícito no casamento e na vida familiar*. O quarto discute *O Lícito e o ilícito na vida quotidiana do muçulmano*. Depois há observações finais e duas páginas descritas como *O primeiro exemplo* e *O segundo exemplo* (que discutiremos mais adiante neste capítulo da pesquisa).

O segundo capítulo é dividido em segmentos: (1) alimentos e bebidas; (2) vestuários e adornos; (3) no lar; (4) trabalhando e ganhando o próprio sustento. Assim como o terceiro: (1) apetites físicos; (2) casamento; (3) relacionamento do marido com

---

<sup>42</sup> Também chamada de Sura ou Surat, significam os capítulos do Alcorão.

a esposa; (4) uso de anticoncepcionais; (5) divórcio; (6) pais e filhos. E o quarto: (1) crenças e costumes; (2) transações e negócios; (3) recreações e lazer; (4) relações sociais.

Dessa forma, podemos observar que o autor busca discutir de forma ampla o Halal e o Haram em todo o cotidiano do muçulmano, que nos auxilia na compreensão de como esses segmentos são importantes e estão interligados, uma vez que todos estão em diálogo constante com os princípios demonstrados anteriormente.

Antes de iniciarmos a compreensão do Halal e do Haram no segmento da alimentação, faremos uma exposição breve dos ordenamentos do Halal e do Haram no cotidiano muçulmano, lembrando do posicionamento do Islã enquanto uma religião que diverge dos princípios ocidentais. Em algumas ocasiões, podemos perceber que a tolerância e o respeito com o cristianismo começaram a ceder seus lugares a partir da aplicação da laicidade do Estado, afastando-o da religião, movimento que o Islã, por meio da Sharia, sequer discute.

Agora, discutiremos os dois últimos segmentos escritos por Al-Karadhawi (1989, p. 530-534), intitulados *O primeiro exemplo* e *O segundo exemplo*. No primeiro exemplo, o autor descreve a gradual rigidez em relação ao uso do álcool desde a revelação ao profeta até os dias de hoje, considerando um sucesso o combate ao uso do álcool, especialmente ao compará-lo com o desastre e os estragos sociais que o uso excessivo das bebidas alcoólicas causam, exemplificando com os Estados Unidos da América. No segundo exemplo, o autor nos dá uma dica importante para que possamos compreender o agir do muçulmano diante do lícito e do ilícito, do Halal e do Haram:

[...] o mero conhecimento acadêmico do que é lícito e ilícito, e dos parâmetros respectivos, não é suficiente. Apesar dos principais pecados e principais obrigações serem conhecimento de todo muçulmano, ainda assim encontramos muitos deles empenhando-se em tais pecados e negligenciando as suas obrigações, e correndo em direção ao fogo com os olhos abertos (Al-Karadhawi, 1989, p. 533).

Dessa forma, o autor menciona a relação das mulheres dos Ansar (“Os Ajudantes”, o resultado da unificação das tribos Aus e Kahzraj) em comparação às mulheres dos Coraix (ou Coraixitas, tribo mais poderosa de Meca), em que as primeiras, de imediato, ao receberem a revelação da Surata da Luz – “Que cubram o colo com seus véus” –, arrumaram qualquer tecido em ato de obediência (Pinheiro Filho, 2015). É importante que a compreensão desses segmentos pressuponha um

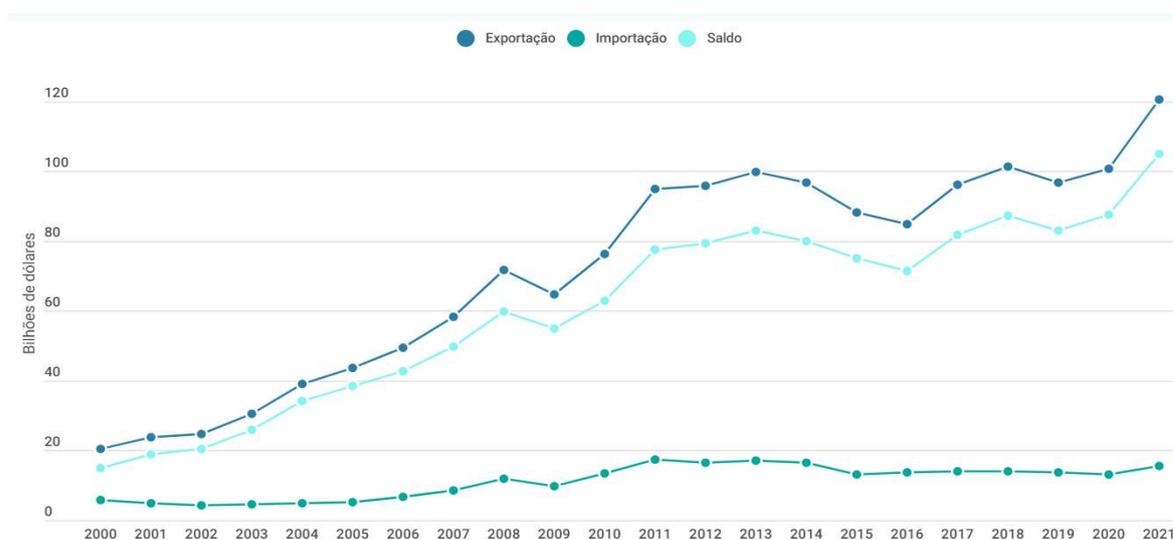
entendimento da religião e da sua prática cotidiana, sendo necessário evitar, nesse caso específico em que pretendemos compreender o Halal e o Haram no Islã transnacionalizado, buscar referências ocidentais legais ou morais que possam causar orientalismos na análise.

## 2.2 HALAL E HARAM NA ALIMENTAÇÃO

Antes de iniciarmos a análise sobre o Halal e o Haram no que diz respeito aos alimentos e bebidas e suas características mais detalhadas, precisamos fazer uma breve reflexão sobre o porquê da escolha desse tema (alimentação), em especial, ser tão importante, sejam pelos seus impactos comerciais para o Brasil e as suas relações com os países muçulmanos, seja pela questão simbólica aplicada ao cotidiano dos muçulmanos em qualquer parte do mundo e as caracterizações que esse Islã assume de forma transnacional.

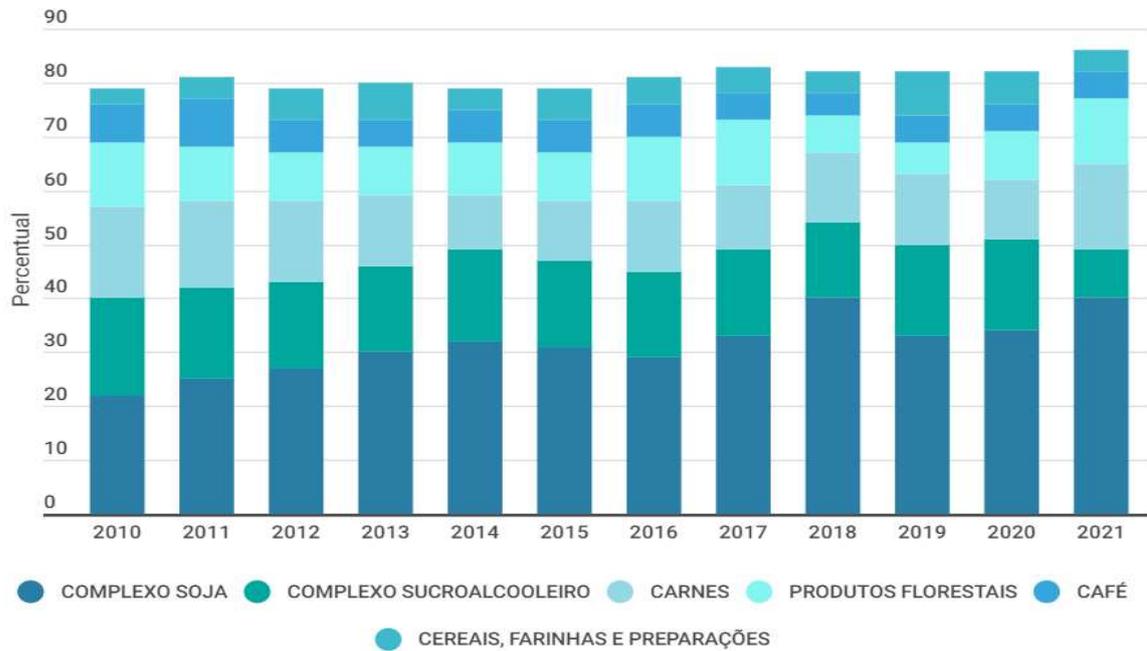
Na alimentação, o conceito de Halal aparece com maior destaque. Não por acaso, afinal o mercado do agronegócio move boa parte da economia mundial e da balança comercial brasileira. Por ser um setor que trabalha diretamente com algo essencial para a sobrevivência humana, é natural que o conceito de Halal venha a aparecer exatamente no setor da alimentação e do agronegócio (Figura 6). Dentro do setor, inclusive, temos a possibilidade de identificar um gradual crescimento na produção de proteína animal (Figura 7).

Figura 6 – Balança comercial do agronegócio brasileiro de 2000 a 2021



Fonte: Gründling; Campos (2022).

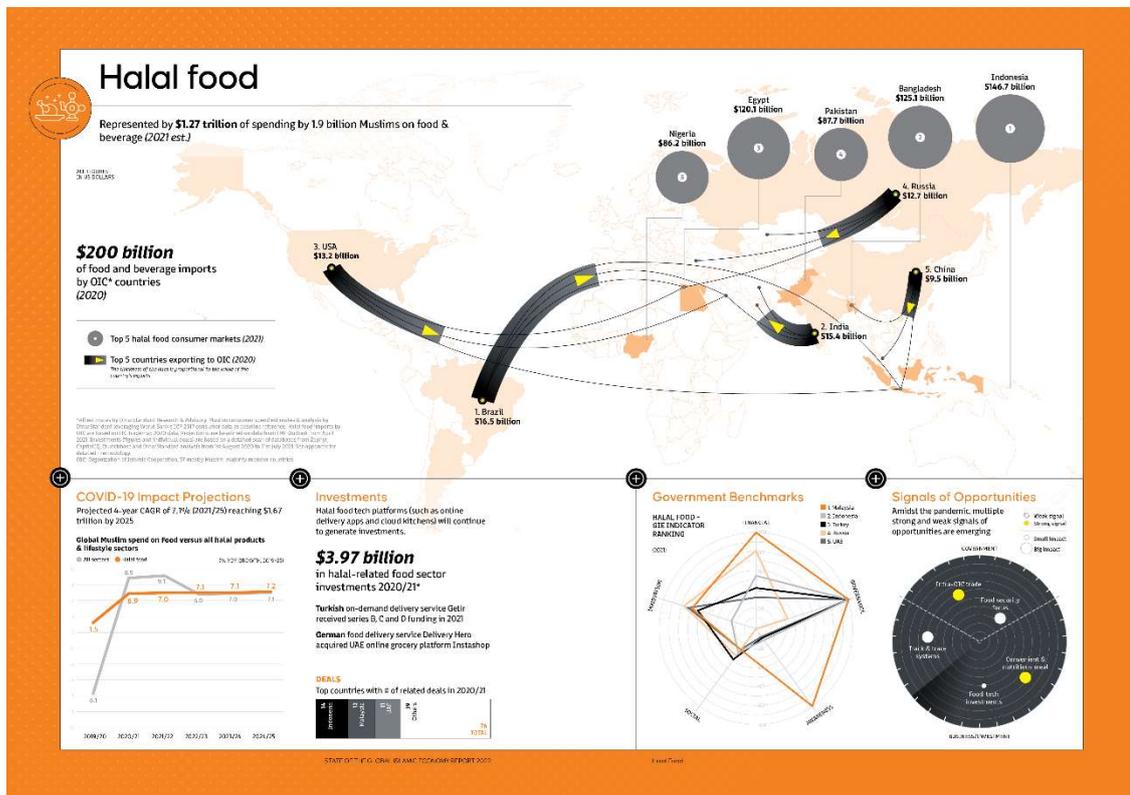
Figura 7 – Principais produtos da pauta exportadora do agro brasileiro no período de 2000 a 2021



Fonte: Gründling; Campos (2022).

Para completar os dados observados acima, que demonstram o grande volume no setor do agronegócio, faz-se importante, para a presente pesquisa, identificar o volume exclusivo na exportação do alimento Halal. Conforme observado na Figura 8, portanto, identificamos que tal elemento na economia global orienta a relação entre o termo Halal e a sua aplicação na alimentação, envolvendo o globo e sendo destaque.

Figura 8 – Relação dos maiores exportadores e consumidores de alimento Halal no planeta, dados de 2022



Fonte: Infographic Sgie (2022).<sup>43</sup>

Esses dados reforçam a importância da produção de alimentos no Brasil e, ao mesmo tempo, deixam claro, por meio de dados empíricos, que o alimento tem uma importância comercial. Continuando nesta análise quantitativa, buscamos ter os dados empíricos acerca da produção de produtos Halal na alimentação (lembrando que outros produtos podem ser Halal ou Haram, como cosméticos e roupas).

Dessa forma, tentamos compreender os aspectos elaborados no livro *O lícito e o ilícito no Islam* e a organização do mercado de alimentos, para identificarmos os componentes normativos dos órgãos que regulam a certificação de tal segmento. Conforme Lima (2018), entre os principais, podemos destacar:

- 1) FAMBRAS – Halal Certificação LTDA, com caráter sunita, certifica produtos para o mercado interno e externo;
- 2) Cibal – Halal, vinculada à empresa FAMBRAS – Halal, fornece a mão de obra especializada para o abate Halal;

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.salaamgateway.com/story/infographic-sgie-2022-Halal-food>. Acesso em: 17 mar. 2023.

- 3) CDIAL – Halal, com caráter sunita, trabalha para a certificação de produtos Halal para a exportação ao mercado islâmico mundial;
- 4) HALAL – Brasil, de caráter xiita, trabalha para diversos segmentos, como alimentos, vestuário, cosméticos, industrializados, farmacêuticos e serviços, como bancos, hotéis, restaurantes, transporte.

Portanto, a fim de que possamos compreender os elementos primordiais sobre o lícito e o ilícito no segmento de alimentação, observamos como o autor Al-Karadhawi (1989) descreve algumas questões que pretendemos analisar com mais atenção neste capítulo.

Apesar de trabalhar especificamente questões sobre a licitude e a ilicitude, Al-Karadhawi (1989) ordena conforme a procedência do alimento Halal e elenca da seguinte forma esse primeiro item, no segundo capítulo de seu livro, intitulado *O lícito e o ilícito na vida particular do muçulmano*.

(1) alimentos e bebidas

- a atitude dos brâmanes em relação à matança de animais e o consumo de carne;
- os animais proibidos aos judeus e aos cristãos;
- a atitude dos árabes pré-islâmicos;
- o Islã permite o que é sadio;
- a proibição de comer o que está morto e sua sabedoria;
- a proibição do consumo de sangue;
- a carne suína;
- aquilo que é dedicado a outro que não seja Deus;
- os tipos de animais mortos;
- as razões da proibição das categorias precedentes;
- os sacrifícios de animais;
- a exclusão dos alimentos marinhos;
- o aproveitamento do couro, dos ossos e pelos do animal;
- a necessidade de estabelecer exceções;
- a necessidade médica;
- a necessidade inexistente se há abundância ou excesso de alimentos na sociedade;

(2) o modo islâmico de abate

- todos os animais marinhos são lícitos (Halal);

- os animais terrestres são proibidos;
- os requisitos do abate da maneira islâmica;
- as condições do abate islâmico;
- a sabedoria da maneira islâmica de abate;
- o significado da referência ao nome de Deus;
- os animais abatidos pelo povo do livro;
- os animais abatidos para as igrejas e para os festivais cristãos;
- os animais abatidos por choque elétrico e outros métodos;
- a carne dos masdeístas e outros tais;
- uma regra: aquilo que não vemos, não deve ser esquadrinhado;
- a caça;
- as condições relativas ao caçador;
- as condições relativas à caça;
- as condições relativas ao instrumento;
- a caça com armas;
- a caça com cães e outros recursos parecidos;
- quando a caça é encontrada morta;

(3) intoxicantes

- tudo que intoxica é ilícito;
- qualquer coisa que intoxica em grandes quantidades é ilícita em qualquer quantidade;
- não se deve comercializar bebidas alcoólicas;
- a bebida alcoólica não pode ser dada como presente;
- é preciso evitar festas com bebidas alcoólicas;
- o álcool, sendo ele próprio uma doença, não pode ser medicamento;

(4) drogas:

- o consumo de coisas prejudiciais é ilícito.

Como podemos notar, o espectro trabalhado por Al-Karadhawi (1989) é bastante extenso, mesmo se considerarmos que cada item é trabalhado em uma ou duas páginas cada, o que dá a impressão de ser pouco conteúdo, porém são conteúdos trabalhados de forma objetiva em consonância com o Alcorão.

Como vimos anteriormente, o Halal e o Haram, por mais objetivos que sejam, exigem princípios racionalizados para justificativas sobre suas práticas, que são

discutidas entre os intelectuais do Islã (o que é o caso do autor que estamos estudando enquanto fonte para o conceito). Dessa forma, podemos analisar esse capítulo de seu livro, de forma a compreender os grupos trabalhados por ele.

A princípio, o texto coloca o leitor em contato com outros povos, como os brâmanes que, segundo o autor, por subsistirem com apenas vegetais (e, sendo que o Islã não proíbe os alimentos vegetais, excetuando os que venham a ser fermentados, podendo virar álcool ou outros intoxicantes), proíbem apenas para si próprios o abate de animais, por considerarem a matança de animais uma crueldade. Entretanto, o autor justifica o consumo de carne e do abate animal, quando reflete: “se meditarmos a respeito da criação, compreendemos que tais animais não foram criados apenas para si próprios, pois não lhes foi dado nem intelecto, nem a liberdade de escolha [...] posição natural deles é tal que os submete ao serviço do homem” (Al-Karadhawi, 1989, p. 67). Ele segue a justificativa, afirmando que o animal, mesmo sendo poupado pelo homem, ainda estará à mercê da natureza e se “tornará presa de outro animal ou morrerá de algum outro modo, possivelmente bem mais doloroso do que pelo golpe fulminante de uma afiada faca” (Al-Karadhawi, 1989, p. 67).

Além de deixar explícita uma justificativa para o consumo de proteína animal, o autor nos dá uma preciosa dica sobre como o abate de animais deve ser praticado. Assunto que irá trabalhar de forma mais detalhada mais adiante no seu livro.

Após essa justificativa, o autor segue seu texto, salientando as diferenças que serão cruciais para o Islã, especialmente em sua origem: os judeus e os cristãos, com os quais o Islã, por considerar povos do livro, alimenta uma relação bastante amistosa e tolerante, buscando uma proximidade em seus aspectos teológicos monoteístas, mas distante em relação à sua própria posição de ser a última revelação divina; e os povos pré-islâmicos da península arábica, os quais, divididos em tribos nômades, são referenciados em diversos momentos do que vamos estudar acerca das definições do Halal e do Haram, com muitas referências aos modos de agir diante da caça e do tipo de alimento a ser consumido, assim como o ritual para o abate invocando Deus (Allah).

Os próximos elementos trabalhados pelo autor são as proibições, ou o que é Haram, por exemplo, consumir o que está morto, o que apresenta sangue e carne suína. Ele se orienta pelo Alcorão:

Estão-vos vedados: a carniça, o sangue; a carne de suíno e tudo que tenha sido sacrificado com a invocação de outro nome que não seja o de Deus; os animais estrangulados; os vitimados a golpes; os mortos por causa de queda, ou chifrados; os apanhados por fera, salvo se alcançardes sacrificá-los

ritualmente; o que tenha sido sacrificado para os ídolos (Alcorão, 5ª Surata, versículo 3).

Esse trecho do Alcorão é bastante objetivo nas proibições e nas definições do que é Haram, mas também nos orienta no tempo para um momento específico. É primordial que seja compreendido por nós que esses elementos estão situados em um local e um momento, em que as tribos arábicas nômades politeístas antes do Islã possuíam práticas que vão ser revertidas pela nova religião. A caça era fundamental na alimentação desses povos. Por isso, esses elementos são abordados de forma tão evidente no Alcorão, sendo discutidos, inclusive, nos dias atuais.

Podemos levantar algumas hipóteses do porquê de esses elementos citados na 5ª Surata ainda serem discutidos nos dias de hoje. O mais coerente com o debate dentro do Islã é a questão de que a revelação em si, por ser divina, deve ser sempre seguida e nunca discutida. É um princípio teológico com um fim em si próprio. Outra questão que pode ser discutida é a sua função prática, pois ao salientar a proibição de animais que tenham morrido estrangulados, golpeados, derrubados, chifrados ou apanhados por fera, é natural, mesmo que sem intenção, que reforce o ritual Halal, mesmo no século XXI, momento em que é improvável encontrar um animal morto por caça que venha a ser considerado próprio para consumo.

O ritual versa acerca do lícito. É ele que torna o consumo animal lícito. Então sem o ritual, podemos supor que o animal não é lícito, por ocasião do que vimos na 5ª Surata. Além disso, o ritual ainda promove a purificação, por meio da eliminação da proibição do consumo de sangue. É possível observar uma comparação com os povos pré-islâmicos, uma vez que o autor cita que “uma pessoa que estivesse com fome era capaz de espetar um animal com um osso ou outro objeto de ponta, recolhendo e bebendo o sangue que fluísse” (Al-Karadhawi, 1989, p. 73).

Outra proibição, que pode ser vista na 5ª Surata versículo 3, diz respeito ao consumo de carne suína. A explicação é simples: tal animal não é purificado em qualquer forma de ritual, uma vez que “o porco gosta de chafurdar na imundície e no dejetos, sua carne é repugnante às pessoas de gosto decente” (Al-Karadhawi, 1989, p. 73).

As razões por trás dessas proibições estão em harmonia com princípios de que o ser humano, sendo uma criatura criada por Deus, não deve se degradar a comer restos de outros animais, carniça (o que naturalmente é repugnante e maléfico para a saúde), nem se permitir negligenciar um animal que está sendo tratado para o abate,

ou seja, não deve consumir a carne de um animal que morreu por ferimento de chifrada ou qualquer outro combate que denotaria alguma forma de tortura com o animal. Por isso, os muçulmanos não podem consumir a carne desse animal nem a de um animal sacrificado em nome de outra divindade (outra relação que percebemos ter uma localização espaço-temporal de contradição aos hábitos dos povos nômades pré-islâmicos).

Para, de fato, compreendermos a questão da licitude do consumo animal, o Halal, precisamos observar alguns elementos. Na 5ª Surata do Alcorão, em seu versículo 96, é possível pressupormos, a partir do que Deus disse – “Está-vos permitida a caça aquática; e seu produto pode servir de provisão tanto para vós como para os viajantes” – que todo animal marinho é lícito. Além disso, é irrestrita a utilização do couro, dos ossos e dos pelos dos animais (inclusive do cão e do porco). No caso do uso do couro, ele deve ser curtido, pois a curtição o purificaria.

De forma a suscitar discussão, mas sendo um princípio simples do Alcorão e do Islã, vemos a necessidade das pessoas criam exceções. Portanto, doenças, fome ou casos em que a pessoa venha a ser impelida ao uso de algo ilícito, ou seja, quem não vê outra opção, estão livres de recriminações. O princípio é repetido no Alcorão, na 2ª Surata, versículos 172 e 173:

Ó crentes, desfrutai de todo o bem com que vos agradamos e agradecei a Deus, se só a Ele adorais. Ele só vos vedou a carniça, o sangue, a carne de suíno e tudo o que tem sido sacrificado sob invocação de outro nome que não seja o de Deus. Porém, quem, sem intenção nem abuso, for impelido a isso, não será recriminado, porque Deus é Indulgente. Misericordioso. (Alcorão, 2ª Surata, versículo 172-173).

Na 6ª Surata, versículo 119, temos: “Ele já vos especificou, quanto ao que proibiu para vós, salvo se vos fordes obrigado a tal”. Já na 5ª Surata, versículo 3: “Mas, quem obrigado pela fome, sem intenção de pecar, vir-se compelido a alimentar-se do vedado, saiba que Deus é Indulgente, Misericordioso”.

Porém, a noção de que a necessidade abre precedente para o consumo de algo ilícito está em direta relação com o princípio do Zakat, ou a obrigação de apoio aos necessitados. Considerando essa obrigação, entendemos que em uma sociedade abundante é necessário cumprir mais a obrigação, assim, há maior distribuição de ajuda e, conseqüentemente, menor precedente para o uso de Haram enquanto necessidade.

Em relação à necessidade médica, há questões importantes. Primeiramente, devemos considerar que Deus não teria proporcionado qualquer cura por meio do que é Haram. Al-Karadhawi (1989) cita a Tradição relatada por Al-Bukhari<sup>44</sup>: “Certamente Deus não vos proporcionou nenhuma cura naquilo que Ele vos proibiu” (Al-Karadhawi, 1989, p. 82). No entanto, a questão é bastante complexa, uma vez que as medicações são desenvolvidas em indústrias geralmente ocidentais. Além disso, a consideração acerca do Halal e do Haram encontra paradoxo, neste caso, na consideração da preservação da vida. Dessa forma, vemos a seguinte orientação para o uso de ilícitos em condições médicas:

1. A vida do paciente corre perigo se ele não tomar medicação; 2. Não existe medicação alternativa ou substituta a partir de substâncias de fontes lícitas; 3. A medicação é prescrita por um médico muçulmano que não é só conhecedor da matéria como também é temente à Deus (Al-Karadhawi, 1989, p. 83).

Outro elemento que é objetivo nas definições de Haram, especialmente, é o consumo de intoxicantes, ou Khamr, em árabe (bebida inebriante que causa intoxicação). Esse segmento previsto na lei islâmica é mais um dos que o autor relaciona com os povos pré-islâmicos, uma vez que “Na era pré-islâmica os árabes eram apreciadores do vinho e de festas com bebidas” (Al-Karadhawi, 1989, p. 112). O autor salienta que o “amor” pelo vinho era muito nítido, existiam centenas de nomes para o vinho e o amor que os povos tinham pela bebida, tanto que era incluído em suas poesias. Dessa forma, gradualmente, Deus foi proibindo o consumo, salientando que o mal ocasionado é maior que os eventuais benefícios, condenando o comparecimento às orações quando embriagado e, finalmente, vedando, de forma definitiva, no Alcorão, conforme citado por Al-Karadhawi (1989, p.112).

Ó crentes, a bebida inebriante, os jogos de azar, a dedicação às pedras e a adivinhação com setas de rãdomancia, são manobras abomináveis de Satanás. Evitai-os, pois, para que prospereis. Satanás só ambiciona infundir-vos a inimizade e o rancor mediante a bebida inebriante e o jogo de azar, bem como apartar-vos da recordação de Deus na oração. Não desistireis diante disso?

Esses elementos vão se estendendo à drogadição, pois o princípio de não consumir intoxicantes se aplica a cada um dos produtos que vieram sendo desenvolvidos ao longo do tempo. Vale ressaltar que a proibição vai ampliando para

---

<sup>44</sup> Teólogo sunita persa que viveu entre 810 e 870.

não presentear alguém, mesmo não muçulmano, com bebida alcoólica, não informar onde consumir e não estar em mesmo ambiente em que o consumo é realizado.

Essas informações nos possibilitam uma maior capacidade de compreensão dos procedimentos para as considerações do que é Halal e Haram. Assim, ao nos guiarmos para uma análise do modo islâmico de abate, dedicamos um subcapítulo específico para esse tema.

### 2.3 O ABATE HALAL

Como vimos a respeito da aplicação do conceito de Halal e Haram na alimentação, o Alcorão é bastante objetivo em relação às proibições, no caso, à carne suína, aos casos de animais mortos sem se saber a forma, ou seja, por outros animais ou por doenças – o que por si só já alega a proibição de se alimentar de carniças –, e aos animais mortos em nome de outros deuses. Um animal ilícito não se torna lícito mesmo seguindo as condições previstas no abate islâmico.

Dessa forma, temos duas dúvidas para elucidarmos aqui. Em primeiro lugar, quais são os animais lícitos? Em segundo lugar, quais são os procedimentos do abate Halal? Os animais para consumo estão divididos em dois grupos, os mansos e domesticados e os selvagens e não domesticados. À exceção dos que são proibidos de forma categórica pelo Alcorão, todos são permitidos para consumo, desde que sejam abatidos da forma correta.

Al-Karadhawi (1989, p. 88-91) acredita que, de acordo com a Sharia, é preciso que as pessoas sigam as seguintes condições:

1. O animal deve ser abatido com um objeto afiado que seja capaz de fazê-lo sangrar pelo corte de vasos sanguíneos, mesmo que o objeto seja uma pedra ou um pedaço de madeira [...]
2. O abate deve ser executado degolando o pescoço do animal ou perfurando-o na concavidade da garganta, causando sua morte. A melhor maneira é cortando-lhe a traqueia, o esôfago e as duas veias jugulares;
3. Nenhum outro nome além do de Deus deve ser pronunciado sobre o animal durante o ato do abate [...];
4. O nome de Deus deve ser mencionado durante o abate animal. Isto está claro nos textos Alcorânicos e nas Tradições. Diz Deus, o Altíssimo: “Não comais aquilo para o qual não haja sido invocado o nome de Deus, porque isso é uma profanação” (Alcorão, 6ª Surata, versículo 3).

Assim, percebemos que a purificação do animal abatido necessita seguir regras específicas. Com a faca afiada, o animal deve ter seu sangue todo drenado ou, pelo menos, que seja drenado o máximo possível, uma vez que a proibição é de consumo

de sangue fluente. Como já vimos, o autor considera que os povos pré-islâmicos nômades tinham este hábito.

Da mesma forma que a proibição do consumo de sangue fluente é destacada e diretamente relacionada com o período pré-islâmico, a invocação do nome de Deus é outro elemento que dá uma identidade específica ao consumo islâmico da proteína animal, pois se diferencia dos antigos sacrifícios politeístas e direciona o abate para o consumo, exclusivamente. Al-Karadhawi (1989, p. 90) comenta o assunto:

A forma correta de se evocar o nome de Deus durante o abate é “Bismillah, Allahu Akbar” (Em nome de Deus, Deus é Grandioso). Nesta situação, as palavras Ar-Rahman, Ar-Rahim (Clemente e Misericordioso) não seguem Bismillah como normalmente se faz, uma vez que o ato de abate não é um ato de misericórdia.

Essas informações encontradas na fonte, isto é, no livro de Youssef Al-Karadhawi, também são orientações encontradas nos sites das empresas certificadoras, como a FAMBRAS (Figura 9).

Figura 9 – Descrição do abate Halal pela FAMBRAS

Home A Empresa ▾ Certificação ▾ O Mercado ▾ Conceito ▾ Halal News ▾ Downloads ▾ Fale Conosco ▾

### Requisitos para o Abate

- Durante o abate, é proferida a Tasmiyah (bismillah Allahu Akbar): Em nome de Deus, Deus é maior.
- O corte precisa ser único e preciso, por isto a necessidade de uma faca bem afiada, a fim de que atinja as estruturas de uma só vez.
- Este corte deve alcançar as quatro estruturas da região do pescoço, que são o esôfago, traqueia, veias jugulares e artérias carótidas. Esta é uma condição necessária para que ocorra o abate halal. O corte nestas estruturas facilita o escoamento do sangue do corpo do animal e o tempo de escoamento é respeitado a fim de garantir a total sangria.
- O abate Halal é executado separadamente do não-Halal;
- Os animais, para serem abatidos, devem ser saudáveis e aprovados pelas autoridades sanitárias competentes.
- O animal, para ser abatido, deve estar em perfeitas condições físicas.
- O abate será executado somente por muçulmano mentalmente sadio, que entenda, totalmente, o fundamento das regras e das condições relacionadas ao abate de animais no Islam.
- O abate será feito com intenção e o sangrador deve estar totalmente ciente de sua ação.
- Os equipamentos e os utensílios utilizados no abate Halal são exclusivos para esse tipo de degala.
- O esgotamento do sangue deve ser espontâneo e completo.
- O inspetor muçulmano treinado e tem a responsabilidade de checar se os animais são abatidos corretamente, de acordo com a Sharia (jurisprudência islâmica).
- A ave abatida somente poderá ser escaldada, após a confirmação da morte pelo abate Halal.

Fonte: Site da FAMBRAS<sup>45</sup>.

O autor ainda trabalha outros elementos, como a caça. Como a nossa pesquisa busca identificar o processo transnacional do Islã por meio da alimentação Halal no século XXI, não teremos exemplos concretos de prática de caça capazes de se adequar aos pressupostos de Halal e Haram previstos na fonte. Desse modo,

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.fambrasHalal.com.br/abate-Halal>. Acesso em: 23 mar. 2023.

consideramos que os elementos previstos para a aplicação do conceito estão, de certa forma, coerentes com a pesquisa.

## 2.4 O HALAL COMO ELEMENTO GLOBAL DO ISLÃ TRANSNACIONAL

Com esses elementos analisados anteriormente no capítulo e por intermédio da fonte oral e da fonte escrita (especialmente o Alcorão e o livro de Al-Karadhawi), o objeto a ser estudado, alimento Halal, nos fornece uma interpretação de História Global com riqueza de elementos culturais, religiosos e geográficos, podendo ser analisado interdisciplinarmente com os conceitos emprestados das Relações Internacionais.

É recente o movimento historiográfico conhecido como História Global. Suas perspectivas, que promovem uma escrita integrada com outras disciplinas e áreas do conhecimento, possibilitam que a observação histórica dos fenômenos humanos seja incorporada de forma mais ampla, principalmente sob o olhar dos agentes periféricos. Esse fato aumenta a possibilidade de o pesquisador não cometer alguns possíveis equívocos científicos que os estudiosos das Ciências Humanas já cometeram, como orientalismos, por exemplo, ao observar grupos humanos pela perspectiva ocidental.

Dessa forma, a relevância do atual estudo está na ampla possibilidade de observar o contato entre povos humanos de origens, religiões, línguas e costumes culturais diferentes pelas perspectivas dos próprios povos, buscando excluir influências de conceitos que encontram dificuldade de encontrar ressonância nas dinâmicas estudadas. Dito de outra forma, ao observarmos muçulmanos de origem turca e muçulmanos de origem senegalesa em um fluxo dinâmico na cidade de Caxias do Sul, que possui uma identidade local muito ligada ao movimento de imigração italiana, porém, com uma diversidade local religiosa e cultural ampla, podemos, com esse estudo, identificar pontos de conexões de povos periféricos e suas interações com mais nitidez quanto às suas próprias experiências.

O estudo parte do pressuposto conceitual da globalização, não apenas no que diz respeito à divisão internacional do trabalho, mas também como pontos de conexões entre povos e culturas de diversas origens, sejam elas pelo universo de contato físico ou virtual.

Mais do que apenas observar o outro, o atual estudo propõe-se a ser o outro, a compreender o outro pela perspectiva desse ser humano, e compreende que, se há

conexão global entre povos periféricos que possuem etnia, cultura, religião, língua e história escritas de formas diferentes e desconexas no passado, são grupos que se identificam e se compreendem de forma natural. Entendemos como global essa forma natural. Em consequência disso, a discussão sobre esse elemento presente entre os grupos que se conectam tende a minimizar as diferenças, naturalizando, assim, a conexão pessoal de grupos humanos e de culturas diferentes.

Notamos, também, que a pesquisa salienta alguns conceitos como global, etnia, cultura, religião, língua, história, nacionalidade, país etc., os quais emergem por meio da interdisciplinaridade, que é o elemento crucial do primeiro interesse em observar essas dinâmicas e esses fluxos de pessoas. Conhecendo a recente área do conhecimento das Relações Internacionais, podemos não apenas ver os conceitos institucionais de Estados e Governos sobre os aspectos concretos políticos, mas entender que a perspectiva desses conceitos aplicados a diversos grupos humanos possui caráter fundamental, ou seja, como o global ou a relação internacional afeta o cotidiano dos indivíduos e dos grupos de pessoas? Partimos, portanto, de um pensamento: “A História das Relações Internacionais ‘vista de baixo’ poderia e deveria ser muito mais um instrumento contra hegemônico do que a tácita aceitação de uma realidade dada e definida” (Voigt; Valim, 2015, p. 8).

Antes de levarmos em consideração os elementos descritos acima, é preciso fazer uma observação sobre os aspectos fundamentais do Islã, para compreendermos os povos que chegam à cidade de Caxias do Sul no século XXI e estabelecem a dinâmica a ser estudada. Ao conhecermos esses conceitos de forma a observar as relações dos muçulmanos com o Islã, a Sharia, o Halal, o Haram, os Hadiits etc., compreenderemos como observar a própria prática religiosa desses grupos. Ainda fazendo o levantamento bibliográfico, e com o intuito de estabelecer um parâmetro sólido sobre o que é global, é preciso manter contato com as produções conceituais dessa historiografia – o mesmo ocorre com alguns autores das Relações Internacionais que orientam o estudo não ocidentalizado – e, posteriormente, fazendo uso da História Oral, coletar dados e informações das pessoas e dos grupos humanos que estão ainda estabelecidos (e, se possível, os que não mais estão, mas estiveram na cidade no passado), praticantes do Islã, acerca das possibilidades de as suas práticas serem cotidianas e respeitadas com a fé professada por eles.

Questiona-se, portanto, como orientação para responder os conceitos a serem trabalhados, o seguinte problema: de que forma os grupos muçulmanos que

chegaram à cidade de Caxias do Sul no primeiro quarto do século XXI encontram meios para manter suas práticas religiosas e cotidianas de alimentação Halal?

### 3 ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE TURCA EM CAXIAS DO SUL

A experiência da comunidade turca na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, está envolvida nas peculiaridades observadas até então. Ao nos debruçarmos sobre as suas experiências e suas formas de inserção, percebemos as nuances que formam os membros da comunidade através da história da relação do Islã turco com sua trajetória política ao longo do fim do Império Otomano até os dias do governo de Recep Tayip Erdogan, no século XXI.

Desta forma, podemos perceber nesta relação a importância estrutural do Movimento Gulen Hizmet, o qual os membros fazem parte. Com base nas características do Movimento, estudadas no capítulo anterior, entendemos que é através dessas perspectivas que identificamos as práticas cotidianas dos membros da comunidade.

Por último, propositalmente, pois engloba as formações da comunidade e de seus membros de forma conclusiva, temos a prática do Halal como fundamento religioso essencial para a transnacionalização do Islã por intermédio desta comunidade específica, e suas características peculiares.

Portanto, ao longo do processo de busca por contato com os nomes identificados nas publicações locais, foi possível, através das redes sociais (e-mail e perfis no Instagram) um primeiro contato, explicando as intenções da pesquisa.

Assim, um primeiro momento de diálogo se estabeleceu com Salih Yucer, no próprio restaurante Capadócia, no ano de 2022. O contato com Salih foi realizado pelas redes sociais, através do perfil do próprio restaurante Capadócia no Instagram. Em mensagem direta para o “perfil” da empresa, após alguns dias, obtivemos resposta. Foi assim que marcamos de nos encontrar pessoalmente em um fim de tarde (horário em que o restaurante abriria), e realizamos nossa primeira conversa, que contou com a presença de Zelih, esposa de Salih.

Após a realização deste primeiro contato, a aproximação junto à comunidade turca se tornou mais fluida, e os contatos se ampliaram. Também fazendo uso de redes sociais, como o Instagram, foi possível estabelecer um contato com o senhor Enes, que no ano de 2024, estava no Brasil há 16 anos e, em Caxias do Sul, há 2 anos, ou seja, Enes, sua esposa Zeliha e filhos se mudaram para a cidade por volta do ano de 2022.

Enes, sócio proprietário da empresa Armoni, nunca se apresentou formalmente como um líder, porém, considerando o fato de estar há mais tempo no Brasil, ter trabalhado como professor de Turco na cidade de São Paulo, possuía um trânsito facilitado na comunicação da comunidade turca que chegava ao Brasil. Com Enes, foram diversos contatos por telefone e pelas redes sociais, como o WhatsApp. Em todos os momentos, ele demonstrava interesse em estar na pesquisa e de nos ajudar a estabelecer contatos.

Por se tratar de uma análise sobre as relações que se estabelecem num recorte temporal contemporâneo, esta pesquisa possui um benefício no que diz respeito às suas fontes. A proposta não é de uma pesquisa de História Oral, todavia, tais metodologias são essenciais e fundamentais para a compreensão da inserção das comunidades turcas na cidade de Caxias do Sul e todo seu processo histórico, envolvendo a possibilidade de estarem em diversos momentos diferentes, em outras cidades do Brasil ou, até mesmo, em outras cidades do mundo que não na Turquia, possam colaborar com a construção da experiência com relação ao alimento halal.

Dentro desta perspectiva, no capítulo intitulado *Desafios à História Oral do Século XX*, Alberti, Fernandes e Ferreira (2000, p. 34) afirmam:

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional.

Como precisamos analisar uma narrativa, apresentando substanciais considerações acerca dos momentos, locais e trocas desenvolvidas com as pessoas entrevistadas é natural que surja a necessidade de se apresentar o grupo de pessoas que se fazem presente na cidade de Caxias do Sul no ano de 2023 (época em que as entrevistas ocorreram, mais precisamente de julho de 2023 até dezembro de 2023).

A seleção dos entrevistados se deu de forma natural, levando em conta o tipo de contato e o diálogo que se estabeleceu com os membros da comunidade. O principal nome identificado foi o do senhor Enes. Antes de realizarmos formalmente as entrevistas com o senhor Enes, tivemos encontros e conversas informais, o que estreitou a nossa relação, tornando os diálogos mais fluidos e naturais. A escolha de Salih talvez tenha tido um propósito mais específico, uma vez que ele é proprietário de um restaurante de culinária turca e halal, assim como é um membro da comunidade turca que vive em Caxias do Sul, acumulando em si uma perspectiva de interesse

fundamental para a pesquisa. A escolha do último entrevistado, Mert, se deu de forma natural. Seu interesse em falar português o estimulou a participar da entrevista, pois quando ela foi realizada, ele havia chegado no Brasil muito recentemente. A comparação de sua perspectiva com as demais, especialmente com a de Enes, que vive no Brasil há mais de uma década, acabaria servindo de parâmetro comparativo acerca dos temas tratados.

No dia 22 de junho de 2023, em um evento em comemoração aos 133 anos da cidade de Caxias do Sul, ocorreu a primeira conversa realizada pessoalmente, isto é, fora das redes sociais virtuais, com seu Enes. A Semana das Culturas Gastronômicas de Caxias do Sul foi um evento realizado entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio Grande do Sul (SENAC-RS) e a Prefeitura Municipal. O evento contou com workshops temáticos, ministrados por docentes e chefs dos cursos de Gastronomia e convidados. As atividades promoveram bate-papos sobre a cultura e a culinária relacionadas aos povos que vivem na cidade, como os senegaleses.<sup>46</sup>

O próprio senhor Enes fez uma apresentação da receita do Pudim de Noé, para a comunidade caxiense nesse evento. Foi nessa ocasião que nos encontramos pessoalmente pela primeira vez. Após Enes e Zeliha, sua esposa, apresentarem a receita, produzirem e destituírem para os presentes provarem, falamos brevemente sobre a pesquisa e sobre nossas conversas e agendamos uma data para que nos encontrarmos com mais membros da comunidade turca.

Figura 10 - Banner de apresentação da Semana das Culturas Gastronômicas promovido pelo SENAC em 2023

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://valoresdors.com.br/noticias/senac-caxias-culturas-gastronomicas/>. Acesso em: 25 jun. 2023.



Fonte: Instagram do perfil @senaccaxiasdosul.<sup>47</sup>

Tal feito se concretizou em julho, em sua residência, que também sedia a associação cultural e de caridade: Armoni – Centro de Diálogo e Solidariedade Social. Enes me recebeu de bom grado, junto dele estavam mais 6 homens, todos vieram da Turquia, sendo que 3 deles tinham chegado na cidade uma semana antes da data da reunião (ou seja, logo após a conversa com Enes no evento do SESC e da Prefeitura).

Novamente, neste encontro, tivemos a oportunidade de apresentar a pesquisa, explicar o motivo e a linha que a pesquisa transcorria. Sabendo da condição autodeclarada de refugiados e compreendendo bem que a situação momentânea dos presentes junto ao governo turco (à época recém reeleito Tayip Erdogan), os membros da comunidade turca não fizeram questão de se expressar sobre política.

O tema é importante em diversas condições de análise, especialmente sobre as possibilidades que a atual pesquisa traz sobre a interdisciplinaridade proposta com as Relações Internacionais, porém como o foco da mesma está na relação entre indivíduos e comunidades através dos alimentos e suas implicações religiosas, situaremos de forma mais genérica a condição de refugiado dos membros, para que a situação correta de sua condição no Brasil seja adequada com a realidade vivida.

---

<sup>47</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Ct0DJzJuech/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Ct0DJzJuech/?img_index=1). Acesso em: 26 jun. 2023.

Assim, a primeira entrevista com os membros da comunidade foi informal, sem gravação, foi apenas uma conversa, a fim de estabelecer um contato mais pessoal entre nós. Foi importante ter esse contato informal, isto é, descaracterizado do aspecto condicionado que a entrevista formal teria.

As apresentações e anseios foram compreendidas de forma humanizada. E pela falta de registro, possuindo esse contato particular, foi marcado um dia específico com os membros desta comunidade para uma roda de conversas com seus membros, de maneira formal, registrada e com uma orientação guiada por uma série de questionamentos pré-estabelecidos pelo pesquisador, seguindo a ordem:

Questionário com a comunidade turca: Halal, Islã e culinária.

Parte 1: Halal

- Você poderia explicar o conceito de "halal" e sua importância na cultura e na religião islâmica?
- Como a observância do halal influencia suas escolhas alimentares e seu estilo de vida diário?
- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao procurar alimentos halal em seu país de acolhimento?
- Você acredita que a compreensão do halal varia entre a Turquia e o país onde você vive atualmente? Se sim, de que maneira?
- O halal desempenha um papel na manutenção de suas tradições culturais e religiosas como imigrante turco? De que forma?

Parte 2: Culinária Turca

- Quais são os pratos tradicionais turcos que são mais significativos para você em termos de identidade e conexões culturais?
- Como você vê a culinária turca em relação à sua identidade pessoal e à identidade da comunidade turca no exterior?
- Você adapta ou modifica receitas turcas para se adequar aos requisitos do halal ou há disponibilidade de ingredientes no país onde vive? Poderia dar exemplos?
- Você já compartilhou pratos turcos com pessoas de outras origens? Como essas experiências têm influenciado sua interação com diferentes culturas?
- A culinária turca desempenha um papel na preservação das tradições familiares e na transmissão de valores culturais para as gerações futuras?

Parte 3: Identidade Religiosa

- Como sua identidade religiosa se relaciona com sua identidade cultural e étnica como imigrante turco?
- Você sente que sua identidade religiosa se fortaleceu, enfraqueceu ou mudou de alguma forma desde que se mudou para outro país? Quais foram os fatores que contribuíram para essas mudanças?
- Você já enfrentou desafios ou conflitos relacionados à sua identidade religiosa como imigrante turco? Como você lidou com eles?
- De que maneira a comunidade muçulmana local ou outras comunidades religiosas influenciam sua experiência de identidade religiosa no país onde vive?
- Você participa ativamente de práticas religiosas ou eventos dentro da comunidade turca no exterior? Como essas interações afetam sua conexão com sua identidade religiosa?

Parte 4: Geral

- Como você descreveria a interseção entre o halal, a culinária turca e a identidade religiosa em sua vida pessoal?
- Quais são os aspectos mais gratificantes de manter suas tradições culturais e religiosas como imigrante? E quais os desafios mais significativos?

- Você acredita que as gerações mais jovens de imigrantes turcos estão mantendo essas tradições da mesma forma que as gerações anteriores? Por quê?
- Que conselhos você daria a outros imigrantes muçulmanos que estão enfrentando desafios semelhantes em relação ao halal, à culinária e à identidade religiosa?

Com base nestas perguntas, que não foram realizadas essencialmente nesta ordem, nem sequer perguntadas de forma estática, ou seja, nos permitimos observar junto aos entrevistados uma concepção de diálogo, no qual os membros da comunidade poderiam estar respondendo algum destes questionamentos dentro de um diálogo sobre outro tipo de pergunta realizada. Em resumo, neste caso, o questionamento serve como um guia para o entrevistador-pesquisador, a fim de estabelecer uma orientação dentro do tema da pesquisa.

Após as entrevistas, as informações coletadas foram transcritas, com a dificuldade que a língua propunha e, como era concebido, foi possível compreendermos o papel de todos, especialmente de Enes que, como mencionado anteriormente, não se identificava como um membro líder, todavia, considerando sua experiência mais longa no Brasil, estava sempre a disposição de auxiliar os companheiros nos diálogos.

O fluxo migratório é motivado por diversos elementos locais que ocasionam a dinâmica das pessoas. Por essa condição, a relação direta da comunidade turca em Caxias do Sul com a sua região original, no caso, a Turquia, é fundamental.

Através das entrevistas, percebemos que os membros da comunidade se referenciam como membros do Movimento Hizmet, que receberá uma atenção especial sobre seus princípios e sua relação com o governo turco, sendo, portanto, um pivô na migração desta comunidade.

Sendo assim, iniciamos a compreensão dos movimentos que levaram o seu líder, Recep Tahip Erdogan, à liderança do governo turco, os contextos políticos e os princípios pregados pelo presidente que até o ano de 2023, vem se perpetuando frente ao governo do país oriental.

Com base nas teses de Rafael Mesquita de Souza Lima<sup>48</sup>, Fábio Metzger<sup>49</sup> e Waldeir Eustáquio dos Santos,<sup>50</sup> procuramos entender melhor o movimento político da Turquia, nos orientamos pela análise linear temporal dos eventos, como fundamental para compreender a relação entre a religião muçulmana e o Estado turco ao longo do tempo, a fim de compreender como esses elementos se entrelaçam na comunidade turca presente em Caxias do Sul.

Desta forma, podemos dividir a análise histórica da Turquia em três momentos: o primeiro diz respeito ao Império Otomano, dando uma atenção especial ao período final desta forma de governo religioso; o segundo é marcado pela transição para a República, onde alguns conceitos, como o secularismo e o Kemalismo emergem, e finalizamos com o terceiro momento, marcado pela formação da Turquia Moderna, com a ascensão de Erdogan e do AKP<sup>51</sup> ao poder, no século XXI.

### 3.1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA TURQUIA

Cronologicamente, devemos relacionar o fim de uma instituição política tão ampla como um Império, através de uma análise minuciosa dos mais diversos elementos que ocasionaram o seu fim, o que não é a proposta desta análise breve. Portanto, ao mencionarmos cargos e eventos específicos, apenas nos propomos, de forma sintética, a observarmos a dinâmica dos agentes envolvidos e como eles se relacionam com os impactos na sociedade turca.

Para além dos elementos centrais do fim do período imperial Otomano, é importante que a observação ampla, mesmo que não aprofundada e que possamos estabelecer uma configuração da Turquia com o estabelecimento da análise conjunta do Estado Otomano e a série de reformas e crises que antecederam seu fim, pois

---

<sup>48</sup> LIMA, Rafael Mesquita de Souza. **LIDERANÇA REGIONAL EM PERSPECTIVA COMPARADA: Brasil e Turquia**. Tese de doutorado apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Ciência Política, na área de concentração de Política Internacional, pelo Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

<sup>49</sup> METZGER, Fábio. **EGITO E TURQUIA NO SÉCULO XXI: DEMOCRACIA LIBERAL OU GOVERNO MISTO?**. Tese apresentada ao Departamento de Ciência Política (DCP) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Doutor em Ciência Política. 2013.

<sup>50</sup> SANTOS, Waldeir Eustáquio dos. **CAPITALISMO TARDIO E REVOLUÇÃO PASSIVA: um estudo da emergência da Turquia Moderna**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutor em Relações Internacionais. 2017.

<sup>51</sup> Sigla do turco “Adalet ve Kalkınma Partisi”, que traduzido livremente significa “Partido da Justiça e Desenvolvimento”.

esses elementos, como podemos observar em Santos (2017), estiveram intimamente relacionados com o próprio processo histórico do Islã na Turquia. Além disso, como consequência dessa relação, surge um Islã que culmina nas orientações do Governo Erdogan e do governo Hizmet, no século XXI.

Para Santos (2017, p. 58), numa tentativa de estabelecer uma nação unificada, “[...] o secularismo liberal nasceu ainda nos tempos do Império Otomano, através das Reformas Tanzimat, que objetivavam entre outros aspectos criar uma ideia de cidadania otomana baseada na perspectiva de terra-mãe”. Essas reformas foram apoiadas pelo ocidente europeu, especialmente pelo Império Britânico. Elas culminaram no surgimento do nacionalismo islâmico, no século XVIII, que “[...] foi a força ideológica para manter a coesão social no período de transição do Império para a República” (Santos, 2017, p. 58).

Diante destas reformas propostas, a educação recebeu uma atenção especial, e significativa, o que ocasionou uma reação de insatisfação entre os líderes religiosos, conforme Santos (2017, p. 63):

Nos tempos das reformas eram quatro tipos de escolas: a) escolas islâmicas tradicionais; b) as Madrassas, cujo currículo tradicional das ciências islâmicas formava os pregadores (Imans); c) as escolas fundadas por Millets<sup>52</sup> e d) escolas fundadas por missões estrangeiras.

O processo histórico desta construção de uma identidade turca possui algumas raízes, em uma observação mais longínqua da história, vimos os Millets e as Reformas de Tanzimat<sup>53</sup>, no Império Otomano, como evidências de elementos cruciais e críticos na formação de uma sociedade de maioria muçulmana em um Oriente Médio não árabe.

Notavelmente, o processo histórico que culminou no declínio do Império Otomano envolve decisões políticas que descrevem elementos pragmáticos e burocráticos, ter uma perspectiva sobre eles é a chave para compreendermos os efeitos concretos das decisões na sociedade turca, em especial, na população muçulmano da Turquia, a fim de observar esses efeitos na comunidade imigrante.

---

<sup>52</sup> O Sistema Millet foi a divisão da Sociedade Otomana em termos de comunidades religiosas, ainda sem um caráter classista. O líder de cada Millet agia como ponte entre o Estado e a comunidade, e eram um total de quatro Millets: gregos ortodoxos, judeus, armênios ligados à Igreja gregoriana e os muçulmanos.

<sup>53</sup> As Reformas de Tanzimat simbolizaram a reorganização do Império, tinham a intenção de colocar as finanças, a sociedade e a máquina estatal em ordem. Através destas Reformas, os sistemas de Millets foram bloqueados, criando uma ideia de nação única.

As crises e a formação dos grupos contrários às reformas liberalizantes no período Otomano, com destaque para o movimento Jovens Turcos<sup>54</sup> e o Partido da União e Progresso (CUP), formularam uma defesa do que ficou conhecido como “Turquismo”, ou seja, uma ideia de que “[...] era preciso criar a identidade nacional turca a partir da cultura, como aspecto central”. Desta forma, “[...] a nação seria caracterizada pela língua, religião, moralidade e educação compartilhadas” (Santos, 2017, p. 67).

De forma objetiva e direta, o centenário Império Otomano tem seu fim oficial no ano de 1922, quando a Grande Assembleia Nacional da Turquia aboliu o cargo de sultão, abrindo o caminho para a construção de uma República que flertava em movimentos internos, liderados principalmente por Atatürk, com secularismo marcando uma nova Era política na região.

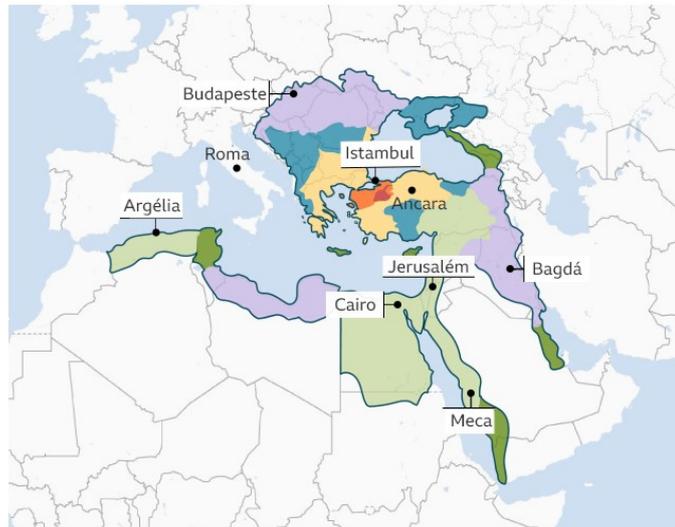
Estes movimentos entraram em contraste com a maioria da população muçulmana do país que, durante centenas de anos, foram guiados por sultões oficialmente vinculados ao Islã. Na Figura 11, podemos verificar que a expansão territorial da Turquia também pode ser considerada uma expansão cultural de cunho religioso, uma vez que as posses que outrora pertenciam ao Império, hoje compõem nações e países caracterizados pela presença fundamental do Islã.

---

<sup>54</sup> Expressão que se relaciona com todas as facções que se opuseram ao regime de Abdulhamid. Os membros do CUP também eram chamados de “Jovens Turcos”, mas se caracterizaram pela perspectiva unionista de forma específica.

Figura 11 – Cartografia demonstrando a expansão do Império Otomano de sua fundação ao seu fim

### Expansão do Império Otomano



Fonte: Enciclopédia Britânica

BBC

Fonte: Enciclopédia Britânica.

O mapa acima nos possibilita observarmos a expansão máxima do território da Turquia, assim como o período em que essa expansão ocorreu. No século XVI, a Batalha de Lepanto, em 1571, marca uma derrota contra a Liga Católica e interrompe a expansão do Império. É considerada o ápice do Império que vem a deixar de existir institucionalmente apenas no século XX.

Marcado pelos conflitos imperialistas, o século XX não poupou o Império Otomano, que enfrentava uma série de perdas territoriais, por conta da ampliação das novas rotas comerciais no oriente. Os conflitos que os otomanos se envolveram expunham uma série de problemas sociais no centro da Anatólia. Diante destes problemas sociais, e arrastados para os conflitos da Primeira Guerra Mundial, o império otomano se viu cercado, lutando contra a aliança entre França, Império Britânico, Estados Unidos da América e o Império Russo (até 1917), enquanto, nos seus próprios territórios, gregos, curdos e armênios se levantavam contra a opressão otomana. Com essa ebulição social e política em seu território, o império Otomano entra em ruína e seus territórios são divididos.

A política doméstica da Turquia Moderna nos interessa neste aspecto de mudança política e social na região, caracterizada por ter Mustafa Kemal Atatürk como o primeiro presidente do período republicano. Em Santos (2017), podemos ter essa perspectiva resumida de forma bastante coerente na relação entre o fim do Império Otomano, o surgimento da República e até do Hizmet, elementos fundamentais para abarcarmos a relação entre os membros da comunidade turca em Caxias do Sul, no século XXI, e suas expressões religiosas e culturais, pois:

Na organização social do Império os Sheiks Sufistas eram a ponte que ligava o Palácio ao povo do interior, ou seja, Sultão e burocracia Otomana mantinham um nível de distância do povo, não dialogavam e não ouviam as demandas. Por isso, será demonstrado nos capítulos posteriores o papel de liderança e a veneração dedicada a esses homens. Também deles partirá o incentivo para que os muçulmanos lutem ao lado de Atatürk e seus militares na Guerra de Libertação Nacional. Para os religiosos a luta seria para manter o Califado, para os secularistas foi a luta pela modernização. Surgido no fim do século XX, o Hizmet (Movimento Fethullah Gülen) também tem suas origens no sufismo e simboliza a força e relevância dessas irmandades (Santos, 2017, p. 70).

O principal vínculo entre o processo histórico político doméstico da Turquia desde o fim do Império Otomano até o governo de Erdogan reside na formação e nos preceitos do Hizmet. Vale lembrar que os membros da comunidade turca de Caxias do Sul são membros do grupo e se encontram na situação de refugiados, exatamente por conta de seu posicionamento político e religioso.

Atatürk foi uma figura de extrema relevância para a história recente do país, considerado o “pai da Turquia moderna”, segundo Lima (2018, p. 222):

Os fundadores da Turquia moderna fizeram uma declaração clara sobre os ideais aos quais a nação iria aderir. Logo depois que o país foi declarado uma república, Atatürk substituiu a legislação islâmica pela europeia e mudou o alfabeto do árabe para o latino.

Portanto, com uma política interna de abandonar as aspirações imperiais do período otomano, o movimento liderado por Atatürk, o Kemalismo, defendia o republicanismo, o populismo, o nacionalismo, o secularismo, o estatismo e o reformismo. Esses princípios orbitavam o desejo de “modernizar” a Turquia, um movimento que podemos identificar de forma semelhante em outras nações e países após a Primeira Guerra Mundial. Todavia, os conceitos aplicados no movimento kemalista turco possuía suas particularidades, de modo que o secularismo kemalista difere do secularismo cristão.

O Kemalismo foi revelado em 1931 no Congresso do Partido Republicano do Povo (CHP) e tinha por base seis princípios, a saber: secularismo, estadismo, republicanismo, populismo, nacionalismo e revolucionismo. Cada um desses princípios traz consigo a preocupação com a organização interna do país, apesar de se remeterem indiretamente aos aspectos internacionais. O período Atatürk foi marcado pelo isolacionismo na política externa e a tentativa de construção do consenso interno, misto de continuidade e ruptura com o Império Otomano (Santos, 2017, p. 90).

Lima (2018, p. 226) sinaliza que as diferenças e peculiaridades do secularismo kamalista reside no fato de que a:

[...] Turquia republicana de Atatürk foi criada com duas importantes narrativas subjacentes. Primeiro, sua preocupação com o secularismo e a unidade nacional rasgou o cordão religioso que ligava a identidade turca à solidariedade islâmica. Embora o islã ainda fosse saudado como uma questão de fé pessoal, o nacionalismo étnico tornou-se a pedra angular da lealdade política, enquanto o islã foi cuidadosamente “desarabizado” para ser inserido na história e cultura turcas. Em segundo lugar, a lembrança da derrota na Primeira Guerra Mundial e da traição árabe em 1916 foram evocadas para pintar o Oriente Médio como uma “região traiçoeira e pouco recompensadora”, com a qual a Turquia deveria evitar o engajamento. Assim, ela permaneceu à distância por medo de emaranhamento e por de fato não se ver como um país médio-oriental.

A formação da república da Turquia, no início do século XX, conta com uma comunidade que se formou ao longo de séculos de um império heterogêneo, o que acaba alimentando uma dicotomia entre nacionalismo secular e islâmico na formação da nação turca.

Estabeleceu-se então uma enorme mudança política, social e mesmo econômica, em que o Império Otomano, um califado islâmico, dava espaço para uma república nacional secular (Sochaczewski, 2018, p. 70).

Com o objetivo de criar uma nação espelhada nas experiências ocidentais, um estado com estruturas nacionalistas, com a criação do Parlamento Nacional, uma nova Constituição (em 1924), a mudança da capital (de Istambul para Ancara) e a obrigatoriedade de ser laico, pois no seu projeto, Mustafá Kemal buscava ser “[...] representante da nação inteira sem distinção de grupos e classes” (Sochaczewski, 2018, p. 74).

Este elemento interfere em questões profundas de nacionalidade na Turquia, porque a república kemalista, com esse movimento de “turquificar” os grupos, entra em conflito, logo em seu início, com os grupos curdos. Parte desse elemento é de importante destaque, uma vez que o projeto laico e secular que a república previa acaba criando, em contrapartida, uma reformulação muçulmana forte. Podemos exemplificar a situação em torno do Islã e, de certa forma, em torno do Hizmet, a partir

da experiência dos grupos que vivem na cidade de Caxias do Sul. Nesse grupo, temos uma ampla gama de membros oriundos de diferentes regiões da Turquia, contando, inclusive, com a presença de curdos.

Sochaczewski (2018) enumera uma série de mudanças religiosas que evidenciam as características deste estado turco e, conseqüentemente, da sua respectiva população.

Iniciava-se também uma era de profundas reformas religiosas, sociais e políticas. No âmbito religioso, além da deposição do califa, os sermões de sexta-feira passavam a ser em turco e “em harmonia com a ciência e o conhecimento”. O Ministério de Assuntos Religiosos bem como o escritório do Sheik do Islã foram extintos, as ordens religiosas (tarikats) fechadas, e houve confisco dos recursos das fundações religiosas. O Ministério da Educação passava a supervisionar o treinamento dos imams. O Islã foi inclusive retirado da constituição como religião oficial do Estado, em uma emenda de 1928, embora, ironicamente, pela primeira vez o Estado tivesse ampla maioria muçulmana. [...] A religião muçulmana passava a estar sob a supervisão do Estado mais do que separada deste (Sochaczewski, 2018, p. 75).

Estas características que marcam a fundação do “kemalismo” podem nos ajudar a entendermos melhor a população turca, sua relação com o estado e com a religião. Apesar do “kemalismo” ser abertamente um movimento republicano oposto ao Império Otomano, com influências ocidentais na sua origem, percebemos que sua estrutura é mais complexa.

Os kemalistas estavam divididos em dois grupos: a) a esquerda liderada por Ismet İnönü e Recep Peker; b) a direita representada por Fethi Okyar e Celal Bayar. Cabe ressaltar que a divisão direita e esquerda na Turquia não segue os mesmos padrões “ocidentais”, por isso, os defensores da esquerda buscavam uma política autoritária, estadista e ultranacionalista, já a direita desejava uma política econômica liberal e organização de uma estrutura social. Também havia dentro do grupo a influência islâmica que indiscretamente atravessa os debates; mesmo os kemalistas eram homens ligados à religião e ainda são, contudo, pragmáticos e sabem separar a religião dos assuntos políticos e econômicos (Santos, 2017, p. 96).

Por conta de suas divisões internas, esta origem do kemalismo e do nacionalismo turco inevitavelmente vai se desenvolver em direção a rompimentos e divergências, como o surgimento do Partido Democrático, em 1946. Além disso, ela contribui para aumentar as dicotomias internas na Turquia, como “Istambul (centro) x Ancara (periferia); secularismo x religião; Sunismo x Xiismo e sufismo” (Santos, 2017, p. 98).

Após o falecimento de Mustafá Kemal Atatürk, em 1938, a Turquia encontra desafios à democracia republicana nascente, passando pelos

[...] anos de governo direto de Ismet İnönü (1938 – 1950), da década de governo do Partido Democrático de Adnan Menderes (1950 – 1960) e dos muitos governos que se sucederam até o início do milênio, intercalados por três golpes militares, de fato, em 1960, 1971 e 1980, e por um golpe “pós-moderno”, em 1997 [...] (Sochaczewski, 2018, p. 77).

Mesmo assim, a república estabelecida por Atatürk se manteve. Os movimentos internos nos possibilitam analisar elementos fundamentais para compreendermos, dentro desta pesquisa, os mais significativos movimentos migratórios da população turca. Após o golpe militar, em 1960, durante o governo de Menderes,

[...] muitos turcos se mudaram para a Alemanha, França, Áustria e Holanda. A maioria deles foi para a Alemanha ajudar na reconstrução do país, onde criaram comunidades e espécies de guetos, ganharam cidadania e até mesmo posição no parlamento (Sochaczewski, 2018, p. 81).

Entre 1960 e 1980, a Turquia passou por diversas dificuldades internas, especialmente com o estabelecimento de um legislativo bicameral. Assim, a política doméstica turca viu ascender movimentos e nomes ligados ao marxismo, maoísmo e movimentos islamistas.

A tensão destes movimentos dentro da Turquia republicana de Atatürk simbolizava, de alguma forma, uma contradição diante das complexidades do século XX. Em um período inferior a dez anos, possuímos a possibilidade de identificar dois golpes no Estado turco, primeiro: “Justamente sob o pretexto de se colocar contra ameaças islamistas antisseculares, deu-se mais um golpe militar, desta vez em 1971” (Sochaczewski, 2018, p. 81).

Todavia, sob o pretexto de salvar o Estado e a república, objetivando uma nova reforma no sistema político, amparado pela perspectiva de que as Forças Armadas serviriam como “guardiões” deste Estado, elas mesmas, após o golpe de 1980

[...] se aproximavam de alguns elementos religiosos, entendendo o Islã como possível antídoto ao marxismo e aos separatistas curdos de esquerda. O ensino religioso passava a ser obrigatório nas escolas, e a religião voltava a tomar espaço [...] (Sochaczewski, 2018, p. 82).

Em 1971, a religião passava de algo a ser combatido pelo Estado turco, para um aliado contra os marxistas. Em 1980, a religião envolveu-se cada vez mais dentro do mesmo Estado, essa relação entre o Islã e o Estado turco prevalece até hoje. Ainda na década de 1980, surgem partidos e ideologias que unem princípios do Islã e do nacionalismo, como o surgimento do Partido do Bem Estar (Refah Partisi) e o Partido Anavatan, que tinha um cunho ideológico ecumênico. Esse partido venceu as

eleições, em 1983, e liberalizou a economia. O seu presidente, Turgut Özal, era devoto do Islã. Acerca destas complexidades, percebemos que

[...] os pontos de vista islâmicos que privilegiam os laços com o mundo muçulmano não eram predominantes. Embora a década de 1990 tenha assistido a emergência de uma pluralidade de partidos, alguns dos quais tinham tendências islâmicas e até mesmo terceiro mundistas, os processos de ocidentalização, como a adesão à UE, foram amplamente apoiados (Lima, 2018, p. 227).

Porém, nos anos 1990 há uma significativa expansão pluripartidária (movimento global, que percebemos acontecer em diversas regiões do planeta nesta década).

Neste processo de movimentações que envolvem o Islã nos governos turcos, a organização civil também desenvolve suas representações políticas. De um lado, temos a ascensão do AKP, apresentando um programa de governo islâmico e aceito como alternativa possível. Conforme Hatay (2013 *apud* Lima, 2018. p. 228),

Enquanto a política identitária na Turquia foi durante muito tempo homogeneizante e apologética, numa tentativa de “provar” o europeísmo turco, o AKP abandonou as apologias e saudou a heterogeneidade étnica, ainda que baseada em uma identidade muçulmana unificadora.

Desta forma, podemos analisar o fundamento da nação turca na sua origem e suas passagens políticas em constante relação com o Islã. Esse aspecto nos fornece uma visão mais aprofundada sobre a relação global que os membros da comunidade turca possuem com sua identidade nacional e religiosa. Observamos que a comunidade turca possui uma relação significativa com a identidade religiosa, em comparação com as demais comunidades muçulmanas globais.

Porém, algumas características particulares distinguem a comunidade turca de Caxias do Sul, pois em um recorte mais específico da análise desta comunidade, podemos ter uma visão sobre o Movimento Hizmet, dos quais os membros da comunidade de Caxias do Sul fazem parte.

### 3.2 - A COMUNIDADE TURCA EM CAXIAS DO SUL

Na entrevista em roda de conversa, Salih Yucer, proprietário do restaurante Capadócia Culinária Turca, tenta nos explicar a importância e o conceito de Halal para ele. Neste ponto, consideremos a sua visão de um imigrante turco muçulmano sunita em paralelo com sua atuação empresarial na cidade. Devemos ressaltar que na

transcrição das falas realizadas pelos entrevistados na roda de conversa, levamos em consideração as barreiras linguísticas e tentamos reproduzir os tons e divagações expressas por eles. Abaixo, conseguimos ver as considerações feitas por Salih:

Nós, acreditamos assim [...] no mundo tem um criador. [Ele] criou o nosso corpo também [...] o nome dele é Allah [que nós chamamos]. Normalmente nos selecionamos: que nós não comemos, nós não comemos. O Que Deus fala para nós? O que [o] profeta Muhammad mostrar para nós? Qual o produto nós podemos comer [e] qual produto tem permissão comer para nós [nós temos permissão para comer]? Nós selecionamos assim, mas falando "realmente", nós não comemos porco. Nós não comemos carne, gado, frango, alguma coisa que alguém que não cortou sem o nome de Deus, por isso. [...] Por exemplo, têm alguns produtos. Até nós compramos do mercado. Nós olhamos é primeiro [os] ingredientes que tem, que não tem, [se] tem alguma coisa que é proibido ou não, ou saudável para nós [...]. Depois selecionamos.

Enes também nos orienta para uma compreensão do halal pela sua perspectiva e dá alguns exemplos de aplicação:

Na verdade, existe [...] só um conceito [...] halal. [A] primeira coisa, [que vemos são] carnes, a base das carnes e também a gente [vê se] vem ou carne de porco e Álcool, né? Esses três itens assim, porque eles falam de ilícitas. para consumo portanto. Portanto existem outras formas de um alimento pode se tornar é, ilícito não é halal. Porque ele pode ser "sujo". Por exemplo, pode dizer que assim, não se pode comer carne de predador, por exemplo. Nossa escola islâmica então existe essas fórmulas, que margarina, por exemplo, na Turquia [existe uma] interessante pauta: sempre foi uma pauta que assim, as pessoas duvidaram dele [da margarina e sua origem ser halal ou não]. Na Turquia atualmente tem fazenda de porcos, até alguns produtores falam assim: "cada um de vocês talvez estejam comendo um porquinho". Porque uma [existem algumas] substâncias do porco [que] podem ser utilizadas. Na maioria das vezes, [e] minha irmã é farmacêutica, por exemplo nas pomadas [podem haver substâncias oriundas do porco]. Ele é mais rápido. A textura dele, é fácil preparar uma pomada de assim. E talvez [a] gelatina tenha um pouco de álcool, tipo de glicerina. Não sei, não tenho conhecimento sobre isso. Então esses alimentos na verdade a gente sempre dava mais atenção, né? [...] na Turquia, num ambiente muçulmano, ele [o comerciante] tem que esconder isso para continuar com seu comércio. Se for descoberto uma adulteração, ele vai de uma forma perder seu trabalho, e uma reputação assim, [a] repercussão vai ser muito rápida. Na Turquia a gente tem isso também, por exemplo, as pessoas precisam de dinheiro, e isso também gerava mais desconfiança, então e isso é geralmente com atualmente, por exemplo aqui nós damos mais atenção, porque assim, porco suíno, assim, [essa] carne não [é] halal até (vaca). O que a gente deixa sempre na cabeça uma coisa são os aromatizantes. Aromatizante, ele pode ser maior em efeito de álcool etílico, então é algo coletivo se compramos [e pode ser] ilícito. Então tem que tomar cuidado então assim qualquer coisa que você pode pegar ou que tenha aromatizante. Então o que a gente faz? a gente pergunta sempre para entidades [empresas] como foram produzidos por um produto.

A inclusão do halal pela comunidade turca, necessariamente passa pelo consumo de produtos halal produzidos no Brasil. Assim, Salih ainda nos oferece uma

perspectiva empresarial de um imigrante que produz e fornece culinária turca halal. Quando questionamos sobre a relação entre seus produtos e seus fornecedores, Salih nos diz:

Sim, tem algumas empresas aqui, por exemplo. [...] Carne, compramos sempre numa empresa daqui o nome de Marfrig Montana<sup>55</sup>, eu acho [que é a] maior empresa que está produzindo carne no Brasil. Eles fazem [carne] importada e exportada também. Nós perguntamos para eles qual o produto, qual o código [do produto em catálogo com a certificação]. Cada produto tem um código, [pedimos] qual código halal, e qual nós podemos comer, [e] eles sempre mandaram para nós [os] códigos. Depois continuamos assim, especialmente, por exemplo, o Frango. Nós comemos de uma empresa [a] Agrosul<sup>56</sup>, [e] nós preferimos eles. Como eles vem produzindo esse frango, carne halal, [existem] alguns funcionários deles muçulmanos. Os muçulmanos ele está convidando alguns país [considero aqui pelo contexto da conversa sobre as empresas certificadas procuradas pela comunidade, que o Salih quis dizer que as empresas estão procurando e convidado funcionários de países muçulmanos] especialmente Paquistão, Bangladesh, Índia ou alguns país árabes. Eles vieram aqui, começaram a trabalhar numa empresa de controle e depois eles produzem uma produto halal para nós.

Desta forma, procurando identificar a inserção do Halal na sociedade caxiense através da comunidade turca, procuramos fazer algumas entrevistas com alguns membros. Identificamos algumas características importantes. Por isso, descreveremos o processo de contato com a comunidade Turca de Caxias do Sul. Por serem membros de uma comunidade que possui o ímpeto de manter e desenvolver o contato com as pessoas da sociedade caxiense, sua expressão é nítida desde muito cedo. Buscamos informações na mídia local, a fim de identificar os membros da comunidade, identificamos, portanto, diversas pessoas da comunidade turca.

Ao falar sobre a relação do consumidor caxiense com o contato junto à culinária halal turca, Salih nos oferece uma reflexão:

Vários pratos. Especialmente nós temos um prato: tábua turca (Figura 12), nome dele. Nós produzimos vários produtos no restaurante, mas nós colocamos na tábua turca cada comida um pouquinho. Depois nós criamos uma tábua para clientes [de] comida turca. Esse é muito especial também. Por exemplo. Quando você compra [e] quando chega a caixa [via tele-entrega, ou delivery, sem que o cliente esteja em contato com o vendedor no ponto físico do estabelecimento] para sua casa, você tá olhando uma coisa. Tem uma, por exemplo, para vocês tem uma comida [chamada] Xis, embaixo tem um pão [e] em cima também [tem] pão. Mas vocês estão olhando o que tem dentro. Nós fechamos totalmente essa comida. Quando chega para a sua casa, você não entende o que que é, o que tem dentro dele. Geralmente

---

<sup>55</sup>Identificamos a presença da certificação Halal no site da empresa. Disponível em: <https://www.marfrig.com.br/pt/certificacoes>. Acesso em: 01 mar. 2024.

<sup>56</sup> Identificamos a presença da certificação Halal no site da empresa. Disponível em: <https://www.agrosul.com.br/produtos/linha/mercado-internacional>. Acesso em: 01 mar. 2024.

as pessoas [compram] essa comida para aniversário dos amigos, aniversário da família deles. Tem algumas importâncias para eles [clientes] que fazem uma surpresa para amigos deles. Depois ficamos muito felizes também. Eles mandam mensagens para nós que: “hoje é aniversário, por exemplo da minha mãe, minha irmã vocês podem enviar para nós esse tábu turca? Eu Quero esse. Você pode escrever essa mensagem.” [Salih aqui salienta que o produto serve como uma forma de presente que as pessoas se estimulam a dar umas para as outras e que oferece ainda a possibilidade de enviar o produto junto de uma mensagem a escolha do cliente]. Depois nós ficamos muito felizes também, ele [cliente] está muito muito feliz, [e] ele mandou algumas fotos para nós, e nós colocamos no nosso Instagram, Facebook.

Figura 12 - Detalhe de uma Tábua Turca oferecida pelo restaurante Capadócia. Com destaque para a descrição dos alimentos que a compõem



Fonte: Instagram.

Em um primeiro momento buscando informações sobre o assunto que estamos estudando nos jornais da cidade, rapidamente identificamos uma matéria que tratava sobre a relação principal deste estudo: a alimentação e a cultura turca. A matéria expressava isso de forma mais simples, falava em culinária turca e descrevia a instalação do Restaurante Capadócia, que oferecia comida baseada<sup>57</sup> na culinária turca. O texto ainda identificava os sócios do restaurante.

Salih nos conta sobre como é ser proprietário de um restaurante de culinária turca e halal:

<sup>57</sup> A escolha pelo termo utilizado na notícia nos chamou a atenção. Posteriormente, Salih Yucer, sócio proprietário do restaurante, nos revelou que teve que fazer algumas alterações nos pratos, para se adaptar ao paladar brasileiro.

Pessoalmente eu tenho um restaurante aqui. Mas eu penso assim, eu moro no Brasil, eu moro num país estrangeiro para mim. Por isso que primeiro eu não penso [em] ganhar dinheiro, isso [é] 100%. Eu trabalho com a minha esposa, realmente nós tentamos mostrar, nosso costume, nossa culinária para [as] pessoas [uma vez] que nós somos [os] únicos em Caxias. Por exemplo, ninguém [está] produzindo comida turca. Não tem mais culinária turca [além da oferecida por Salih em seu restaurante]. Ah por isso é [uma] responsabilidade muito grande para nós. Acho que ele [as pessoas, enquanto clientes] está pensando assim: ou culinária turca, ou comida árabe? [Salih sugere que se sente responsável pela imagem que a culinária turca e a culinária árabe podem causar nas pessoas de Caxias, por ser dono do único restaurante turco na cidade], por isso [temos] muito cuidado para [com os] produtos. [É uma] coisa importante coisa para nós. Mostrar o nosso costume, a nossa culinária para os caxienses [e] para algumas cidades. [...] nós temos alguns clientes de outras cidades também. Por exemplo, eu tenho um cliente. [Em] Porto Alegre. Ele viaja [até] aqui só para comer a nossa comida. Nós temos contato também com ele. Quando ele diz sempre [que vem], nós sentamos [junto com o cliente] quando ele [vem] conversamos. Eu tenho várias pessoas aqui que [são] minhas amigas, que eles [nos] conheceram [pela nossa] culinária turca de nosso restaurante.

Figura 13 - Imagem do perfil da página do restaurante Capadócia, de propriedade do senhor Salih Yucer



Fonte: Instagram.

Adentrando no assunto principal do produto halal, Salih explica os produtos que vende em seu restaurante para nós. Além disso, fala de sua trajetória particular no Brasil, já que primeiramente se inseriu na cidade de São Paulo e só depois veio para Caxias do Sul, e neste processo, nos comenta sobre como isso influenciou na preparação de seu prato:

Por exemplo, [o] Lahmajun (Figura 14) é muito especial para nós. No Brasil só tem dois restaurantes fazendo [e] produzindo essa comida. Um restaurante em São Paulo, o nome dele também [é] Lahmajun. [E] o nome de produto também Lahmajun. [E] nós também fazemos em Caxias. Nós colocamos por exemplo quibe, ele também é famoso no Brasil, colocamos falafel, muito famoso culinária árabe, botamos carne em tiras, frango em tiras, depois colocamos o frango desfiado. Nós colocamos temperos turcos, [e] fica

muito diferente também para [as] pessoas. Colocamos sujuk também, [é] muito importante. [É] linguiça turca, sujuk tem muito tempero dentro dele. Se [as] pessoas gostam muito picantes e muito temperado [...] fazemos [e] colocamos calabresa para a pessoa. Depois fechamos bem certinho, colocamos de massa fina em cima. Passamos ovo colocamos [e] gergelim branco. E fecha. Depois fica muito diferente para as pessoas.

Figura 14 - Imagem em detalhe da cobertura de massa fina do Lahmajun produzido pelo Capadócia



Fonte: Instagram.

Salih nos fala sobre um ingrediente chamado “linguiça” e isso chamou a nossa atenção, já que o consumo de produtos derivados de suínos não faz parte do halal e, no Brasil, as linguiças são basicamente produzidas com carne de suínos. Então Salih nos demonstra a versão turca do produto, chamado de Sujuk, e nos informa sobre o seu preparo:

[Usamos] carne de gado, por exemplo, nós preparamos cada vez 20 kg de carne guisada, colocamos eh 3 kg [de] alho natural, 4 kg temperos. [...] colocamos 2 kg páprica doce cada 1 kg de pimenta, cominho [e] vários [...] total 12 de diferentes temperos.

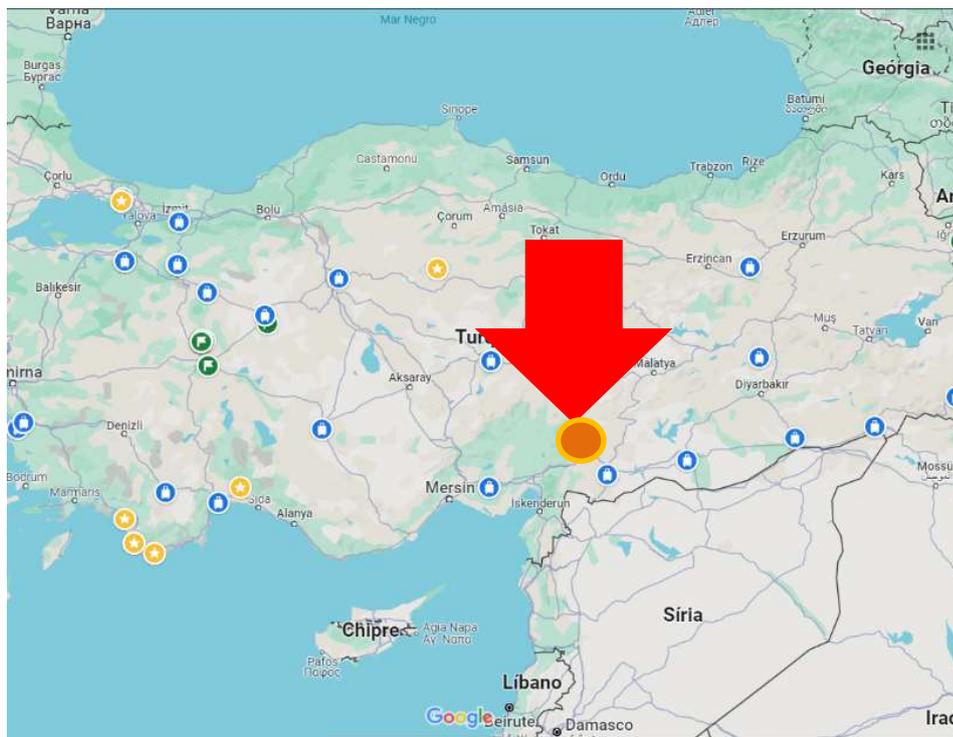
Quando questionado sobre as características da culinária turca e o paladar brasileiro, Salih admite que identificou a necessidade de adaptar a sua receita:

Eu adaptei. Eu normalmente eu coloco mais pimentão [e] páprica doce, eu tirei a pimenta picante um pouco [...]. Adaptamos para a boca dos caxienses.

Assim como a relação direta de seu produto com a origem turca, essa evidência que Salih nos oferece é importante a partir da perspectiva de que é fundamental para os membros da comunidade identificarem a sua cultura como sendo original e perceberem a inserção dela na sociedade caxiense através do alimento, um fator de transnacionalização cultural espontâneo:

Eu nasci numa cidade [chamada] Kahramanmaraş (Figura 15). Posso dizer, [que é] como Caxias do Sul, a população [é a] mesma, não muito grandes cidades e fica centro do Turquia<sup>58</sup>. Na nossa cidade também tem vários [pratos] famosos, por exemplo o Lahmajun que eu falei é numa região da nossa cidade. Nós produzimos esse [prato] aqui, e nós fazemos por exemplo o Shawarma. Normalmente no Brasil tem três tipos Shawarma (Figura 16), um [de] carne, [um] frango misto ou falafel também. Mas nós fazemos totalmente 23 tipos, 23 sabores do Shawarma. Normalmente se fosse só fazer três quatro tipos de Shawarma as pessoas poderiam gostar, mas eu quero mostrar para pessoas o significado [da] culinária turca. Eu não penso em ganhar dinheiro, eu penso eu ganhar do coração do pessoas. Por isso nós fazemos.

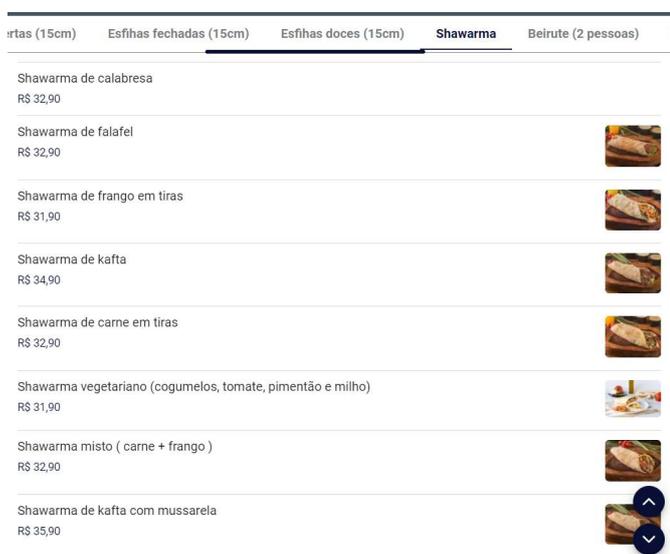
Figura 15 - Localização da cidade de Kahramanmaraş, na região mais central ao sul da Turquia



Fonte: Google Maps

<sup>58</sup> Como pode ser visto no mapa, a cidade é no interior da Turquia, porém se localiza mais ao sul do país, próximo à fronteira com a Síria.

Figura 16 - Detalhe do cardápio do Restaurante Capadócia, destacando as opções de Shawarma



Fonte: <https://capadocia.saipos.com/home>.

Este primeiro contato possibilitou uma série de estratégias para procurar os membros da comunidade. Como observado anteriormente no primeiro capítulo desta dissertação, o fator tecnológico global não apenas tornou possível, como veremos, a ampliação da expressão do halal na sociedade caxiense através da culinária turca, como também possibilitou a aproximação de seus membros.

A procura na internet pelos nomes dos membros da comunidade descritos na matéria do jornal Pioneiro<sup>59</sup> (Figura 17) sobre o Restaurante Capadócia, resultou na identificação de mais membros da comunidade.

Figura 17 - Salih Yucer (à esquerda na foto abaixo, na inauguração do Restaurante Capadócia)

<sup>59</sup>Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2019/09/conheca-o-primeiro-restaurant-de-culinaria-turca-de-caxias-do-sul-11375146.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.



Fonte: Antonio Valiente / Agencia RBS.

O registro do encontro entre a comunidade católica da Paróquia de São Pelegrino com a comunidade turca foi publicado do site da Paróquia de São Pelegrino<sup>60</sup> (Figura 18). Nesse encontro, os membros da comunidade turca forneceram, através da oferta do prato “Pudim de Noé” ou “Ashura”, uma forma de expressão de harmonia entre as comunidades religiosas.

Figura 18 - Encontro entre a comunidade católica da Paróquia de São Pelegrino com a comunidade turca, em detalhe há a Ashura sobre a mesa

---

<sup>60</sup>Disponível em: <https://www.saopelegrino.com.br/paroquial/noticias/os-islamicos-da-turquia-presentes-em-caxias-do-sul-oferecem-especiaria-culinaria-aos-fieis-de-sao-pelegrino-no-dia-dos-pais>. Acesso em: 20 mar. 2024.



Fonte: Padre Leonardo Pereira.

É importante evidenciarmos a questão dos desafios da realização de entrevista com imigrantes. Leydesdorff (2000. *apud* Alberti; Fernandes; Ferreira, 2000, p. 78) alerta o seguinte sobre o assunto:

Nos casos em que os entrevistados são migrantes, o status da experiência narrada torna-se mais complicado. Frequentemente lidamos com relações do poder, e a representação do poder está de nosso lado. Com frequência, as histórias são escolhidas com cuidado e inseridas em narrativas e gêneros que podem ser conformados segundo as percepções de nossos entrevistados com relação ao que queremos ouvir. Uma interação imanente é combinada com o conflito cultural entre entrevistador e narrador. A tensão torna-se visível através da análise das transcrições que expressam sentimentos e histórias pessoais ao mesmo tempo que revelam maneiras de representar, ou de tentar representar, outros mundos: um que foi deixado para trás no passado, outro encontrado no presente, e outro ainda em que o antigo e o novo estão sendo negociados. Em essência, o contexto e a experiência que está sendo articulada refletem esta ambivalência, por si só frequentemente dolorosa e que não tem forma de expressão. Não importa quanto se confie e aceite o entrevistador, ele, ou ela, é percebido pela natureza como parte de uma relação de poder negada a muitos dos que são entrevistados. A história da experiência é também um ato de imaginação e negociação criativa. Estes relatos transformam o passado em presente e a memória em realidade. Os entrevistados têm dificuldade em escapar dos limites de seu "nós" cultural. Parte da solução é a criação de uma história de vida expressa nos gêneros de migração, nostalgia e antecipação do futuro, e uma crítica às regras e regulamentos que impedem tal curso. É, por conseguinte, tarefa dos historiadores identificar este problema e revelar os significados e códigos intrínsecos (Leydesdorff, 2000 *apud* Alberti; Fernandes; Ferreira, 2000, p. 78).

As falas de Salih revelam certas particularidades, por exemplo, no que diz respeito a possibilidade de trânsito desde sua saída da Turquia e passagem pela

Índia. Salih demonstra que a rede de contatos entre os membros da comunidade turca é também transnacional, e esse contato possibilita que identifiquemos a existência uma capacidade financeira, pois quando perguntamos sobre seu itinerário: “E você veio da Índia para Caxias? Direto para Caxias?”, Salih nos responde: “Sim, direto Caxias. Meu amigo me convidou aqui, e direto a gente veio para Caxias aqui”. Questionamos, ainda, quem era o seu amigo, pois estávamos pensando que Enes teria tido influência na vinda de Salih para Caxias do Sul, então ele nos responde:

Não, o meu amigo, o nome dele [neste momento infelizmente ficou dificultada a interpretação, o nome parece ser Richard, todavia esse nome não se apresenta comum entre os membros da comunidade turca]. Mas eu conheci ele na Índia também. Ele investiu em alguma coisa que ele tem. Uma fábrica também, tem ele tem uma fábrica. Ele falou que [...] ele deu sugestão para mim que “se você quer pode morar aqui [Caxias do Sul]”. Depois pensei que sim, pode ser.

Pedimos para ele confirmar se esse amigo ainda mora em Caxias do Sul, uma vez que isso parece ter influenciado a vinda de Salih para a cidade. Também perguntamos a nacionalidade dele e o seu vínculo na Índia. Salih respondeu: “Mora, ele mora também. Ele tem um fabrica aqui”. O uso do dêitico de lugar “aqui” evidencia que o homem em questão mora em Caxias do Sul e auxilia na vinda de pessoas da comunidade turca para o município. Além disso, ele parece possuir um bom aporte financeiro, considerando a capacidade de manter uma fábrica na cidade de Caxias do Sul e outra na Índia, pelo menos, como pode ser visto no trecho a seguir: “Na Índia, na mesma cidade lugar que ele tinha, tem também o fábrica da ele falou que nós ah moramos em Caxias, eh, pode ser uma opções para você ele.”

Questionamos sobre essa transnacionalidade, se Caxias serve como uma sede, ou seja, se esse homem mora em Caxias do Sul, e mantém contato com a Índia:

Sim, aos dois lados [nos dois países, Brasil e Índia] ele tem fábrica, [eu] tinha várias opções para viver. Normalmente eu pensei que posso morar num países no Europa. Mas ele deu uma sugestão [Caxias do Sul] para mim. Pensei que “posso tentar”, se não vai ficar sucesso, eu posso viajar para Europa. Eu gosto de aqui, eu adotei também. Quando comecei a morar aqui, uma família adotou de mim [me adotou]. Por isso eu fiquei aqui. Agora a minha família [é] aqui. Eu comecei uma nova vida. Muito bom para mim.

Outro aspecto importante da presença de Salih em Caxias do Sul reside no que entendemos nesta pesquisa enquanto transnacionalização do Islã através do alimento Halal. Ao explicitar sua condição na cidade, na qual Salih nos diz ter sido “adotado” por uma família local, conseguimos compreender melhor as possibilidades que esta relação propõe:

Sim, quando eu visito a casa da minha mãe. Tá comprando nossos produtos halal. Quando eu conheci ela eu mostrei para eles [a prática halal], eles também [estão] usando produto halal. Para respeitar nós, que quando eu chego [na] casa deles, sempre ela faz alguma coisa, sempre coloca no produto halal na geladeira.

Assim, indagamos sobre como ele observa a sua influência na vida de pessoas originárias de Caxias do Sul:

Se posso dizeres sobre o pai, ele gosta muito [de] comida de porco, ele gosta muito, ele não pode deixar comer, mas minha mãe, também não gosta muito [de carne de porco]. Eu quando falo que eu não gostou [e que é] proibido para nós, ela também agora não prefere, mas meu pai não continua, ele gosta muito.

A relação de Salih com esta família nos surpreendeu, por conta da idade de Salih e a ideia de que ele teria sido “adotado” pela família. Salih nos conta sua trajetória e sua relação com a família:

Eu não tenho família na Turquia. Vocês já sabem, eu acho sabem bem. Tínhamos um golpe na Turquia. Por isso moramos aqui, depois minha família também não me aceitou. Eles falaram que “nós não temos um filho como vocês”, quando eu cheguei aqui, uma família me adotou. E agora meu pai, [e] minha mãe católica já [me] adotaram, a minha irmã também [é] católica. Para mim não ficou muito difícil, que eles [me] ajudaram muito também. Mas agora realmente eu vi que nós acreditamos no mesmo Deus, só o nome dele diferente. As regras também muito [são] parecidas que antes islamismo, nós temos que acreditar [no] cristianismo também. Essa é uma regra na nossa religião: se uma pessoa não acredita cristianismo não pode ser muçulmano. Para ficar muçulmano, primeiro uma pessoa tem que acreditar [no] profeta Jesus. Eu estudei também muito [sobre] religiões, várias religiões. [...] quando chegamos aqui as pessoas falaram para nós que aqui é colônia de italianos, eles são fechados para entendê-los, para diferentes coisas, mas até agora ele não vi que eles fechou, ou mostrou dificuldade para nós. Até agora ficou muito tranquilo para mim, para nós também. Quando queremos rezar, rezamos. Quando queremos sentar na mesma mesa, sentamos. Todo mundo respeita, até mesmo vi alguns exemplos para mim, na nossa religião aqui, por exemplo, nós fazemos alguns programas aqui no Ramadã, nós convidamos várias pessoas aqui, convidamos militares, advogados, médicos, nossos vizinhos e algumas pessoas da UCS [Universidade de Caxias do Sul]. Até agora eu vi só, muita tolerância, muito diálogo. Nós sentamos, nós não colocamos nossa religião numa mesa. Tem várias coisas no mundo que vai ser felicidade junto, até agora [a gente] passou muito maravilhoso tempo para nós.

Esse processo de adaptação e inserção dentro da comunidade caxiense por parte dos membros da comunidade turca também se torna possível de notar entre as crianças, quando Enes nos fala da sua experiência com seus filhos:

Por exemplo, minha filha vai para a escola. Na escola, eles fazem oferecem almoço, jantar e quando assim, até tem fotos, você pode ver que assim num aniversário a minha filha [volta] com pequenas coisas dela [e] que não consegue desfrutar isso. No grupo das mães até é um receio, por enquanto eu tinha comentado até as pessoas conhecerem um pouco e tal agora tá bom,

a colega deles agora podemos “olha somos muçulmanos a gente não consome essas coisas porque é realmente isso”, deixa [alguns] mais duvidoso. Então realmente se torna um desafio cada vez, porque você pode ver que em casa eles vêm com aquelas lembrancinhas, e é claro [que perguntam] “pai posso comer? Pode ou não pode?”. [...] Eu me sinto mais seguro aqui, porque as pessoas respondem na forma que eles deveriam responder. Na Turquia se você for para um restaurante, chamar o dono e pedir se as carnes são Halal, então ele fica ofendido. “Por que que você perguntou isso agora?” Por exemplo, ele não responde se é halal ou não. Fala que você não pode questionar isso. Aqui não, tranquilo.

São notáveis as diferenças entre Salih e Mert. Esse último, na data da entrevista, possuía 20 anos de idade. Sobre a sua mudança de vida, e sua prática religiosa, percebemos como a religião é importante nas suas falas:

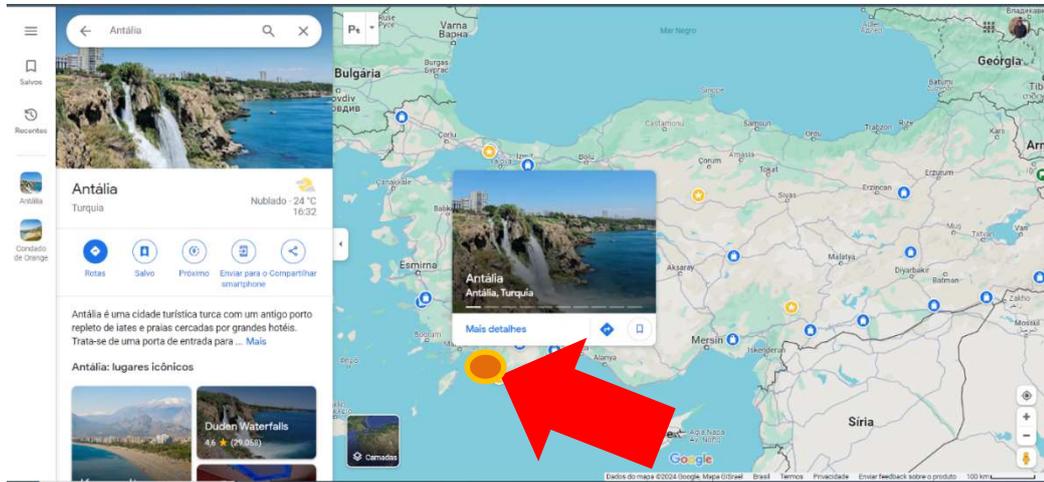
Pessoalmente eu tenho [muita] dificuldade, por exemplo num outro dia eu fui para a biblioteca na UCS eu tinha que fazer a oração e as pessoas tiveram muita, como se diz? Muito lega? É sobre isso, você pode fazer oração em qual lugar que tu quer, mas eu senti alguma, como diz? Tímido, eu não querer que parecer estranho, eu não queria que parecesse absurdo, porque quando que eu estou fazendo a oração, quando fazemos a oração, este é um pouco diferente da oração do cristianismo, mas quando eu perguntei para elas lá, elas me disseram que “você pode fazer no lugar que tu quer, e você pode fazer a sua oração na biblioteca também”, e eu faço minha oração em biblioteca. Isso, eu sou muito tímido, porque algumas pessoas não conhecem o Islã, bem, eles pensam sobre bomba. Eles me dizem isso, mas eu não posso dizer alguma coisa, algo para eles também, porque tem muitas mal [impressão sobre] o Islã. Por isso, penso que, sobre produtos haram e produtos halal, não é sobre carne e álcool, por exemplo alguns produtos têm gorduras de porco, e ou gelatina também, ou tem muito muito pouco álcool, em algumas por isso eu sempre que, sempre eu tenho que pesquisar, procurar, perguntar para eles. Isso é um pouco difícil, mas quando eu sempre pergunto, eles sempre respondem com muita honestidade.

No caso de Mert, destacamos que ele é um homem jovem que, no momento da entrevista, estava há apenas 10 meses em Caxias do Sul e mesmo assim possui uma busca e uma prática religiosa bastante significativas. Ele nasceu na Antália (Figura 19), cidade próxima do Mar Mediterrâneo, o qual ele chama de “Mar Branco”. Ele representa uma outra face da comunidade turca muçulmana em Caxias do Sul, por ser mais jovem em busca de estudos. Um dos primeiros questionamentos que fizemos foi sobre seu vínculo com a religião e sua vivência halal. Mert nos responde:

Mas, em Turquia, nós nascemos muçulmanos, e normalmente as pessoas têm muitos dogmas, eles não pesquisam, eles não estudam religião. [...] mais correto tu tem que pesquisar, tem que estudar a religião [...] e se nós entendemos que a pesquisa. Em Turquia também. Tu espera que todos os produto são halal em Turquia, mas não é, na verdade. Porque algumas pessoas não se importam. E por isso, até em Turquia tu tem que pesquisar, tem que procurar sempre, sobre os halal. Isso muito importante porque, eu acho que eu acredito que como produtos halal são muito importante. Se eu como alguns produtos haram, eu machuco [neste momento o Mert identificou

com a palavra “hurt” em inglês, com o sentido de machucar] o meu corpo e metafísica.

Figura 19 - Localização da cidade de Antália, ao sudoeste da Turquia, na costa do Mar Mediterrâneo



Fonte: Google Maps.

Assim como seus conterrâneos membros da comunidade turca, Mert também demonstra a sua perspectiva, buscando fundamento e base nos ensinamentos do profeta Muhammad: “Por exemplo, o profeta Muhammad disse se você comer produtos haram, talvez suas orações não podem acreditar por Deus, isso”. Interpretamos que Mert se refere a crença de que a prática do consumo de produtos halal é tão importante quanto a prática da oração, ou até mais, uma vez que percebemos que, ao consumir haram, a crença orienta que as orações sequer serão fortes o suficiente diante de Allah. Ele segue: “Por isso muito importante. Por isso tem instituições sobre isso”.

Quando questionamos sobre a importância do halal e da busca do halal em sua vida na Turquia e no Brasil, Mert admite que tal elemento ganha mais significado fora do seu país de origem: “Eu não fiz, eu não fiz esse produto, em Turquia. Eu não sabia, eu tinha que cuidar sobre isso. Eu eu aprendi aqui. Eu aprendi aqui. Eu entendo que os produtos haram e halal por isso, eu não procurava lá, na Turquia”. Além disso, comenta como está sendo sua experiência com o Brasil e com os brasileiros também:

Sim. Na Turquia. Todo mundo é muçulmano na Turquia, não é muito importante. Mas aqui, eu sou um turco, não me importa sobre os países muito, mas eu tenho respeito para com outros. Aqui em Caxias, especialmente, eu acho um pouco diferente, eu não morei em São Paulo ou outras cidades. Tem mais muçulmanos lá, São Paulo, mais grande, maior, tem muitos mais muçulmanos, e somos muito menos aqui e por isso, sim, por causa disso eu aprendi que aprendi a valorizar mais, saber o valor, algumas coisas. Tenho sentido que eu sou um estranho, eu sinto muito estranho por

que muitas pessoas aqui não sabem nada sobre as coisas [muçulmanos]. Por causa disso eu aprendi a valorizar mais aqui. Algumas vezes eu sinto que eu sou um estranho, eu me sinto muito estranho, porque muitas pessoas aqui não sabem sobre o profeta Muhammad, não sabem, não sabem nada sobre o Islã, por causa disso sim, algumas coisas sim. Sentido muito grande e estranho.

Este elemento nos chama especial atenção, a busca pela identidade turca em outro continente de cultura diferente, principalmente por conta do questionamento seguinte que era sobre a culinária turca. Mert nos informa o seu ponto de vista:

Na verdade, não. Porque eu pessoalmente, as comidas lá alimentos não me importa nisso muito [...]. Mas, como eu disse, se eu quero comer alguma coisa além de carne, eu ainda posso encontrar em alguns restaurantes, e por isso eu tenho um pouco de dificuldade sobre isso. Por exemplo, se eu quero comer sobremesas, ou algumas bebidas também, [e] eles podem conter álcool, ou gelatina por exemplo. Algumas coisas por exemplo contêm gelatina. Alguns doces contêm gelatina e outras coisas haram. Eu sempre tenho que por exemplo, manter e-mail para as empresas [para tirar dúvida].

Mert nos diz que, neste momento, particularmente para ele, o significado do halal em relação à culinária turca é superior.

Eu gosto porque tem, não todas as coisas têm dúvidas, não todos produtos têm dúvidas para nós. Tem muitos produtos que nós podemos comer por isso nós sempre compramos no mercado. E por exemplo [tem] restaurante legal em Caxias, muito legal, e por causa de eles serem veganos, nós podemos comer todas as coisas de lá.

A procura por restaurantes veganos reduz o contato com produtos que possam conter algo haram. Desta forma, algumas pessoas abrem mão de manter uma dieta essencialmente baseada na culinária turca, em busca de alimentos locais, desde que sejam Halal. Enes também alude a essa questão:

Eu sempre falo que envolve, eu vou abrindo mais possibilidades para comunidades, né? Um dia eu tava indo para a [Rua] Pinheiro Machado de direção de uma assim [do] centro para [o bairro] Cinquentenário, e vi o logotipo do Agrosul, tirei uma foto, dei uma volta, fui para loja, então [perguntei]: “Vocês usam qual frango?” Eles disseram “Agrosul”; “algum tipo de álcool assim temperar?”, “não, só ervas”. “E vocês por acaso usam outro tipo de frango?”. Eles falaram “não”. Então eu já comentei [para] a comunidade: “podem comprar frango assado também agora, desta loja”, por exemplo.

Esta busca por alimentos halal nos coloca dois elementos importantes ao estudar a comunidade turca em Caxias do Sul: percebemos a intenção dos turcos se incorporarem na comunidade caxiense e, ao mesmo tempo, reconhecemos a tentativa de manutenção dos princípios do halal. Enes, ao buscar alimentos com selo halal, e

Mert identificando restaurantes veganos, demonstram que a comunidade procura de forma intensa essa conexão local.

Mert, inclusive, nos informa sobre seu contato recente com o Brasil, com a língua portuguesa e com a conexão estabelecida:

Na verdade nós, por exemplo, eu e outro três amigos, começamos um curso de língua [portuguesa] depois de ficarmos três meses em Caxias. Por isso, [os] primeiros três meses não aprendi nada, porque eu sempre fiquei aqui [na casa], e aqui muita "isolidade" [Mert tentou identificar uma palavra para significar o sentimento de isolamento quando chegou] aqui em casa. Sempre temos que sair [e] socializar com as pessoas, [os] caxienses. E primeiros três meses foram muito mal porque não aprendi nada, e depois nós começamos curso de língua e lá nós conversamos muito com os brasileiros por exemplo, nós temos uma professora que ela, nós visitamos muitos lugares com ela. Foi muito bom, muito legal. E nós convidamos elas para o Ramadã também. Para jantar. Sim, nós gostamos [da língua portuguesa] [...]. O lógica é o mesmo. Mas antes em Turquia eu não tive nada com o português. Eu nunca imaginei "eu vou compreender português". Por isso, primeiros meses foi muito difícil. Porque foi muito estranho normalmente. Mas além disso não tem muitas diferentes. Muitas dificuldades. Eu gosto de língua portuguesa. Achei melhor que inglês, porque o inglês é muito não profunda, mas o português é.

A atenção da comunidade turca na busca por alimentos halal é uma constante na comunidade turca. O estudo em si aqui se aplica na compreensão desta comunidade em especial, sem envolvimento de outras comunidades muçulmanas que vivem em Caxias do Sul. Todavia, é importante destacar o ponto de vista da comunidade turca com relação às outras, o que nos dá um destaque acerca de sua relação com o Islã e com o conceito de halal. A informação é de papel fundamental para esta comunidade, Enes expõe que:

[...] entre a comunidade nós temos grupos de WhatsApp, temos 33 pessoas. Em São Paulo também temos uma comunidade e a gente troca as informações. Se você perguntar muito [para as empresas, e as pessoas sobre as origens dos alimentos para identificar o halal] você ganha [o "título" de] "mais chato da comunidade". Quando eu cheguei aqui, foi eu que mandei e-mail para Urca [sorveteria local], [e] para Sorvelândia [sorveteria local]. Falei "a gente não pode consumir gelatina e álcool", então eles responderam. Então a primeira reação foi de "quem perguntou?". Estamos lutando para essa consciência assim se torne mais concreta. A princípio as pessoas que a gente conhece, geralmente as pessoas fogem, para ele não pensa muito disso. Por exemplo, isso na minha família. Ele falou para meus filhos, sabe? "Caso vocês acham um restaurante, por exemplo e acham que tudo bem vocês forem lá olharem para carne e tal tudo OK?" Me falaram que tá bom halal, vamos experimentar. Mas até lá [até comprovar a origem halal do alimento] eu não vou então. As gerações querem aproveitar das coisas, então isso, por exemplo no McDonald's. Eu nunca comi aquele líquido que eles vendem como sorvete, sobremesa, mas eu nunca fui atrás. Eu não perguntei também se tem alguma coisa que impossibilitaria eu comer, ou facilitaria comer. Eu não fui atrás, mas as crianças por exemplo olhando para o Burger King, eles querem, por exemplo até foram até comer no Burger Vegano, né? Geralmente as pessoas [que] são mais perto para se não seguir, mas

estamos tentando [ver] se de uma forma “ser chato” um pouco e falar olha tem isso, né? Existe uma palavra do profeta normalmente que diz o seguinte: “deixa o duvidoso e pega menos duvidoso”, então sempre temos que seguir esta linha, mas isso é uma parte da religião só. Tem outros muitos deveres também.

Enes nos garante que é por meio do convívio e da educação familiar sobre a busca pelo halal que a comunidade mantém a prática:

Na verdade existem vários tipos de pessoas. A princípio para as pessoas que saem da Turquia, por exemplo, e chegam ao Brasil, para eles isso é uma novidade. Por quê? [Porque] na Turquia as pessoas geralmente, até minha família até certo ponto, sempre perguntavam, mesmo na Turquia, de onde vem esse carne? Será que vocês abateram com "Bismillah"? Ou, tem margarina ou não tem? Ou alguma coisa que a gente não possa comer? A minha família perguntavam e nos questionava. [Por] isso, eu cresci num ambiente assim. Posso dizer que o meu pai é assim são poucas vezes que ele janta ou almoço lá fora. Então ele prefere sempre [em] casa e por exemplo, para coisas que ele acha ele não é mesmo que seja halal, por exemplo não acha saudável, né? Então portanto, até certo ponto, tem pessoas que são bem rigorosos, né? Eles querem seguir as regras e, por outro lado, tem umas pessoas que nem conhecem nessa área, por exemplo. “Ah, o que halal?”. “Então o que a gente come não é halal?”, por exemplo. E o conceito existe. [...] Na Alemanha, por exemplo, tem maior população da Turquia. Se concentrou nesse país, [e] lá, assim, os restaurantes têm esse conceito [halal]. E as pessoas seguem, mas aqui no Brasil entre a comunidade. Isso posso dizer que somos pioneiros. Porque como alguns colegas, quando chegamos, começamos questionar: “esse Queijos, Né?” Até, quando chegamos aqui também os colegas também não questionavam isso, né? E a gente começou assim sempre perguntando. Então quem de uma forma tem convívio comigo assim ou foi colega meu [dizem]: “Ele é uma pessoa que já tá sendo informado sobre isso”. E até alguns momentos [...] nós fizemos apresentações sobre comida halal, [o] que pode ser [e o] que não pode ser. O que pode ser consumido e o que não pode. Mas esse conceito ainda, querer, assim, como falei tem uma pessoa que não [conhecimento], ainda não aceitou 100%, vamos dizer assim, eu vejo que os muçulmanos, não as como sempre tive um pouco excluídos nesse sentido. Por exemplo, como Mert falou que [tem gente que] nem conhece minha religião. Por que eles respeitariam? Assim, é um abate? Ou assim, as gerações novas, posso dizer que eles têm receios de para ganhar ou assim e indagar esse direito.

Ao longo da conversa na sede da Armoni, continuamos o diálogo com Enes. Ele acabou se destacando como uma figura importante na relação da comunidade com a busca pelos alimentos Halal. Apresentando-se, Enes já nos condiciona a perceber que a sua experiência, por viver por mais de uma década no Brasil, o coloca numa posição diferente do resto da comunidade, tanto turca, como muçulmana.

Sou Enes, sou linguista. Enes. Vim ao Brasil em 2007, vai fazer dezessete anos este Janeiro. 13 de Janeiro, eu vim. Eu trabalhei como professor de língua turca num colégio em São Paulo, quanto nas universidades. Como curso de Extensão. Depois eu me virei, administrador da escola, cuidei da parte mais [...] departamento financeiro também. Há dois anos, vai fazer dois anos que eu vim à Caxias. Atualmente moro aqui com minha família “brasileira”, sou brasileiro naturalizado. Minha esposa também. Só temos três

filhos, são brasileiros. Em São Paulo também tive trabalhos de tradução juramentado a situação jurídica também, [e] atualmente eu faço alguns trabalhos de livros religiosos. Tem alguns sites que eu trabalhava como coordenador em centro de diálogo interreligioso. Esse trabalho ainda sobra para mim, por enquanto. E então assim eu tenho também enquanto trabalhando lá, e atualmente ele tá inativo, mas nós tivemos um trabalho de uma pequena equipe seria o "vida halal". Seria um site que ainda pode voltar, que [seria] trabalho sobre a alimentação halal no Brasil, para, a princípio, para nossa comunidade uma comunidade que vem na Turquia. [...] para os outros brasileiros que são, é descendentes dos muçulmanos libaneses e sírios, jordanenses, palestinos ou senegaleses. Quem quiser poderia assinar aproveitar.

Essa referência de Enes a uma comunidade muçulmana mais ampla em termos de nacionalidades, nos oferece um ponto de vista significativo, o que nos leva acreditar que essa perspectiva é fundamentada, entre outros aspectos, nas orientações religiosas internas de uma escola específica a qual a comunidade turca pertence.

Enes começa nos explicando a questão das linhas sunitas, e de sua escola:

Na verdade existe, por exemplo, quatro escolas, na linha sunita. O islamismo tem xiitas e sunitas. Posso dizer que esta [para] protestantes e católicos só para dar um exemplo. Entre na linha sunita, nós temos escolas na jurisprudência islâmica que por exemplo, segundo a uma escola, a nossa escola é "Hanafi", temos Shafi, [...]e Maliki. Por exemplo, no Shafi, escola Shafi, eles podem comer frutos do mar, mas na minha escola eu tenho que comer as coisas que parecem com peixe. Se dá nojo para mim, não posso comer. Então são coisas assim, é por isso que eu falei por exemplo, às vezes é porque não tenho conhecimento das outras escolas, [só tenho conhecimento] que já sou adepto. Então tem diferenças, por isso que eu posso dizer que gafanhoto não pode, mas por exemplo existem pessoas que comem gafanhoto também. Eu não comeria. Aí, dentro da religião é permitido comer aqueles, é, esqueci. Lagarto! Espécie de lagarto. Eu não comeria, então assim, de qualquer forma, eles têm essa permissão. Por isso que eu tenho cuidado sobre isso também. Ele diz isso, "mas eles comem e eles são muçulmanos também". Mas eles podem falar, "e na minha escola é permitido", por exemplo.

Em seguida, há uma percepção mais ampla sobre o resto da comunidade muçulmana, observando exemplos e perspectivas do próprio Enes. Acreditamos que, por conta do papel de Enes na comunidade turca, tal perspectiva tem grande possibilidade de se estender entre os demais membros:

Então, sinceramente, eu quando eu conversei com eles, é assim não que eu percebi eles busca por essa comida, é, essa halal, não é muito. Eu percebo que até quando a gente chegou aqui em São Paulo, nós tivemos um problema de pizzaria com banha [de porco] é que quando a gente percebeu isso, era uma padaria que a gente comprava pão e de repente eu olhei para sempre a gente olhava para outro dia percebi que tem banha, fui lá, eles usavam uma barra de banha para [...] "Aurora" a marca, eu já conhecia, depois meus amigos insistiram e a minha informação que eles queriam que informação esteja errada, e foram várias vezes, até mostrar uma "banha vegetal", mas

assim isso foi terceira vez e lá surgiu essa dúvida sobre as massas quando eu conversei com algumas pizzarias lá, eles falam [que] para crocância a gente sempre utilizar isso. Então óbvio assim: você tem que perguntar tudo. Então quando chegamos, isso fez com que eu particularmente [fizesse] tudo em casa. Atualmente faço pão em casa. A maioria das coisas eu tento fazer em casa e quando chegamos a Caxias, me falaram do “Giordani”, e assim, vou contar um acontecimento entre nós e um outro muçulmano: e sem me perguntar isso já ia perguntar para a Giordani se posso ir lá, que tem rodízio, que é legal levar crianças e tal. E aí assim, sem eu perguntar já veio a notícia que Giordani<sup>61</sup> usa banha né? E eu tava visitando muçulmano, um palestino e ele falou que assim “você conhece pizzaria Giordani?”. “Eu conheço”. E ele falou “você foi?”, “não, não posso, não fui lá porque usam banha”. Ele falou “você é um muçulmano de verdade”. Porque ele falou [que]: “há 30 anos, ele me ofereceu isso”. Ele falou: “ele é meu amigo”. Falou que o dono era amigo dele, mas ele, o amigo dele, nunca falou da banha, da banha de porco. Aí assim, foi uma vegana que ele descobriu isso. Quando a gente surgiu, [e] surgiram veganos, eu falei “o trabalho facilitou, o trabalho nosso”, porque aí já tem uma parte que podemos se livrar dos animais, [e outros ingredientes] de origem animal [...]. A pizzaria fez um acordo: o Giordani prepara parte especial para eles, sem banha. Mas queira mostrar que geralmente as pessoas, ou que e é importante o que eles aprendem com os pais. E eles repetem isso, as pessoas que vieram com imigrante aqui, nós viemos como imigrantes, mas foi uma imigração voluntária a minha. Quando você vem com essa bagagem, você já pode colocar suas regras, suas requisitos da vida, mas eles vieram aqui assim sem saber nada. Eles [palestinos], não conheciam nem assim aqui no Brasil também. Eles não vieram com para resguardo as coisas deles. Com o tempo eles acharam Carne. [Insinuando se questionar se os palestinos questionam] “Fizeram Bismillah? Ok.” Porque existia uma escola que permite isso: “achou uma carne que foi abatido por uma pessoa que tem, pode ser assim o povo do livro que a gente fala hoje né ou Cristão? Pode dizer Bismillah e comer”. Mas nós achamos que isso não tem qualidade. Até a gente acha uma interpretação fraca e eles [não têm tido] esse cuidado. Então, portanto, eu não vejo uma, por exemplo, [...] abriram um restaurante “Terranga”, do Sheik né, eu queria ver alguma coisa [se] que essa comida é halal. Alguma coisa, o Sheik falou que o frango não é, ele disse assim: “carne não é, mas frango não é halal”, ele falou. Mas assim, eu abrindo um restaurante. Eu queria que essa tudo bem colocaram na mesa que pessoas que tenham vontade, pode vir aqui com tranquilidade. Então eles não seguem isso. Muito às vezes tem algumas particularidades das pessoas, mas realmente eu vejo que eles perguntam. Mas isso é devido um começo que não é foi, assim, rígido sobre esse assunto.

Fica evidente uma crítica velada sobre as demais comunidades, sendo ponderada pela questão de viés da escola que se segue, mas também sobre a perspectiva particular:

Eu acho que [é] simplesmente falta de conhecimento. Se eu for lá onde eu vou me passar as coisas, eu acho que ele vai entender resultado. As pessoas, quando eu me encontrei com senegalês, e eu passei para eles os dados dos frigoríficos [e] de todos agrícolas que, assim, fazem a parte halal. [...] Então [eu] acho que essas pessoas nem tinham dado atenção para isso. É como eu falei, isso, conforme a pessoa como foi orientado, né? Então o movimento também, fazemos parte do movimento Hizmet busca mais, precisão sobre esses assuntos também e portanto difere entre os grupos islâmicos.

---

<sup>61</sup> Pizzaria local da cidade de Caxias do Sul.

### 3.3 – A influência do Hizmet como formador da comunidade turca de Caxias do Sul

Aqui, neste ponto da conversa, identificamos mais uma vez Enes sugerir que os membros da comunidade pertencem ao Hizmet. Diante disso, abrimos uma perspectiva sobre a atuação do grupo e de seu pequeno histórico, para assim, podermos intensificar a percepção da comunidade turca de forma ampla nas suas formações políticas e religiosas, enquanto elementos que são catalizadores transnacionais do halal.

Ao longo das conversas e dos diálogos com os membros da comunidade, em especial com o senhor Enes, algumas falas se destacaram, como:

O secularismo na Turquia assim, a gente queria chamar isso [de] modernização. Na verdade, antes de sermos expulsos da Turquia, estávamos atrás de uma Turquia que, assim consegue fazer primeiro uma forma de visão na democracia e também modernizado, assim, uma Turquia que seria exemplo para outros países. Então dá para conviver com [a] democracia e se tornar mais modernizado.

Estas premissas sempre se encontraram nos diálogos com a comunidade turca e com a premissa da Armoni, empresa de Enes, com fins de diálogo interreligioso.

Para compreendermos uma definição sobre o Movimento, baseado nos princípios decoloniais da História Global, identificamos uma descrição concisa e significativa realizada pelos autores Wassen Khan e Hafeez Ullah Khan (2018), no artigo intitulado *The Gulen Movement: The blending os Religion and Rationality* (O Movimento Gulen: uma mistura de religião e racionalidade, tradução nossa)<sup>62</sup>, no qual definem

O Movimento Gülen, também conhecido como Hizmet (que significa “serviço”) em turco, é um movimento religioso, educacional, cultural e não político que é inspirado nos princípios universais do Islã e nas ideias e ativismo de Fethullah. [...] O Movimento Gülen, em essência, é uma organização baseada no Islã (não política) que visa combinar uma interpretação moderna do Islã com nacionalismo e estatismo turcos. Em suma, o Movimento Gülen visa equilibrar os valores islâmicos com o sistema político kemalista. Também apresentou uma imagem moderna e positiva do Islã e tentou reintegrar Islã com o resto do mundo. Além disso, conseguiu iniciar diálogo inter-religioso e intercultural na Turquia e conseguiu uma grande extensão na criação de tolerância e harmonia entre os diversos grupos étnicos, grupos políticos e religiosos. O movimento Gülen começou como um movimento educacional e cultural, mas parece que não manteria distância da política por um longo tempo e uma vez que entrar na arena

<sup>62</sup> KHAN, Waseem; KHAN, Hafeez Ullah. The Gulen Movement: The blending os Religion and Rationality. **Journal of Research in Social Sciences -JRSS**, v. 6, n. 1, jan. 2018.

política, seria definitivamente estar em nome do Islã Político (Khan; Khan, 2018, p. 182.).<sup>63</sup>

Esta perspectiva nos fornece, em conjunto com a análise histórica da relação entre o estado turco e o Islã, uma possibilidade de compreender com maior profundidade como os elementos em relação ao Halal e o Haram se comportam na comunidade, em especial sobre a alimentação.

Como conseguimos perceber através da complexa relação entre a religião e o Estado, a formação da identidade da população turca oscila entre uma fundamentação nacionalista e muçulmana, ora tendendo à perspectiva nacionalista kemalista, ora com uma sobreposição do Islã na sociedade, através dos movimentos, como o Hizmet, ou dos partidos políticos, como o AKP.

Todavia, o Hizmet, enviesado pelos princípios de seu líder espiritual e fundador, M. Fethullah Gülen, trabalhou a relação entre o Estado e a Religião desde os anos 1980, ou seja, quando o tema veio à tona diante dos chamados movimentos da “Primavera Árabe” (entre 2010 – 2011), Gülen e o Hizmet já possuíam experiência em estabelecer o diálogo.

Podemos perceber essa fina relação estabelecida pelo Hizmet quando conseguimos observar algumas produções ocidentais que discutiram o assunto (ainda que enviesado em favor de conceitos ocidentais como “democracia” em relação ao Islã).

Balci e Miller (2012)<sup>64</sup>, em seu capítulo introdutório<sup>65</sup>, manifestam não apenas a posição ocidental explícita em relação ao Islã e ao Estado no Oriente Médio, como também trazem à luz a perspectiva de vanguarda do Movimento Hizmet diante de tal complexa relação, por considerar primeiramente que “A chegada da primavera árabe,

---

<sup>63</sup> Texto Original: The Gulen Movement, also known as Hizmet (which means ‘service’) in Turkish, is a faith-based, educational, cultural and non-political movement which is inspired by the universal principles of Islam and the ideas and activism of Fethullah.. This paper gives an outline of the origin, purpose and history of the Gulen Movement. The life and philosophy of the Fethullah and the impact of his movement on the sociopolitical scenario of Turkey is analyzed. The Gulen Movement, in essence, is an Islam-based (non-political) movement which aims to combine a modern interpretation of Islam with Turkish nationalism and statism. In short, the Gulen Movement aims to balance Islamic values with the Kemalist political system. It has also presented a modern and positive image of Islam and has tried to reintegrate Islam with the rest of the world. Moreover, it has succeeded in initiating inter-faith and inter-cultural dialogue in Turkey and has succeeded to a large extent in creating tolerance and harmony among Turkey’s diverse ethnic, political and religious groups. The Gulen movement started as an educational and cultural movement but it seems it would not keep distance from politics for a long time and once it enters the political arena, it would definitely be in the name of ‘Political Islam’

<sup>64</sup> BALCI, Timer; MILLER, Christopher L. **The Gülen Hizmet Movement**. Cambridge Scholars Publishing. 12 Back Chapman Street, Newcastle upon Tyne, NE6 2XX, UK. 2012.

<sup>65</sup> O título introdutório original é: The Gülen Hizmet Movement: A cautionary tale (em tradução livre, o título do capítulo pode ser descrito como “O Movimento Hizmet Gulen: Um conto preventivo”).

entre 2010 e 2011, trouxe o complexo problema da relação entre o Islã e a democracia para a vanguarda”<sup>66</sup> (Balci; Miller, 2012, p. 01). O texto segue, diante de uma série de questionamentos embasada exclusivamente no conceito ocidental de democracia, orientando o leitor para uma perspectiva amena acerca do Movimento Hizmet, considerando que

[...], um movimento religioso progressista, o Movimento Gülen Hizmet (GHM), sugere soluções para as questões contemporâneas do Oriente Médio. M. Fthullah Gülen (1941-presente), fundados e líder espiritual do GHM, defendia a compatibilidade do Islã e da democracia, muito antes de a Primavera Árabe estar no horizonte. A chegada da Primavera Árabe intensificou a necessidade de estudar o GHM, não só através das palavras de Gülen, mas também das ações do movimento (Balci; Miller, 2012, p. 01).

Esta perspectiva, apesar de alarmista por parte da produção ocidental, revela sutilmente a importância e a relevância do Movimento Hizmet, assim como a percepção dos efeitos concretos de suas ações. Este elemento, justificado pelo estudo acima citado, é a condição que orientamos aqui a necessidade de perceber as pessoas da comunidade turca em Caxias do Sul como sendo guiadas por esses princípios do Hizmet e, como consequência, a influência no cotidiano dos membros da comunidade na relação particular deles com os conceitos muçulmanos de Halal e Haram.

As características desenvolvidas em torno do movimento Hizmet são fundamentais para o entendimento de sua inserção na sociedade ocidental. Com base na fundamentação da História Global, e sem fim comparativo, a partir da possibilidade de estudar a atuação do movimento e de seus membros envolvidos com o fluxo migratório internacional, é possível perceber seu *modus operandi* em outras nações.

Desta forma, em diálogo com outros estudos desenvolvidos em outras experiências pelo mundo, há uma possibilidade de identificar essas características replicadas. Para isso, identificamos no estudo de Cicek (2016)<sup>67</sup> uma referência relevante sobre a presença do movimento Hizmet em Melbourne, na Austrália.

<sup>66</sup> Tradução nossa do texto original: “The arrival of the Arab Spring in 2010-11 brought the complex issue of the relationship between Islam and democracy to the forefront”.

<sup>67</sup> CICEK, Sureyya Nur. **The Gülen/ Hizmet Movement in Melbourne and Sydney and its development of social capital in dialogical engagement with non-Muslim communities**. A thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy at Monash University. School of Philosophical, Historical and International Studies (SOPHIS). 2016. 258p.

O trabalho de Cicek (2016) nos possibilita observar resumidamente uma série de interpretações sobre uma breve revisão da literatura sobre o Movimento Hizmet e suas características, como:

Vários temas sobre o “Movimento” surgem da revisão da literatura. (1) Começou por abrindo novos espaços sociais e culturais quando o estado da Turquia relaxou o seu controle sobre Islã, permitindo que grupos religiosos como o movimento Hizmet reinterpretem o Islã de acordo com às necessidades da sociedade moderna. (2) Embora tenha começado como um movimento que atraiu indivíduos religiosos na sociedade, nos últimos anos transformado em um movimento transnacional incluindo bem-estar, mídia, inter-religioso etc. (3) A identificação de Gülen do Islã e do diálogo é extraído de suas raízes orientais, derivado em grande parte do entendimento sufista. Ele promove a busca do conhecimento como valor religioso e integração com o mundo ocidental como meio de coexistência pacífica. (4) Gülen prioriza valores como liberdade de pensamento, pluralismo, sociedade civil e democracia. De acordo com a atividade de construção da paz ou coesão na perspectiva de Gülen, educação, defesa do diálogo inter-religioso e intercultural e sua mediação são enfatizados. (5) O interesse básico de Gülen no diálogo e na tolerância e a sua perspectiva é definido por uma sensibilidade islâmica. Gülen vê o diálogo não como um “esforço supérfluo”, mas como um imperativo. (6) Ele vê um diálogo intercivilizacional ativo como um meio para resolver os problemas sociais e culturais centrais do mundo moderno. Ele acredita que “o elemento-chave no progresso da civilização é a mudança das mentalidades dos povos”; isso só é alcançado quando uma pessoa reconhece suas próprias limitações e reconhece a necessidade de controlar impulsos e encontra motivação para lutar pela virtude e pelo conhecimento. (7) O conceito de social de Gülen a coesão (embora ele a chame de paz) é alcançada através da criação de harmonia social dentro e entre grupos diferentes. Os três estágios de diálogo (Celik, 2010) na visão de Gülen são: a) Mútuo respeito pela identidade dos outros que não implica aceitação mútua, b) Aceitar os valores e identidades dos outros, c) Aceitar os contextos culturais uns dos outros, para aprender uns sobre os outros identidade cultural, crenças religiosas e valores espirituais (Cicek, 2016, p. 48).

Estes elementos identificados no estudo de Cicek (2016) evidenciam as falas feitas pelos membros da comunidade turca em Caxias do Sul. No que diz respeito à questão religiosa e à alimentação, ou seja, o Halal, podemos perceber na fala do senhor Salih, quando questionado sobre a relação entre o conceito de Halal e sua importância para a comunidade.

No contexto da pesquisa, a organização e a adaptação de grupos humanos provenientes de fluxos migratórios, particularmente aqueles com origem na Turquia, desempenham um papel central na análise da relevância da alimentação Halal para a construção da identidade religiosa e nacional. Com esse propósito, realizamos um estudo baseado em fontes orais, que envolveu entrevistas conduzidas junto aos membros da comunidade turca que moram na cidade de Caxias do Sul, ao longo do ano de 2023.

As entrevistas realizadas com alguns membros da comunidade turca possibilitam que possamos estabelecer uma relação entre as compreensões conceituais do Halal, analisadas anteriormente, as condições particulares e as visões de mundo desses membros. Portanto, é fundamental que compreendamos contextos específicos, dos quais conseguimos hipoteticamente concluir de forma ampla, como a intensidade da manutenção e da vivência particular dos ritos e das tradições religiosas no cotidiano.

Ainda que de forma breve, mas com um peso de importância para o entendimento e a localização no espaço-tempo da comunidade turca, é preciso ter uma revisão da política doméstica da Turquia nos últimos anos, pois é diante dessa relação com o governo turco liderado por Recep Tahip Erdogan, que os membros da comunidade turca, os quais também são membros do Movimento Hizmet (cujo termo exige uma revisão conceitual e historiográfica), fundamentam grande parte de suas orientações política e religiosa e, por consequência, suas posturas, que percebemos nas suas falas, durante as entrevistas.

Desta forma, as entrevistas realizadas servem de fonte para a compreensão de parte da comunidade turca, assim como funciona como fonte primária para a complementação do aprendizado dos processos políticos da Turquia e do Movimento Hizmet. Além disso, servem como uma compreensão de como o Movimento Hizmet e o cenário político da Turquia fornecem os elementos que formam a comunidade turca em Caxias do Sul, como uma comunidade que faz do alimento sua expressão religiosa, política e cotidiana de seus princípios.

As entrevistas foram conduzidas em um cenário singular e significativo, no interior do *Armoni-Centro de Diálogo e Solidariedade Social*, uma instalação na qual os membros da comunidade de Caxias do Sul mantêm estreitos laços de afiliação. Este contexto reveste-se de uma importância fundamental, uma vez que o próprio ambiente transcende os limites físicos, evocando de maneira palpável e profunda a rica herança e a fé islâmica que permeiam as vidas daqueles que o frequentam. O espaço em si cria uma atmosfera única, imbuída de elementos simbólicos e culturais que conectam de forma indelével os relatos dos entrevistados com o tema central de nossa investigação, o Halal, cuja essência é profundamente entrelaçada com a prática religiosa islâmica. A escolha do ambiente para a realização das entrevistas é, portanto, uma manifestação intencional de nossa busca por compreender e capturar

não apenas as narrativas individuais, mas também a essência espiritual e cultural que dá vida a essa comunidade e sua relação com o conceito de Halal.

As entrevistas tiveram lugar em uma configuração íntima e culturalmente rica, onde os entrevistados se encontravam confortavelmente acomodados em sofás, descalços, em um espaço previamente designado para orações. A calorosa recepção que precedeu as entrevistas refletiu os valores de hospitalidade tradicionais da comunidade, marcada por um gesto característico de anfitriões que serviram chá e biscoitos aos presentes. A conversa foi iniciada por Salih e Mert, dois membros da comunidade que conseguem se comunicar na língua portuguesa, acompanhados por dois jovens membros que demonstravam um entusiasmo evidente por contribuir, porém apenas conseguiam se comunicar em turco. Foi Salih Yucer quem tomou a iniciativa de compartilhar suas experiências e perspectivas, inaugurando o diálogo que proporcionou entendimentos valiosos para a nossa investigação. Essa configuração, com sua ambientação acolhedora e tradições de hospitalidade, contribuiu para estabelecer uma conexão genuína com os entrevistados e enriqueceu a experiência da pesquisa.

Iniciamos, portanto, com a pergunta mais direta e conectada com a pesquisa: “O que que você poderia me explicar do conceito do Halal e a importância para você?” Aparentemente acostumado com o conceito, Salih nos respondeu que:

Nós, acreditamos [...] no mundo tem um criador. Criou o nosso corpo (que também eh é no criador, o nome dele é Allah, nós chamamos eh, normalmente nos selecionamos que nós não comemos, nós não comemos. Que Deus fala para nós? Que não sou profeta Muhammad me mostrar para nós, qual o produto nós podemos comer qual produto tem permissão comer para nós. Nós selecionamos assim, mas falando "realmente" nós não comemos porco. Eh nós não comemos carne, gado, frango, alguma coisa que eh, alguém que não cortou eh sem o nome de Deus, por isso. Mas esses nós não nossa regra [ficou difícil entender essa parte]. Não costume, esse regra tudo de Deus. Nosso Deus Allah, assim nós fazemos. Especialmente, por exemplo têm alguns produtos. Eh, até nós compramos do mercado. Alguns lugares. Eh, se tem eh, nós olhamos eh primeiro ingredientes que tem, que não tem, (se) tem alguma coisa que é proibido ou não, ou saudável para nós [não entendi esta parte]. Depois selecionamos. Ah, mas quando "mentalmente" [incompreensível] nos olhamos eh, tem algum produto dentro dele, produto de porco, carne, alguma coisa. Eh, nós olhamos assim.

Percebemos, com base nesta resposta, que há correlação entre os membros da comunidade turca, há uma significativa relação com o alimento, especialmente no que diz respeito às suas expressões religiosas, como motivador e organizador do cotidiano desta comunidade. Observando o capítulo anterior, com referência direta no processo político histórico da Turquia e sua relação com a religião (Islã), podemos

correlacionar os elementos que estruturaram essa sociedade com o Movimento Hizmet, sendo que

Até a década de 1980, a Turquia possuía um sistema econômico misto. O Estado turco estava ativamente envolvido na economia através de monopólios comerciais estritamente controlados de bens comumente consumidos, como tabaco, chá e álcool. A indústria privada funcionava como adjuntos corporativistas do Estado: apenas as corporações favorecidas pelo Estado podiam se tornar grandes empreendedores e operavam sob proteção estatal. Um número limitado de bancos privados e controlados pelo estado favorecia corporações seculares e principalmente baseadas em Istambul, Ancara ou Izmir em termos de distribuição de empréstimos e créditos. Essa tendência gradualmente mudou na década de 1980. O governo conservador pós-junta do Partido da Pátria (Anavatan Partisi - ANAP), liderado por Turgut Özal, não apenas lançou alguma liberalização econômica, mas também apoiou uma maior descentralização do desenvolvimento econômico longe de Istambul, incluindo apoio a uma burguesia religiosamente conservadora baseada na Anatólia. De fato, o apoio financeiro dessa burguesia conservadora anatólia ajudou a cristalizar as ideias de Gülen e círculos de apoio vagamente baseados na GHM, e começou a canalizar capital significativo para o programa de construção de escolas da GHM. Os governos de coalizão da década de 1990 e o infame golpe pós-moderno de 1997 interromperam a liberalização econômica iniciada pelo governo de Özal. De fato, o bem-estar econômico do povo turco raramente foi a principal prioridade da burocracia militar-judicial não eleita da Turquia, autodeclarados bastiões da república turca: até a última década, os generais definiam as principais políticas estatais na Turquia e os políticos eleitos eram obrigados a obedecer ou enfrentar intervenção militar. Apesar disso, o golpe de 1997 gerou condições para uma nova crise econômica em 2001, que por sua vez pavimentou o caminho para uma vitória eleitoral para o Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) em 2002. O novo primeiro-ministro, Recep Tayyip Erdoğan, um discípulo político do ex-primeiro-ministro islâmico Necmettin Erbakan, que havia sido deposto pelo golpe, e o governo AKP reiniciaram não apenas um processo de liberalização econômica, mas também político, desafiando a tutela militar e levando os golpistas à justiça.<sup>68</sup> (Balci; Miller. 2012, p. 4-5, tradução nossa).

---

<sup>68</sup> Tradução nossa do original: "Until the 1980s, Turkey had a mixed economic system. The Turkish state was actively involved in economics through strictly controlled trade monopolies of commonly consumed goods such as tobacco, tea, and alcohol. Private industry functioned as corporatist adjuncts to the state: only state-favored corporations were allowed to become big entrepreneurs and operated under state protection. A limited number of private and statecontrolled banks favored secular and mostly Istanbul-, Ankara-, or Izmirbased corporations in terms of loan and credit distributions. This trend gradually changed in the 1980s. The post-junta conservative Motherland Party (Anavatan Partisi (ANAP)) government led by Turgut Özal not only launched some economic liberalization, but also supported greater decentralization of economic development away from Istanbul, including support for a religiously conservative Anatolia-based bourgeoisie.<sup>4</sup> It was, in fact, financial support from this conservative Anatolian bourgeoisie that helped to crystallize Gülen's ideas and loosely-based support circles into the GHM and who began funneling significant capital into the GHM's school-building program.<sup>5</sup> The coalition governments of the 1990s and the infamous post-modern coup<sup>6</sup> of 1997 interrupted the economic liberalization initiated by Özal's government. Indeed, the economic welfare of the Turkish people has rarely been the top priority of Turkey's unelected military-judicial bureaucracy, the self-declared bastions of the Turkish republic: until the last decade, the generals set the main state policies in Turkey and elected politicians were forced to abide or face military intervention. Despite this, the 1997 coup generated conditions for a new economic crisis in 2001, which in turn paved the road for an electoral victory for the Justice and Development Party (AKP) in 2002. The new Prime Minister, Recep Tayyip Erdoğan, a political pupil of the Islamisleaving former Prime Minister Necmettin Erbakan who had been deposed by the coup, and the AKP government reinitiated not only an economic but also

Esta relação nos demonstra duas concepções sobre o Islã na Turquia, enquanto, por um lado,

Gulen defende uma separação completa entre o Estado e a religião no mundo muçulmano. Segundo ele, um Estado baseado no Islã acaba prejudicando o próprio Islã. O movimento Gulen foi o primeiro movimento islâmico moderno a aceitar a forma secular de Estado, ao mesmo tempo em que pede liberdade religiosa sob essa estrutura. O movimento Gulen prega um Estado secular que se manteria à mesma distância de todas as crenças e filosofias. A noção de identidade nacional de Gulen é inspirada no legado otomano-islâmico<sup>69</sup> (Khan; Khan, 2018, p. 188).

Por outro lado, Demant (2004) aponta os aspectos divergentes dos islamistas dentro dos grupos muçulmanos e seus objetivos uma vez que

Os islamistas [...] travam esta guerra em nome de uma transformação não apenas da estrutura interna das sociedades muçulmanas como também de todo o sistema internacional [...]. Ou seja, o islã dos islamistas não é apenas uma religião, mas um sistema ideológico abrangente e [...] absolutamente incompatível com o Ocidente (Demant, 2004, p. 457).

As informações fornecidas por esta perspectiva nos orientam sobre a relação com o governo turco. Porém, como não é este o cerne da questão, elas nos possibilitam compreender ainda mais a relação dos membros da comunidade turca de Caxias do Sul, uma vez que eles são membros do Hizmet e se encontram na posição de migrantes enquanto refugiados. Portanto, esses princípios são fundamentais e sólidos na comunidade.

Os princípios presentes no Hizmet se distanciam completamente dos conceitos aplicados aos grupos islamistas e acabam por ser, em alguns aspectos, até perseguidos pelos mesmos. Desta forma, considera-se fundamental identificar aspectos característicos do conceito de Islamista para que não se provoque qualquer confusão com os aspectos característicos do Movimento Gulen Hizmet, pois “Ao contrário dos outros muçulmanos, os islamistas constituem um grupo inassimilável à civilização da modernidade” (Demant, 2004, p. 456).

---

a political liberalization process by challenging military tutelage and bringing the coup-plotters to court” (Balci; Miller, 2012, p. 4-5).

<sup>69</sup> Tradução nossa do texto original: Gulen calls for a complete separation of the state and religion in the Muslim world. According to him, a state based on Islam ultimately harms Islam. The Gulen movement was the first modern Islamic movement to accept the secular form of state while asking for religious freedom under it. Gulen movement espouses a secular state that would stand at the same distance from all beliefs and philosophies. Gulen’s notion of national identity is inspired from the Ottoman-Islamic legacy. (Khan; Khan, 2018, p. 188).

O trânsito desta comunidade na sociedade brasileira, em especial em Caxias do Sul, é fundamentado nos preceitos básicos do Halal e do Haram, para si próprios, como elemento primordial da vida do muçulmano.

Desta forma, podemos construir uma narrativa sobre a comunidade, o halal e o alimento em Caxias do Sul através da perspectiva da própria comunidade. Como vimos anteriormente no primeiro capítulo, o Halal, dentro de uma comunidade muçulmana sunita, possui uma grande ampliação de interpretações com relação aos textos sagrados. Revisamos o conceito de Halal, todavia, sem a expressão exclusiva da leitura litúrgica, como identificamos no livro de Al-Karadhawi (1989), mas pela perspectiva da comunidade. Em sua entrevista, Enes nos informa sobre sua atuação, por meio do que ele considera ser essencial para as comunidades muçulmanas praticarem o halal no seu cotidiano, que é através da busca pelo conhecimento:

Eu acho que sim, porque quando isso acontece, quando a gente faz palestra sobre vida [e] alimento halal. A gente mostrou para eles [o] que pode ser consumido. Sem ter conhecimento que isso nós acreditamos que assim nas comidas alimentação halal, [que] ele afeta a vida espiritual da pessoa também e nem assim, ele representa as pessoas não sei se torna mais insensato, a gente acredita portanto. Só fazendo esse trabalho, mostrando que tem halal. Então quando você coloca halal, as pessoas vão assim: “é halal, os outros não eram halal?” Primeiro, se perguntaria isso, por exemplo. Você fala assim: “halal, ok”, então você fala, “os outros não são halal?” Eu não posso dizer que não são halal. Então isso é halal, então tem o Makruh: halal, makruh e o haram. Quer dizer, já mais nítido. Mas é a regra Islâmica, é bem simples, na verdade, isso também atrapalhou um pouco existe dizendo o seguinte: a princípio você tem de aceitar a coisa, tem que entender [o] que é que dá, aquele que pode, até que você comprova que não pode. Então isso é uma regra que, assim, de uma forma facilita a vida dos muçulmanos também, mas por um lado facilita, depois mas ele não procura mais, né? Ele só usa primeiro passo, não dá segundo passo. Então veio uma comida então a princípio até eu falar aqui. Olha isso daqui é errado. Não posso dizer que é errado não até tem que comprovar que é haram. Até lá, ele é considerado normal, não é halal também. Então esses conceitos eu acho que quando for mais falado por minhas crianças. Por exemplo, eu mostro para eles. “Olha esse azeite tá vendo, tem o selo halal? Não? Procurou? Veja para ver do Kosher”. O que para nós são, eles perguntam “pai, o que pode acontecer com azeite?”. [...] Falei: “filha, se você for para Esmirna<sup>70</sup> onde fazem, esmagam azeitonas. Às vezes você pode testemunhar [que] algumas vezes, me desculpem, os ratos estão sendo esmagados também. Então a azeitona, o azeite que a gente utiliza pode conter alguns restos. Que isso, por exemplo, no Brasil, lá extrato de tomate cada 100 gramas, ela é considerada”, mas quando a gente fala assim ninguém aceita. Mas eu quero dizer rato é isso, né? É rato, então assim quando eu falo isso para eles falam: “Nossa Então como que acontece isso?” então por isso que [...] as pessoas ficam mais conscientes sobre isso.

Todavia, consideramos importante para a pesquisa questionar o ponto de vista da comunidade turca sobre alguns aspectos e critérios que envolvam o halal, por

---

<sup>70</sup> Cidade na costa do Mar Egeu localizada na Turquia.

exemplo, o custo do produto em relação ao poder aquisitivo das diferentes comunidades muçulmanas. Enes discorre a respeito disso:

Na verdade, por exemplo [o] chantili. Vamos dizer: “Se você pega um chantili [de] 3 reais ou 4 reais uma caixa para bater em casa e fazer cobertura para um bolo”. Mas se você pegar aquele chantili [e ver] que tem vários ingredientes perguntando por um. Mas se você pegar um creme nata, ou creme de leite, assim já é 5 vezes maior porque você paga um valor alto para fazer um chantili, né? Geralmente as produções halal, assim, sim, encarecem. Por isso que também isso [é] outro desafio [para os] produtores. [O] Salih também, por exemplo, porque existe queijo, [e] existe queijo. Existem várias coisas por exemplo. Por isso Quando você quer seguir uma linha, mas disso, eu acho que essa não fiz cálculo, mas uns 20% de 30% encarece.

Quando questionamos sobre as diferentes comunidades muçulmanas, Enes nos guia para o seu ponto de vista:

Os senegaleses, eu não tenho convívio com ele 100%. Mas se eu passasse alguns dias com eles, [observando] como que eles estão comendo, como eles estão se alimentando, mas por exemplo no frango, eu não posso dizer nada, porque eu não tenho uma diferença de valores. Na carne também não, porque no mercado por exemplo a fábrica aqui tem plantas [acredito que industriais] *in natura* 100% corte halal, infelizmente não é o mercado brasileiro, mas eu acho que no azeite por exemplo essas coisas elas assim se a pessoa usa o azeite existe azeite com 19 reais, então o que eu compro por 32 reais, então isso tem uma diferença geralmente. Isso afeta sim. Porque eu quero usar o óleo Lisa que tem é kosher. Então, se você do lado tem outro que vem da Argentina. Por exemplo, já tenho três ou quatro reais de diferença. Então existe isso. Geralmente na Turquia também. São um desafio para as pessoas, realmente, ou que tem que ser mais cedo mais cedo possível, ainda fica mais caro.

### 3.4 – Cotidiano da comunidade turca em Caxias do Sul: entrevista com Enes

Em um último momento, em vias de finalização da dissertação, um último contato com Enes foi realizado, a fim de estabelecer elementos de estudo exclusivamente sobre o Hizmet e a importância dele para a construção da identidade específica da comunidade turca que vive em Caxias do Sul, e como isso influencia a busca da expressão da comunidade através do Halal, especificamente, do Halal na culinária.

Um aspecto fundamental das entrevistas realizadas encontra paralelo na reflexão de Santhiago e Patai (2021), onde identificamos a produção de uma história oral como sendo

[...] fruto de relações entre indivíduos diferentes, reunidos artificial, provisória e circunstancialmente em função de uma situação de pesquisa. É fruto, igualmente, de relações entre espaços, temporalidades e repertórios culturais distintos, triangulados a partir do entendimento de que a história oral é mais do que uma técnica específica de pesquisa narrativa: é também a ignição

para trocas de experiências com ressonâncias pessoais e intelectuais profundas (Santhiago; Patai, 2021, p. 452).

Esta troca é essencial para agregar uma comunidade imigrante, especialmente, pois as diferenças em questão são mais presentes e intensas, a barreira da língua e os repertórios culturais criam uma atmosfera de tensão em busca de evitar cometer qualquer equívoco que possa ser interpretado de forma errada, assim como criam uma relação de confiança que se alimenta em cada diálogo proposto através da compreensão mútua das relações.

Próximos do fim de nossa conversa, cientes de que a comunidade turca em Caxias do Sul possui uma relação bastante intensa com a religião e a prática do Halal, podia ser previsível imaginar a perspectiva de Enes em relação ao uso dessa prática em redes sociais, por meio de cozinheiros turcos (o qual consideramos uma prática de soft power através da culinária):

Assim, bem, eu acho que [o que] ele faz, não é comida turca. Eu acho o estilo dele horroroso, mas a questão, as pessoas quando eles são mais praticantes, né, procuram mais esses detalhes. E uma pessoa que é, assim, não vive só a religião, não frequenta mesquita ou não faz suas orações diárias frequentemente, ele não procura esses detalhes. Ele não procura esses detalhes. Ele já se imagina uma pessoa [...] já consome álcool [mesmo] sendo muçulmano. Ele não vai procurar uma carne que seja halal. Mas assim, existe uma maneira, sempre eles fogem do povo. Qualquer pessoa que mesmo que [seja] uma pessoa bem secular, não passou na porta de mesquita nunca, mas só fala que ele acredita em Deus, diz que é muçulmano.

Portanto, a partir das falas de Mert e Enes, especialmente, identificamos que a procura pelo Halal é mais importante que a própria culinária turca, pois há uma intensão clara de identificar alimentos locais que se adequem à prática halal, como a culinária vegana, frangos assados (tradicionais) e pizzarias. Salih não está distante desta perspectiva, porém, por ser proprietário de um restaurante de culinária turca, é o membro da comunidade que, de fato, consegue unir o halal com esse elemento cultural, que é a culinária turca.

Em parte, é possível identificar a explicação que Enes nos oferece, quando questionado sobre os hábitos que esses elementos modernos nos mostram, não apenas por meio das redes sociais e dos cozinheiros turcos, mas também da presença de novelas turcas que passam no Brasil. Questionamos sobre o significado delas, e do aparente descaso com os preceitos religiosos do halal, uma vez que há na atuação a indicação de consumo, por exemplo, de bebidas alcoólicas. Enes argumenta:

O secularismo na Turquia assim, a gente queria chamar isso [de]

modernização. Na verdade, antes de sermos expulsos da Turquia, estávamos atrás de uma Turquia que, assim consegue fazer primeiro uma forma de visão na democracia e também modernizado, assim, uma Turquia que seria exemplo para outros países. Então dá para conviver com [a] democracia e se tornar mais modernizado. Mas não secularizado. Então. Infelizmente, o que tá acontecendo para nós assim [é] que a Turquia tá parecendo muito assim [...] há dezesseis anos praticamente não estou lá, mas o que observo: as novelas relatam uma parte que que é normal porque a Turquia sempre foi assim, e na Turquia também existem as pessoas que são bem rigorosas na religião. Tem seitas, tem escolas [e] as forças [das seitas] que seguem o islã de uma forma bem correta também. Isso é uma mistura na Turquia, mas a maioria das vezes o que passa na televisão [as novelas] realmente são moda na Turquia. Também eles refletem uma parte da sociedade. Não posso dizer que não. Não estou sabendo assim tanto. A Turquia é aquilo que vocês veem. A Turquia assim quando sendo um brasileiro, vocês podem encontrar aqui novela na Turquia. Ou você fala assim, “não vou querer essa novela, vou fazer um passeio, uma viagem terrestre vou passar de Aldeia para Aldeia”. Então você encontra uma Turquia tanto conservadora quanto, assim, religioso, assim, ambas têm muita diversidade neste sentido. Mas o que passa mais, o que chama mais atenção da juventude atualmente? E não existe uma assim uma proibição de álcool na Turquia, tem horas que eles colocaram a hora certa de ela ter [...] na orla em Porto Alegre foi colocado uma proibição de horas de não vender álcool, por exemplo. Para conter as pessoas. Acho que aí a Turquia assim, ele continua oferecendo, então não existe uma regra.

Quando questionamos se esse significado pode ser identificado na questão política da Turquia em relação à Europa (ponto de contato com o Ocidente, especialmente por meio de Istambul), ele nos responde:

Eu acho que não, porque atualmente na verdade é bem, assim, um dilema porque atualmente o partido atual que é governa na Turquia É um partido que vem de um islamismo político, né? Então ele defende a transformação do estado para as pessoas se tornarem mais religiosas. Mas [o] que ele vê, é na verdade [uma] certa [forma] de querer entrar no União Europeia, [e] a receita é bem simples, ele tem que reabrir os assuntos, reorganizar o país conforme a União Europeia: de justiça. Mas o que vende para o povo é porque aquelas novelas fazem muito sucesso na Turquia. E isso muito parecido com o regime do Irã também, eles têm, Irã tem filmes muitos bons, né? Que também tem novelas sobre Gêneses, também tem novela sobre nascimento de Jesus sobre Maria. Então eles fazem muitas novelas e esses dois regimes parecem muito nesse sentido, eles exportam novelas, por exemplo, eu acho que essa forma política, é uma política para amenizar o olhar para a Turquia, porque as pessoas falam. Elas [as pessoas] assistiram aqueles guerreiros turcos, então aí os brasileiros gostam, e assim tem um olhar assim mais brando para Turquia, e impossibilitando eles verem as atrocidades do governo, por exemplo. [Tem] violência dos direitos humanos. [O governo turco] tá usando como uma cortina. Que “ah olha a Turquia é assim”. Então tem tudo na Turquia, mas escondendo a real parte da Turquia. Que assim, atualmente, ele nem obedece a corte internacional de direitos humanos [e] as decisões dessa corte. Eu acho que tem uma coisa assim, uma coisa que era apresentar. Eu acho que é importante que o conceito de halal na Turquia, ele é mais comercial. Quer dizer assim, você pode ver todos os produtos da Turquia tem o halal, porque eles vendem muito, né? Exportam muito, então assim mesmo que se você perguntar como era atualmente: mil vezes melhor os produtos, mas essa consciência [...] não houve uma um pedido, [uma] demanda do povo: “nós não vamos comprar produtos de vocês, caso vocês não tenham esse selo”. Não quando a Turquia começou a exportar para

países árabes e muçulmanos até Israel, porque todos os produtos da Turquia têm Kosher aí assim isso foi um pouco mais comercial.

Assim sendo, encaminhamos nosso diálogo para o fim. A comunidade turca se mostrou sempre muito aberta ao diálogo e esteve em constante contato. Tivemos a oportunidade de participar de um jantar de Ramadã, no qual a comunidade produziu todo o alimento, seguindo os preceitos do halal. Apesar de identificarmos nas suas falas uma proposta de não intensificar, na própria culinária turca, a prática do halal, podemos, nesta experiência, identificar que o alimento servido segue essa culinária, por óbvio.

A comunidade turca é bastante religiosa e busca intensamente associar a amplitude de sua perspectiva de democracia e tolerância religiosa com a maior divulgação do Islã, por meio de conhecimento e, em especial, por meio do contato com a comunidade caxiense. Procuram intensificar a busca pelo alimento halal no comércio local e em atividades junto a todos membros da comunidade caxiense. Por essa razão, recebemos convites para participação em eventos religiosos, como o jantar do Ramadan, em 2024. A Figura 20 e a Figura 21 demonstram a integração com a comunidade turca.

Figura 20: Registro de participação do jantar de Ramadan em 2024



Fonte: Acervo do autor.

Figura 21: Registro de participação do jantar de Ramadan em 2024



Fonte: Acervo do autor.

Nas figuras seguintes (Figura 22, Figura 23 e Figura 24), ainda referentes ao jantar de Ramadan, em 2024, podemos identificar alguns alimentos servidos pela comunidade turca que atendem ao conceito de Halal.

Figura 22: Sarmá, tradicional charuto com folhas de videira recheado com arroz, cebola, tomate, salsa, alho e demais temperos



Fonte: Acervo do autor.

Figura 23: Borek, massa folhada com recheio de batata ou queijo



Fonte: Acervo do autor.

Figura 24: Salada de iogurte, salada com brócolis, cenoura, alho, pickles de pepino, milho, iogurte e maionese.



Fonte: Acervo do autor.

Percebemos uma incorporação do Islã gradual e dinâmico na sociedade caxiense que, por meio de suas comunidades, incorpora uma religiosidade muitas vezes pouco percebida, exceto se identificarmos as práticas do halal, que passam pela alimentação, e se encontram também nas práticas sociais, vestimenta, postura profissional, entre outros.

#### 4 PRODUTO - INTERAÇÃO VIA CHATBOT (WHATSAPP)

Quando levamos em consideração o processo inteiro da pesquisa, desenvolvida em torno das premissas internacionalistas, globais e contemporâneas, a ideia de produto oferecida nesta pesquisa busca dialogar com os elementos tecnológicos contemporâneos de mensagens e de comunicação, a fim de usufruir dos elementos dinâmicos e de fácil linguagem que eles oferecem, assim como as possibilidades multimidiáticas que os aplicativos de comunicação para celular com uso da internet possibilitam.

Além do processo e do desenvolvimento do produto, existe uma preocupação acerca do seu aspecto educacional. O usuário da rede de comunicação precisa compreender o comprometimento do produto não apenas com a vivência da comunidade e com a veracidade das informações, como também interpretar que há nesta informação condições coerentes e educacionais

Para tanto, na primeira etapa, precisamos ter um olhar crítico no que tange ao Documento Orientador Curricular de Caxias do Sul (DOCCX) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Caxias do Sul, 2019) em relação à sua organização, proposta e discriminação das habilidades consideradas essenciais pela mantenedora da rede de Educação para cada área do conhecimento que possibilite um trabalho interdisciplinar sobre um tema transnacional (em específico, as habilidades propostas nos componentes curriculares de História, Geografia e Ensino Religioso).

Na segunda etapa, considerando os aspectos críticos possibilitados pela realidade do DOCCX, propomos uma relação de trabalho de forma gamificada, considerando algumas questões específicas para essa aplicação, como a interdisciplinaridade da proposta, a relação com uma cultura alimentar e religiosa diferente e cotidiana. Essa etapa precisa dialogar com a invariável Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as suas premissas em relação às competências, especificamente da área das Ciências Humanas (uma vez que já questionamos e estudamos as habilidades a partir do DOCCX), sendo elas:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do

ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social. 4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. 5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados. 6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. 7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (Brasil, 2018, p. 357).

Em harmonia com as habilidades propostas pela rede municipal de Educação de Caxias do Sul, levando em conta o aporte crítico, a dinâmica com relação ao ensino de História de forma interdisciplinar e o produto que deve dialogar com esse ensino, lançamos a proposta de um circuito de aprendizagens dinâmico, por meio da gamificação “(do original inglês gamification), que consiste na utilização de elementos dos jogos fora do seu contexto, com a finalidade de mobilizar os sujeitos à ação, auxiliar na solução de problemas e promover aprendizagens” (Gonçalves; Giacomazzo; Rodrigues; Macaia, 2016, p. 1.305).

Em sua versão primordial de construção da proposta de produto, percebemos que a literatura acadêmica sobre o tema se identifica na organização técnica com algumas experiências no campo da educação, o que nos ajuda a defender a possibilidade concreta de aplicação da proposta.

Em Fernandes (2022), identificamos uma importante e coerente semelhança com o trabalho aqui apresentado:

A chamada “era da informação”, considerada como “amplificadores e extensões da mente humana” (Castells, 2002, p. 69) influencia a maneira como vivemos, pensamos e produzimos material, bens e serviços, pois as tecnologias não se resumem apenas a ferramentas e aparatos, mas fazem parte do processo de desenvolvimento social e produtivo (Fernandes, 2022, p. 17).

Neste trecho, a autora nos traz uma importante referência teórica para o estudo da aplicação da proposta de produto e enfatiza uma significativa consideração acerca

do “desenvolvimento social e produtivo” que o produto deve se propor a ter na sua essência.

O produto proposto faz uso do aplicativo para comunicação que chamamos de WhatsApp, por considerar alguns elementos fundamentais. Inspirados por algumas matérias observadas pela mídia, podemos identificar a motivação pelo uso do aplicativo. De acordo com a página Terra, “O país conta com uma das maiores penetrações de uso do app no mundo: são 197 milhões de usuários de WhatsApp no Brasil, segundo estimativa da Meta.”<sup>71</sup>

Além deste dado coletado pela empresa dona do aplicativo, de forma mais aprofundada, o site Olhar Digital nos evidencia mais dados que dialogam diretamente com a proposta do produto proposto pela pesquisa.

Além das plataformas de mensagens, o investimento em chatbots B2B na América Latina deve alcançar um crescimento anual composto de 31% até 2025 devido à crescente demanda por soluções de automação de processos de negócios e adoção da Inteligência Artificial (IA)<sup>72</sup>

Apesar de a matéria nos informar que o uso dos chamados Chatbots e da inteligência artificial apresenta previsão de um aumento nos próximos anos (em relação à data da escrita desta pesquisa), em especial com relação ao contato entre empresas (B2B), esses números se somam com os de uso pessoal do WhatsApp, o que empiricamente revela uma grande possibilidade de uso do aplicativo para fins educacionais e culturais.

A relação entre o produto e o agente pode ser descrita como interativa e reativa, conforme Primo (2007, p. 57):

A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta.

O primeiro contato com tal experiência foi através da experiência inicial via *Cursos via WhatsApp*, do Sebrae<sup>73</sup>, no ano de 2023. Por motivos pessoais, em busca

---

<sup>71</sup>Disponível em: [https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/o-que-faz-o-brasil-ser-o-segundo-maior-mercado-do-whatsapp-no-mundo,0ff7d15bd2cbf726428779eed3807b504p1rj8qu.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/o-que-faz-o-brasil-ser-o-segundo-maior-mercado-do-whatsapp-no-mundo,0ff7d15bd2cbf726428779eed3807b504p1rj8qu.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 12 abr. 2024.

<sup>72</sup> Disponível em: [https://olhardigital.com.br/2023/10/28/internet-e-redes-sociais/whatsapp-e-utilizado-por-95-das-empresas-brasileiras-mostra-pesquisa/#google\\_vignette](https://olhardigital.com.br/2023/10/28/internet-e-redes-sociais/whatsapp-e-utilizado-por-95-das-empresas-brasileiras-mostra-pesquisa/#google_vignette). Acesso em: 24 abr. 2024.

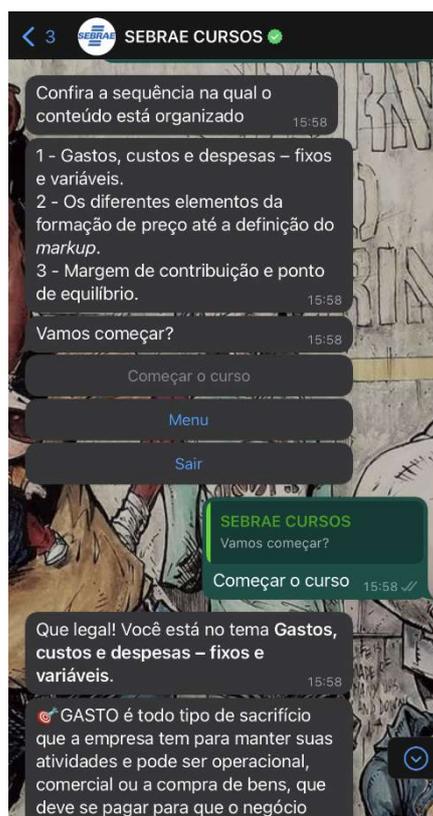
<sup>73</sup> Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ac/artigos/sebrae-oferece-cursos-online-por-whatsapp,7447b6c39dc39710VgnVCM100000d701210aRCRD#>. Acesso em: 05 maio

de referências e conhecimento na área administrativa, houve um movimento de epifania, que culminou na proposta de produto desta pesquisa.

O uso do WhatsApp com multimídias e guiados por um Chatbot interativo se apresentou como uma possibilidade ampla. Os exemplos a seguir foram retirados das figuras de uma experiência concreta com o *Curso via WhatsApp*, do Sebrae, nos demonstra o funcionamento da mecânica de interação e da dinâmica com o usuário, guiando-o para mais informações, conforme suas escolhas.

Na Figura 25, podemos identificar a apresentação, ela se mostra sucinta e objetiva, seguida de uma caixa de opções interativa. Selecionando uma das opções, o usuário será encaminhado diretamente para os elementos que atendem a opção de escolha, como vemos Figura 19.

Figura 25 – Modelo de apresentação do exemplo utilizado pelo Sebrae, chamado de “Curso online por WhatsApp”



Fonte: WhatsApp.<sup>74</sup>

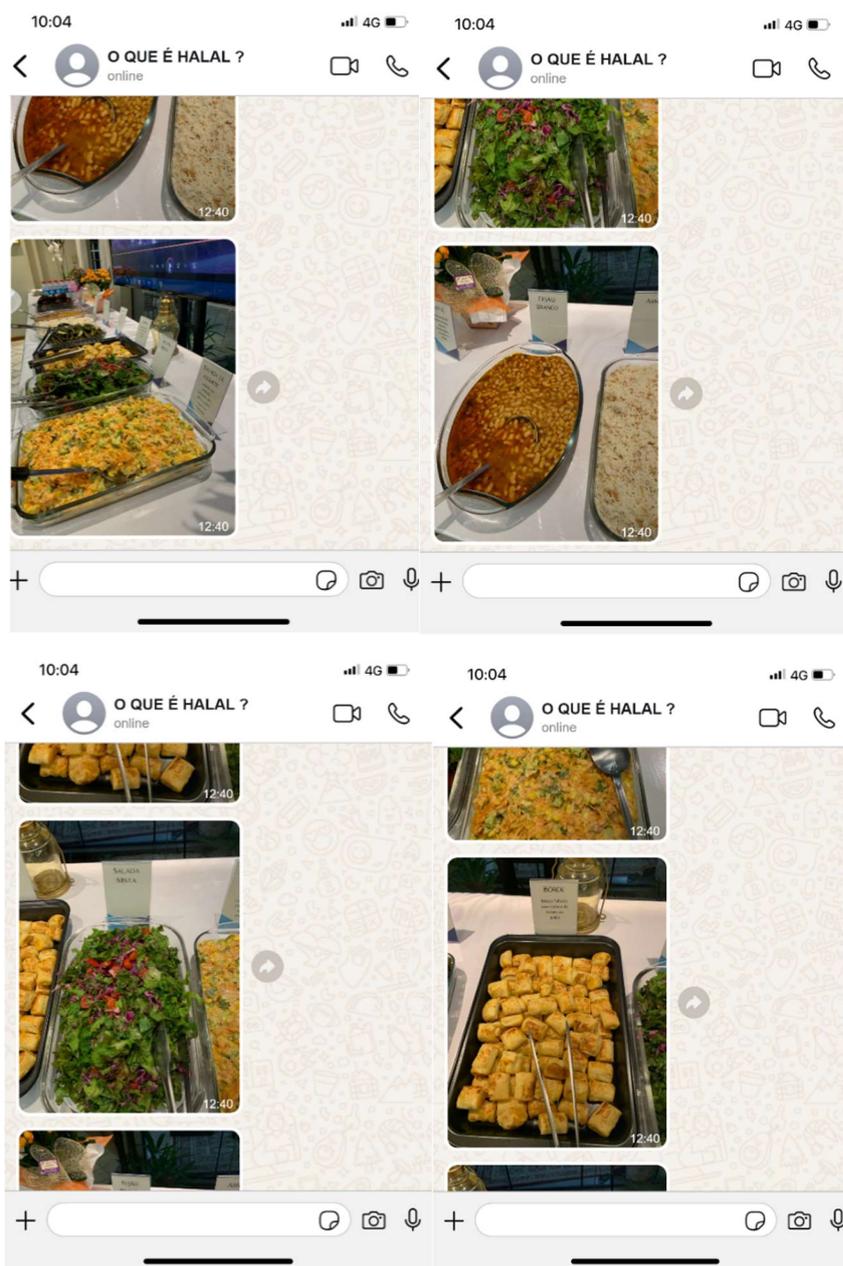
Essa relação entre escolha e opção pode fornecer uma série de possibilidades, pois uma das características do aplicativo WhatsApp é a facilidade de comunicação

2023.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufsc/ac/artigos/sebrae-oferece-cursos-online-por-whatsapp,7447b6c39dc39710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 01 jun. 2023.

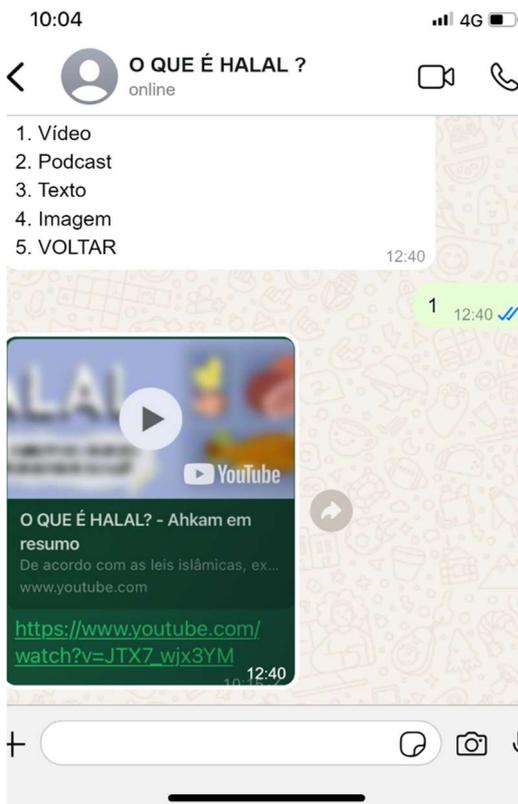
através de diversas mídias. Nas Figuras 26, 27, 28 e 29, podemos ver esse exemplo em que imagens, vídeos, documentos escritos, áudios (que podem ser apresentados como pequenos podcasts), links para sites da internet, como bibliotecas e sites oficiais, e até interações, como pequenos testes (Figura 30).

Figura 26 - Exemplo de uso do Chatbot para envio de imagem



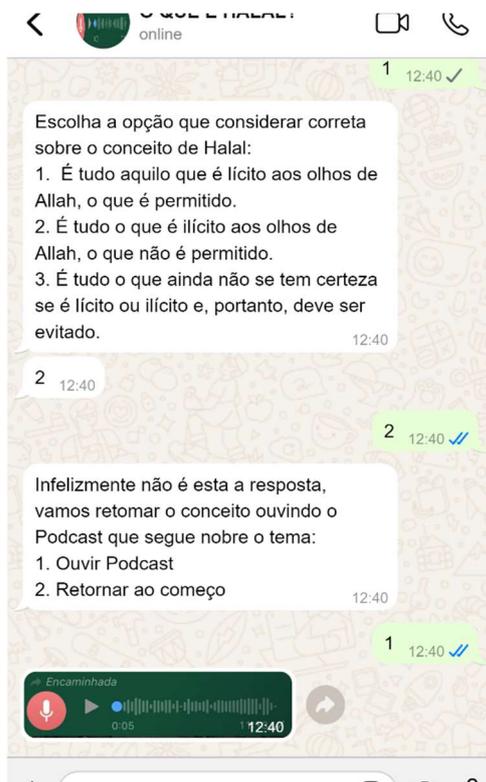
Fonte: WhatsApp.

Figura 27 - Uso do Chatbot para envio de vídeo



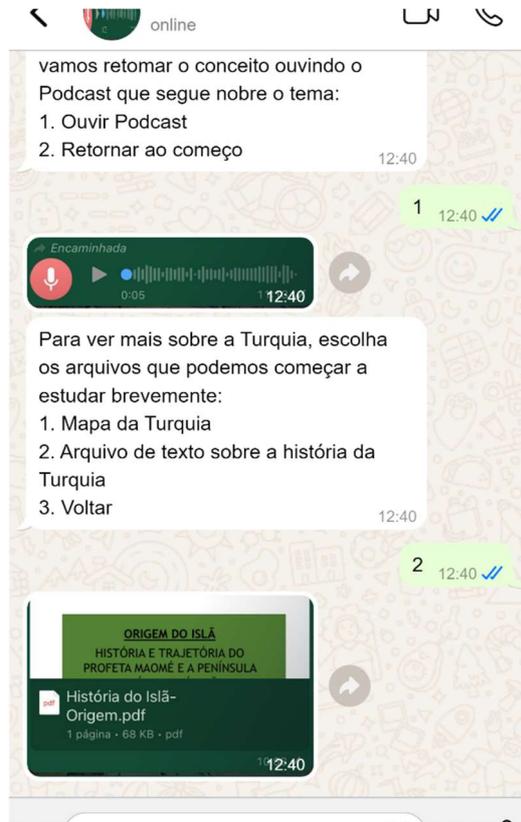
Fonte: WhatsApp.

Figura 28 - Uso do Chatbot para envio de mensagem de áudio ou podcast



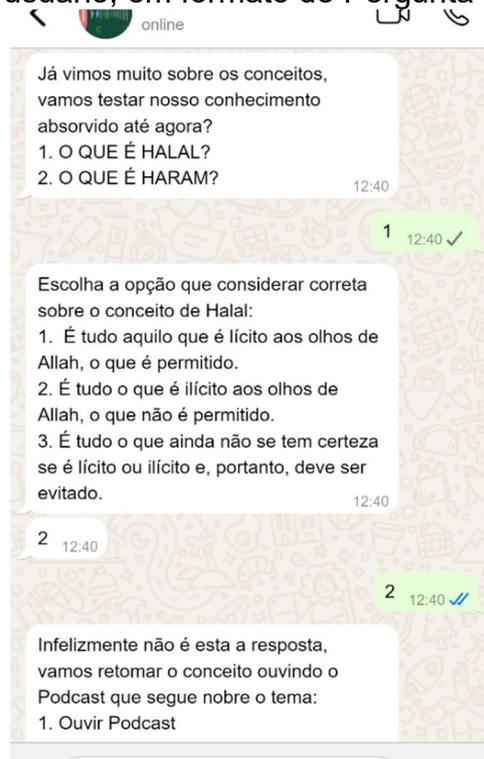
Fonte: WhatsApp.

Figura 29: Uso do Chatbot para envio de arquivos de texto



Fonte: WhatsApp.

Figura 30 - A imagem do Chatbot demonstra a possibilidade de programar uma interação com o usuário, em formato de Pergunta e Resposta



Fonte: WhatsApp.

Essas possibilidades fornecem uma ampla variação de interação com a comunidade turca, que pode ser apresentada através de suas próprias perspectivas, seus conceitos, sua cultura e religiosidade, de forma que o usuário do aplicativo possa visualizar em imagens e vídeos os alimentos, as preparações, os contextos que salientem a relação da comunidade com o halal, enquanto imigrantes que vivem em Caxias do Sul.

Existe a possibilidade de criar áudios, como podcasts, que podem ser produzidos e desenvolvidos para criar um aprendizado com relação à língua turca, seguido de documentos em diversos formatos, que contribuam para uma leitura mais aprofundada do usuário. Além disso, há a possibilidade de que, ao longo da interação, seja possível ter acesso aos sites especializados que possam fornecer maiores informações, caso seja de interesse do usuário.

Conforme Fernandes (2022, p. 28-29),

“Conectar”, “compartilhar”, “digital”, “teclar” são palavras que estão inseridas em nosso cotidiano e inteiramente ligadas à cultura digital. As formas de interação entre os seres humanos foram sendo transformadas à medida que novas tecnologias foram sendo por eles apropriadas. A propagação da internet e a globalização foram o estopim. Entretanto, como apontado por Marcuschi, não é o surgimento da tecnologia por si só que compactua com as mudanças sociais, mas sim a usabilidade e suas interferências na comunicação humana que afetam nossa linguagem e nossos hábitos.

Ao nosso ver, a produção de qualquer forma de conteúdo favorável à interação, à dinâmica de comunicação e a ampla possibilidade multimidiática é um fator relevante para possibilitar a distribuição, criticidade e divulgação de tudo, inclusive das culturas que passam pelo global e seus transnacionalismos.

A proposta do produto, todavia, não se resume a uma produção e desenvolvimento de multimídia via aplicativo de mensagem para fins exclusivamente pedagógicos, mas possibilita uma ampla aplicação social, pois o acesso à informação pode ser distribuído na forma de QR Code, no qual o usuário pode identificar, em qualquer condição, seja na sua impressão física (em cardápios, sacolas e embalagens, ao se considerar o tema do alimento halal como fundamental para a pesquisa) ou por meio de comunicação virtual, com o uso de contas em redes sociais (como Instagram e/ou Facebook).

Para a concretização do projeto do produto, é essencial que haja uma forma de suporte e de organização do Chatbot<sup>75</sup>, ou seja, que seja mantido via produto exclusivo chamado WhatsApp Business. Basicamente, o WhatsApp Business é uma “[...] função especial da plataforma lançada em 2018 que oferece ferramentas para auxiliar a venda e divulgação de produtos por médias e grandes empresas, é um exemplo dessa adaptação técnica” (Faria Júnior; Silveira, 2023, p.12).

Apesar de sua configuração, o WhatsApp Business é o único que:

Possibilita a criação de um perfil profissional e verificado de sua empresa, com endereço, descrição de perfil, endereço de e-mail e site. Também é possível criar e acessar no perfil um catálogo com os produtos à venda e seus valores. O que mais contribui para a instrumentalização da estratégia de disparos de mensagens são os recursos de automatização de mensagens, programação de chatbots para responder automaticamente perguntas frequentes que são feitas ao perfil e o agendamento de disparos de mensagens com base em dados oferecidos pela plataforma sobre as interações com os clientes, como o tempo médio de atendimento, horário de pico, principais motivos de contato etc. (Faria Júnior; Silveira, 2023, p.12).

Desta forma, conseguimos adaptar sua funcionalidade para o uso não comercial, mas sim educacional, aproveitando essas funcionalidades. Devemos considerar também que:

A META<sup>76</sup> não cobra diretamente pelo uso do WhatsApp Business, mas exige que as empresas usem um provedor pago de soluções de negócios (BSP – Business Solution Provider) para acessar a API<sup>77</sup> da aplicação. Os BSPs são parceiros autorizados e oficiais do WhatsApp que fornecessem acesso à API do WhatsApp Business, oferecendo diversos serviços como consultoria e suporte técnico, integração com sistemas de gerenciamento de relacionamentos com clientes (CRM), automação de fluxos de trabalho, análise de dados e gerenciamento de campanhas de marketing. O preço da contratação de uma BSP varia de acordo com a amplitude e qualidade do gerenciamento das funcionalidades do WhatsApp Business oferecido por ela. Apesar do WhatsApp Business estabelecer limites para o envio automático de mensagens feito pelas empresas, no entanto, mesmo com esses limites, dependendo do BSP contratado e como ele consegue desenhar uma estratégia de marketing relacionando os objetivos da empresa que o contratou e as políticas de uso do WhatsApp Business, esse envio

---

<sup>75</sup> Aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes, de maneira padrão, em aplicativos e/ou ferramentas de mensagens.

<sup>76</sup> META Platforms, Inc. é um conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social com sede em Menlo Park. Anteriormente, a empresa se chamava Facebook Inc., mas foi renomeada em janeiro de 2022 para abranger os objetivos mercadológicos e tecnológicos da corporação que vão muito além das redes sociais. O conglomerado é detentor de diversas plataformas sociais, como o Facebook, o Messenger, o Instagram e o WhatsApp.

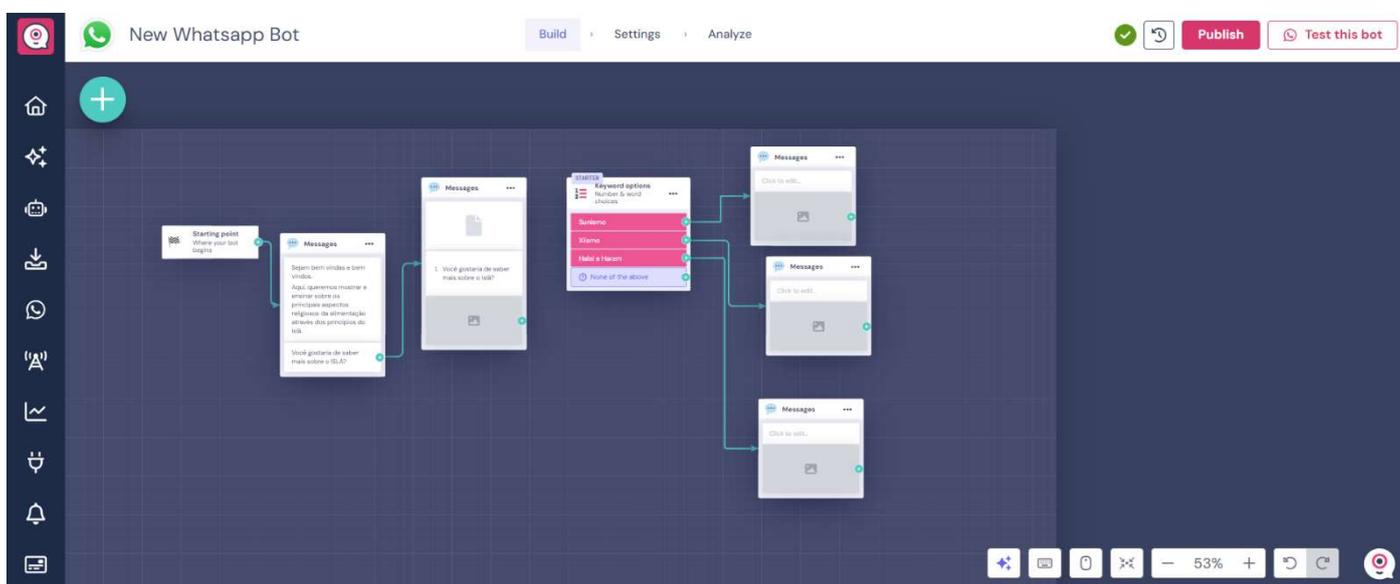
<sup>77</sup> API é a sigla para “Application Programming Interface” que, em português, significa “Interface de Programação de Aplicativos”. Trata-se de um conjunto de regras, protocolos e ferramentas que permitem que diferentes softwares se comuniquem e interajam entre si de maneira padronizada. Uma API define como os componentes de software devem se comunicar e quais operações podem ser executadas. Ela permite que desenvolvedores criem programas e serviços que possam ser utilizados por outros desenvolvedores sem que eles precisem conhecer os detalhes internos da implementação.

automatizado pode chegar em milhares de mensagens em um único dia. (Faria Júnior; Silveira, 2023, p.12).

Portanto, para a criação do produto, precisamos estabelecer alguns critérios técnicos, como possuir um vínculo com o WhatsApp Business, ou seja, com uma linha telefônica móvel usada exclusivamente para esse fim, e usar os gerenciamentos oferecidos pela empresa. Além disso, em último estágio, desenvolver o fluxograma algorítmico do Chatbot, estabelecendo as conexões e as interações que o usuário deverá ter.

Para esta etapa, é possível encontrar algumas empresas na internet que fornecem o serviço, todos com algum custo. Não há uma metodologia empírica para encontrar uma das empresas, sendo que todas desenvolvem software e algoritmo de Chatbot para outras empresas, isto é, B2B. Entretanto, algumas possibilitam gratuitamente a construção do organograma do algoritmo, antes de aplicá-lo no software WhatsApp, o que nos desenha amplamente os meios de interação. Na Figura 25, apresentamos o fluxograma do Chatbot que pretendemos desenvolver para a pesquisa.

Figura 31 - Utilizando um site para construção de um Chatbot, podemos observar o fluxograma planejado para conduzir o usuário



Fonte: <https://app.landbot.io/>.

No entanto, quando falamos no mercado da informação do qual a empresa META é um dos principais conglomerados mundiais, nos deparamos com algumas questões éticas com relação à segurança dos dados do usuário. O projeto de produto desta pesquisa, em hipótese alguma, sugestionará a instalação do aplicativo

WhatsApp e a criação de uma conta na empresa META, considera apenas o uso por meio das pessoas que já possuem o aplicativo instalado (e, como visto no início do corrente capítulo, é identificado como uma ampla maioria de pessoas no Brasil que usam, sendo este dado a motivação inicial para a aplicação do produto nesse aplicativo).

Precisamos identificar a relação entre os dados e o uso do aplicativo. Os outros produtos da Empresa META, como o Facebook e o Instagram, possuem seu lucro através do chamado “sistema de marketing algorítmico”. Uma funcionalidade que não é possível encontrar no WhatsApp, “isso porque o aplicativo não oferecia uma funcionalidade de visualização de publicidade em meio ao conteúdo compartilhado pelos usuários” (Faria Júnior; Silveira, 2023, p. 05).

Assim, podemos identificar que qualquer pessoa que já possui o aplicativo se encontra com as seguintes condições previamente estipuladas e aceitas pelo usuário para o possibilitar a sua funcionalidade, independente de acessar o Chatbot ou não:

Na seção do documento chamada “Informações fornecidas por você”, é descrito que, além de seu próprio número, para usar o aplicativo o usuário também fornece “os números de telefone de sua agenda de contatos regularmente, tanto de usuários de nossos serviços quanto de outros contatos”; dessa forma, mesmo os contatos da agenda que não são usuários do WhatsApp são cooptados pela empresa. Mais à frente, na seção “Dados coletados automaticamente”, entre algumas informações vagas de coleta, tal qual a indicação de que há a captura de informações sobre “como nossos serviços são usados, como é sua interação com outros usuários durante a utilização de nossos serviços etc.”, sem explicitar exatamente quais são esses dados de uso, há também descrições que indicam alguns metadados coletados pela plataforma, como os arquivos de registros, registros e relatórios de diagnóstico, falhas, website e desempenho, modelo de hardware, informações do sistema operacional, informações de rede móvel, informações de localização, entre outros. Mais à frente, na seção “Como usamos informação”, é evidenciado a utilização dos metadados coletados no WhatsApp para o sistema de marketing segmentado das outras plataformas da Facebook Inc. É dito no texto que o “Facebook e outras empresas do mesmo grupo também podem usar dados do WhatsApp para fazer sugestões (por exemplo, de amigos, de contatos ou de conteúdo interessante) e mostrar ofertas e anúncios relevantes (Faria Júnior; Silveira, 2023, p. 06).

As questões éticas e, inclusive, legais envolvendo a empresa META são motivos de discussões por vários estudos, mas sabendo que essas questões independem da aplicação de um Chatbot, ou seja, qualquer pessoa que já possui o aplicativo está à mercê das configurações dele, desde sua instalação, não é possível identificar qualquer tipo de ônus ao usar o WhatsApp para acessar o Chatbot com as informações em multimídia proposta por essa pesquisa.

É possível utilizar este mecanismo em outros aplicativos de troca de mensagens, como o Telegram<sup>78</sup>. De acordo com o Instituto de Referência em Internet e Sociedade (IRIS)<sup>79</sup>, “o Telegram é um aplicativo de mensagens com popularidade crescente, já presente em 60% dos smartphones brasileiros, segundo relatório publicado em fevereiro de 2022”<sup>80</sup>.

Todavia, considerando que o aplicativo não é o mais popular, apesar de apresentar um crescente uso e com a finalidade de evitar estimular que qualquer pessoa busque instalar um aplicativo que não possui, optamos pelo uso do aplicativo com maior número absoluto e proporcional de usuários, no caso, o WhatsApp.

Concluimos, portanto, a proposta do aplicativo, selecionando uma série de considerações sobre o conteúdo que se mostra possível de ser produzido e aplicado ao Chatbot, visando ampliar o contato do usuário com o entendimento dos conceitos e da relação com os povos imigrantes, sua cultura e sua religiosidade, estimulando a tolerância, o respeito e a educação.

Em um primeiro momento, propomos um convite para a pessoa conhecer os pilares da pesquisa, através de opções de escolha do usuário: os povos turcos (Turquia, Povos Turcos e suas origens, Império Otomano), o Islã (conceitualmente sua origem, seus pressupostos religiosos, sua divisão entre Xiismo e Sunismo, e os conceitos de Halal e Haram) e a Culinária Turca, enquanto elemento de conexão cultural e religiosa e de aplicação do conceito do Halal.

Ao propormos um contato com os povos turcos como opção de interação do usuário, há a possibilidade de fornecer um pequeno texto explicativo em forma de mensagem. Com a mensagem automática em forma de texto, podemos propor mais algumas escolhas, como: mapa da Turquia (o que possibilita o envio automático de um arquivo de imagem em alta resolução e detalhado do mapa da Turquia, ou um link para o Google Maps); histórico dos Povos Turcos (com a possibilidade de escolha interativa de opções como texto com imagens em arquivo de PDF, vídeos explicativos sobre a origem dos povos turcos, link direto para vídeos do YouTube que sejam

---

<sup>78</sup> É um aplicativo de mensagens que foi criado pelos irmãos Durov, uma dupla de empreendedores da Rússia conhecida pela rede social VKontakte (VK). Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/27/o-que-e-o-telegram-saiba-como-funciona-o-aplicativo.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2024.

<sup>79</sup> Fundado em 2015, o IRIS surgiu a partir de uma rede colaborativa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, cidade onde o Instituto iniciou suas atividades independentes enquanto centro de pesquisa.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://irisbh.com.br/a-questao-do-telegram-sob-a-perspectiva-da-moderacao-de-conteudo/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

referentes ao surgimento dos povos turcos); histórico do Império Otomano (nesta opção também podemos fornecer arquivo em PDF com texto e imagens sobre os Otomanos, vídeos e links para sites). Em todas as opções, deverá ter sempre a opção de retornar, no caso, para o primeiro texto explicativo dos povos turcos, e um que ligue diretamente para o Islã e/ou para Culinária Turca. Assim, mesmo que o usuário não opte, num primeiro momento, por ir na opção Islã ou sobre a culinária da Turquia, ele poderá retornar e optar por essas escolhas com facilidade.

Das opções primárias, a opção Islã, assim como povos turcos, se apresenta a partir de um pequeno texto explicativo, seguido de três opções: história do Islã (com opções de texto e imagens em PDF e imagens em arquivos, vídeos e links para sites); divisões do Islã (neste caso, se propõe duas opções de escolha para o usuário, uma que direcione para sites e vídeos sobre o Sunismo, produzido por sunitas; outro que leve o usuário para sites e vídeos sobre o Xiismo, produzido por Xiitas). Nas opções sobre o Islã e nas opções sobre as suas divisões, será possível direcionarmos para o tema principal abordado na pesquisa, que é o Halal e o Haram. Nesta opção, se apresentariam os conceitos em forma textual, com links (opções de vídeos e imagens) para Halal (e suas aplicações especialmente na culinária) e sobre o Haram (e suas proibições clássicas para os muçulmanos). Ao fim destas descrições das opções, resta direcionar o usuário para a culinária Turca ou povos turcos.

Sobre a culinária turca, como é o pilar principal, pois une a cultura Turca com o Islã, especialmente enquanto elemento de apresentação da comunidade que vive em Caxias do Sul, há uma possibilidade maior do uso da mídia em vídeo, com características da história da culinária turca e suas referências, em primeiro momento, seguido da opção de imagens e documentos de receitas. A segunda opção dentro do tema Culinária Turca pode ser relacionada com o Halal e sobre a produção do alimento. Faríamos uso da mídia em vídeo, com os próprios membros da comunidade turca explicando o conceito de Halal para si, e a importância que a culinária tem para sua comunidade (neste elemento, podemos criar um novo link para a opção de acessar novamente o Halal e Haram e os Povos Turcos).

O objetivo final é propor uma opção comum em todos os outros que direcione o usuário para uma mensagem final, evidenciando a participação dele no processo, salientando a importância da troca cultural, do respeito e da tolerância religiosa e, assim, finalizando as mensagens do Chatbot.

De modo geral, o objetivo deste produto é proporcionar de forma ampla, com mídias diversas, curiosidades, imagens e fontes confiáveis, a possibilidade de, em qualquer lugar ou momento, os usuários poderem obter acesso aos conceitos trabalhados na pesquisa e que fazem parte do cotidiano da comunidade turca em Caxias do Sul, a fim de estimular a tolerância religiosa, o convívio e o respeito, e, principalmente, naturalizar esses elementos como cotidianos do sul global.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dos estudos sobre os aspectos globais na perspectiva de análise das sociedades pressupõe o uso de elementos de interdisciplinaridade de forma ampla, o que exige aprofundamento dos conceitos estudados. Quando nos deparamos com significativas evidências da interação entre os grupos humanos, especialmente na periferia do planeta, podemos identificar que a forma mais coerente para que o estudo respeite esses grupos humanos deve partir dos próprios grupos humanos.

Desta forma, nós nos propomos a fazer uma análise da comunidade turca em Caxias do Sul a partir de suas perspectivas e do processo histórico contemporâneo na qual a comunidade se encontra, desenvolvendo uma identidade que parte do local para o global, a partir dos conceitos de nacionalidade, religiosidade e etnicidade.

Esta complexidade é revelada por Santos (2001), que nos demonstra uma perspectiva, a qual podemos identificar nesta pesquisa, em que:

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro (Santos, 2001, p.172-173).

Observar os grupos sociais no planeta exige uma revisão da própria perspectiva de planeta, especialmente quando identificamos o fluxo migratório enquanto um fenômeno que se dá através de uma possibilidade histórica e contextualizada na interação entre grupos diversos, que não participam da sua construção social dependente exclusivamente dos conceitos e dos paradigmas ocidentais.

A introdução do Islã em um momento de necessidade de estímulo aos princípios de tolerância religiosa, em voga nas mais diversas esferas do poder público brasileiro é de fundamental importância, uma vez que podemos observar que esse movimento também faz parte, politicamente, de uma necessidade para além da fé individual e da prática religiosa íntima dos seus fiéis. Ao desenvolvermos um estudo identificando a alimentação halal muçulmana como fio condutor de uma relação de interação com outras comunidades (no caso a própria sociedade de Caxias do Sul) e o fortalecimento da prerrogativa de ser turco muçulmano nesta sociedade, podemos

pragmaticamente ter uma evidência da transnacionalização das sociedades globais, em um movimento que não nega os elementos tecnológicos e que aproximam essas comunidades de forma orgânica.

Ao longo do estudo, percebemos que há interesse de estabelecer laços sólidos entre as diferentes comunidades marcadas pelo fluxo migratório contemporâneo. Além disso, o estudo de caso da comunidade turca em Caxias do Sul evidenciou, entre tantos elementos estudados, que o contato com o diferente é parte natural da humanidade, no seu cotidiano civil, especialmente quando conduzimos o estudo para elementos fundamentais da necessidade humana, como o acesso, a produção e o consumo do alimento.

Desta forma, parte da conclusão desta pesquisa realizada em Caxias do Sul dialoga diretamente com os conceitos mais contemporâneos da História Global e das Diplomacias desenvolvidas para o que os estados tratam como problema, no caso, a migração. A interdisciplinaridade se mostra como um elemento fundamental para trabalharmos com temas tão complexos, e a complexidade que exige ampliar a identificação dos conceitos coerentes se mostra, da mesma forma, uma exigência cada vez mais cotidiana na produção científica da História.

Para uma construção acadêmica que considere as experiências periféricas, conforme Santos (2017), “o debate deve passar inevitavelmente pela história institucionalizada, mas também por outras epistemes para se pensar, experimentar e relacionar com o passado”. Uma vez que podemos consolidar esta produção como global, na perspectiva em que ser interdisciplinar surge como fundamento periférico.

Wallerstein (1999) nos oferece uma observação contextualizada sobre essa relação, uma vez que fica explícito que

Sabemos de onde vieram todas essas divisões de objetos de estudo. Elas derivam intelectualmente da ideologia liberal dominante no século XIX, que afirma que Estado e mercado, política e economia eram domínios analiticamente separáveis (e amplamente autônomos), cada qual com suas regras particulares (Wallerstein, 1999, p. 451-452).

Os níveis de interação global são perceptíveis através dos movimentos transnacionais no século XXI, e isso não acontece apenas por conta dos elementos tecnológicos, como previsto pela teoria de David Harvey (1989) no início da pesquisa. É sim importante e elemento base para a aproximação entre os povos que a tecnologia ultrapasse as fronteiras, todavia, como a pesquisa demonstrou, o fator humano se demonstra o fator primordial e de maior importância para essa

transposição cultural entre os povos e todos os aspectos simbólicos que as suas vivências possuem.

É exatamente a alimentação trabalhada nesta pesquisa que evoca a condição humana como principal objeto da criação humana a ultrapassar as fronteiras, independente da tecnologia. A transnacionalização do Islã pela comunidade turca se faz através de diversos elementos, propagandas e esforço. Todavia, a pesquisa se provou importante em evocar o fundamento básico das condições humanas: em primeiro lugar, a essência e a condição do ser humano em se alimentar, biológica e fisiologicamente. Assim, o alimento causa ressonância imediata com o humano, indiferente de sua cultura. Em segundo lugar, a organização que o ser humano condiciona em torno do alimento, desenvolvendo significado, símbolos, regramentos e identificação não apenas com o alimento, mas com seu processo de produção, comercialização e consumo.

Massimo Montanari, historiador italiano, debruça-se sobre os elementos simbólicos criados em torno do alimento. Nos estudos de Lima (2009), identificamos a interpretação sobre seus escritos da seguinte forma

[...] a comida é cultura, ainda segundo o autor, em todo o seu percurso até a boca do homem: quando produzida, porque não comemos apenas o que encontramos na natureza, mas também criamos nosso próprio alimento; quando preparada, já que este processo criativo implica uma transformação dos produtos-base da alimentação, mediante técnicas elaboradas que expressam as práticas da cozinha; e quando consumida, uma vez que selecionamos o que comer, mesmo podendo comer de tudo, com base nos mais variados critérios (econômicos, religiosos, nutricionais etc.) (Lima, 2009, p. 107).

Esta pesquisa identifica novamente, a partir da experiência específica da comunidade turca em Caxias do Sul, em pleno século XXI, as estruturas que consolidam as interações entre povos através do cotidiano. A humanidade, em suas condições dinâmicas de relações diárias na esfera micro, onde as políticas estatais passam despercebidas ou inalcançáveis, condiciona a sua permanência, se permitindo ser, fortalecendo laços e identidades, estimulando o diálogo e repassando as experiências.

Os estudos sobre os fluxos migratórios são atribuídos a áreas do conhecimento mais rígidas, fundamentadas no padrão analítico com dados tabelados, que possui uma significativa importância para um panorama amplo e genérico, evidenciando políticas públicas do país receptor de imigrantes, e condições de saída dos mesmos em seus países de origem. Porém, para além da análise baseada em dados

empíricos, a condição de vida cotidiana dos migrantes e as relações com a comunidade em que se estabelecem os vínculos são de extrema importância, de modo que a organização de elementos transnacionais reside nesta relação.

É através de um recorte específico que podemos identificar essas relações, ou seja, é através da proposta de um estudo sob a perspectiva da História Oral, considerando o recorte temporal contemporâneo para a análise histórica se realizar, que podemos estabelecer os critérios de estudo acerca das mais diversas comunidades de migrantes que, de forma dinâmica, se movimentam pelo globo. A globalização, neste pressuposto, não se estabelece em uma visão exclusivamente econômica e comercial, mas como podemos ver no princípio conceitual de “sociedade global”, são as relações humanas e especialmente sua divulgação, estudo e condição de dar voz que proporcionam as possibilidades de harmonia no contato entre os povos.

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. As dialéticas da vida nos lugares, agora mais enriquecidas, são paralelamente o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política (Santos, 2001, p. 172-173).

A pesquisa também trata da questão religiosa, é ela que dá a identidade da comunidade turca em Caxias do Sul, é ela que dá significado para o alimento halal e que funciona como um estímulo primordial para a transnacionalização. Em uma sociedade periférica, na condição de ter sido colônia portuguesa, enquanto Brasil, e de ter recebido imigrantes italianos na sua formação, enquanto Caxias do Sul, reside uma condição cristã fundamentada na estrutura social da cidade, um ambiente que, em uma interpretação não aprofundada e fundamentada em preconceitos, pode ser hostil para a recepção de comunidades muçulmanas. Todavia, a possibilidade de estudo de inserção da comunidade turca muçulmana na cidade de Caxias do Sul demonstra que as questões religiosas não se apresentam como barreira, mas como estímulo para o diálogo.

Há um esforço da comunidade turca em divulgar a si própria, divulgar sua religião e, assim, buscar uma harmonia no ambiente local para possuir condições de viver de acordo com seus princípios (halal). Há também uma recepção não hostil, há curiosidade e há busca em conhecer. Com jantares do Ramadã, a comunidade turca

se conecta com a comunidade caxiense, por exemplo, divulgando sua nacionalidade, sua religião e seu alimento.

É importante perceber a alimentação halal da comunidade turca como um elemento político. Em Coelho-Costa (2020, p. 87-88), identificamos que

O entendimento político da alimentação surge com estudos etnográficos inicialmente voltados para refletir sobre os direitos e os deveres sobre a alimentação, sobre a fome, sobre a dificuldade de acesso e a desigualdade de distribuição de comida e, em alguns casos, sobre a influência dos gêneros empregados a esses contextos.

Para finalizar, é necessário que façamos um exercício para percebermos as demais comunidades muçulmanas em Caxias do Sul, mesmo que não tenham sido objeto desta pesquisa. Ao longo da entrevista com membros da comunidade turca, identificamos algumas críticas sobre a busca pelo halal pelas demais comunidades. É possível perceber que existem considerações que partem da comunidade estudada, sua possibilidade de estabelecer empresas, como o restaurante Capadócia e Armoni. Apesar de as demais comunidades muçulmanas possuírem empresas também na cidade de Caxias do Sul, percebemos que o poder de investimento, ou exigiu décadas para se concretizar, como a comunidade palestina, ou se iniciou de forma lenta, como o caso do restaurante Teranga, por membro da comunidade senegalesa. Enquanto a comunidade turca prontamente iniciou seu processo de investimento local de forma recente à sua chegada.

Logo, há a possibilidade de perceber que o poder aquisitivo da comunidade turca é fator facilitador na divulgação do Islã, uma vez que se dispõe a promover eventos e jantares para vários membros da comunidade caxiense e se prontifica para realizar a busca do alimento halal. Esse alimento que, devido seu regramento de produção, distribuição e comercialização, costuma agregar um valor que outras comunidades não alcançam a possibilidade financeira de consumir. Coelho-Costa (2020, p. 98) assinala que “Na atualidade, a gastrodiplomacia transcende as relações entre Estados e pode ser muito bem aplicada no engajamento de pessoas-para-pessoas e melhorar a compreensão cultural a partir dessa interação.”

É inevitável identificar o poder aquisitivo como um facilitador para comunidades que possuem maior poder de compra e um elemento de dificuldade para as que não possuem.

Portanto, considerando o panorama geral estudado nesta pesquisa, é fundamental estabelecer que, para um estudo contemporâneo de elementos

dinâmicos como o fluxo migratório, no qual a religião, a identidade nacional e a língua são condições cotidianas para se analisar os grupos humanos, a interdisciplinaridade é essencial. Ademais, mesmo que possamos tentar abranger o máximo de conceitos nos mais diversos aspectos da vida diária das diferentes comunidades, ainda assim existirão lacunas que funcionarão como estímulos para estudos diversos e complementares entre si.

Consolidamos esta conclusão final, percebendo o alcance de algo que fazia com que nos questionássemos sobre a História enquanto campo de estudo, as funções práticas e os efeitos concretos que esse campo pode causar. Ao estudar a comunidade turca, fica evidente a função da História. Para muito além de registrar e questionar, a História é dinâmica, ela divulga e proporciona um canal de comunicação direto entre os povos.

Observamos, ao longo da pesquisa e em sua interação com o cotidiano, a organização da comunidade turca na busca pelo halal. Num esforço para estabelecer ainda mais empatia com essa comunidade, tentamos vivenciar, em alguns momentos cotidianos, uma simulação do que eles vivenciam. Assim, observar os alimentos nas prateleiras dos mercados e tentar identificar os selos de Halal providenciou uma percepção clara de que a sua busca definitivamente não é fácil e que o mercado local, especialmente, não possui grande preocupação em estabelecer uma política de possuir tais produtos.

Esta relação nos possibilita observar também notícias sobre os componentes dos alimentos, como a manchete do Jornal Correio Brasiliense: *Três marcas de pão de forma têm álcool suficiente para reprovar no bafômetro*<sup>81</sup>. Como vimos na própria pesquisa e nas entrevistas, o pão, alimento tão primordial da nutrição humana, é alvo de pesquisa e dedicação da comunidade turca, pois existem elementos que podem ir de encontro à sua fé, condições que dificultam o consumo das comunidades muçulmanas no Brasil

Rovai (2020, p. 8), citando Meihy, destaca a prática historiográfica para além do registro, no qual

Preocupado em escutar, registrar e publicizar as memórias dos indígenas, ele defendia, naquele momento, uma história-escuta, uma história-denúncia, uma história-acolhimento; enfim, uma história pública de intervenção social em busca de políticas públicas de reparação. Sobre a origem e o valor desse

---

<sup>81</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/07/6896010-3-marcas-de-pao-de-forma-tem-alcool-para-reprovar-no-bafometro.html>. Acesso em: 12 jul. 2024.

movimento, ao mesmo tempo acadêmico e político, de vínculo entre a história oral, a história pública e o tempo presente[...].

Desta forma, a pesquisa encontra seu papel prático e sua função social, quando percebemos que é através da pesquisa que a comunidade turca encontra uma janela de comunicação com a sociedade em sua volta. É através da pesquisa que foi possível registrar momentos importantes para a comunidade turca, como o Ramadan e a Festa do Sacrifício, no qual os membros da comunidade sempre solicitaram a presença do pesquisador e de professores da universidade (conforme pode ser visto no registro fotográfico disponível na Figura 21). Vale lembrar que ao observarmos as falas de Enes nestes eventos, percebemos uma preocupação em salientar que ele se sente satisfeito com a pesquisa, ao reforçar por diversas vezes o trabalho desta pesquisa nas suas apresentações sobre o Halal, sobre os significados das festas e sobre o Hizmet.

A História proporciona a possibilidade de se comunicar com as mais diversas áreas da ciência, e é a comunidade científica como um todo que estabelece o patamar científico pleno da História e seus efeitos concretos. História enquanto campo de estudo que não é indiferente e, enquanto ciência humana, não pode se privar de tocar e ser tocada pela humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ABDELHADI, Magdi. Controversial preacher with 'star status'. **BBC**, 7 jul. 2004. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/3874893.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/3874893.stm). Acesso em: 15 mar. 2023.
- ABU SALEM, Miriam. Religious dietary rules and the protection of religious freedom. Some evidence from practice in Italy. **Religion and Food**, Åbo (Finlândia), n. 26, p. 181-200, 2015.
- ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- AL-KARADHAWI, Youssef. **O lícito e o ilícito no Islam**. São Bernardo do Campo: Editora Alvorada, 1989.
- BALCI, Timer; MILLER, Christopher L. **The Gülen Hizmet Movement**. Cambridge Scholars Publishing. 12 Back Chapman Street, Newcastle upon Tyne, NE6 2XX, UK. 2012.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, p. 129-159, maio/ago. 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: 2018.
- BRAUDEL, Fernand. **1902 – 1985 Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-CVIII: O tempo do mundo**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. v. 3.
- BUZAN, Barry. **From international to world Society? English School theory and the social structure of globalisation**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- CÂMARA, Átila Rabelo Tavares da. **Fluxos Migratórios para o Brasil no início do século XXI: respostas institucionais brasileiras**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CAMARGO-MORO, Fernanda. **A Ponte das Turquesas**. Rio de Janeiro: Record, 2005. v. 1.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012.

CAXIAS DO SUL. Colonização. **Prefeitura de Caxias do Sul**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade/colonizacao>. Acesso em: 02 maio 2023.

CAXIAS DO SUL. Documento Orientador Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Caxias do Sul (DOCCX). **Portal da Educação da Prefeitura de Caxias do Sul**, 2019. Disponível em: <https://educacao.caxias.rs.gov.br/documento-orientador-curricular-para-a-educacao-infantil-e-o-ensino-fundamental-de-caxias-do-sul-doccx>. Acesso em: 10 maio 2023.

CICEK, Sureyya Nur. **The Gülen/ Hizmet Movement in Melbourne and Sydney and its development of social capital in dialogical engagement with non-Muslim communities**. A thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy at Monash University. School of Philosophical, Historical and International Studies (SOPHIS). 2016. 258p.

COELHO-COSTA, Ewerton Reubens. Breves Considerações sobre Gastropolítica. *In*: CARVALHO, Maria Claudia da Veiga Soares; KRAEMER, Fabiana Bom; FERREIRA, Franciso Romão; PRADO, Shirley Donizete (orgs.). **Comensalidades em trânsito** [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 86-104. Sabor metrópole series, v. 11. ISBN: 978- 65-5630-177-8.

CONRAD, Sebastian. **What is global history?** Nova Jersey: Princeton University Press, 2016. E-book.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

FARIA JÚNIOR, Marcelo Aparecido; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. O WhatsApp e a Plataformização no Brasil: uma descrição densa dos agentes articulados nas práticas de controle mediadas pela plataforma. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 46, p. 1-17, 2023. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442023136pt>.

FERNANDES, Daniele Vaz. **A notificação nossa de cada dia: o uso do WhatsApp como estratégia pedagógica na educação a distância**. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades. – Duque de Caxias, 2022.

FERRAZ, Thais Chaves. Acordos cotidianos: os conceitos de Halal (permitido) e haram (ilícito) entre muçulmanos xiitas e sunitas do Rio de Janeiro e suas escolhas alimentares. *In*: **REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, 31., 09 a 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF. **Anais** [...]. Brasília, DF: 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GONÇALVES, Leila; GIACOMAZZO, Graziela; RODRIGUES, Flavia; MACAIA, Bráulio. Gamificação na Educação; um modelo conceitual de apoio ao planejamento em uma proposta pedagógica. *In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (CBIE)*, 5., 2016, [s.l.]. *Anais [...]*. 2016. DOI: 10.5753/cbie.sbie.2016.

GRÜNDLING, Roberta Dalla Porta; CAMPOS, Silvia Kanadani. Crescimento das exportações brasileiras e atendimento a novos mercados. *Embrapa*, 26 abr. 2022. <https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/intensificacao-tecnologica-e-concentracao-da-producao/sinal-e-tendencia/crescimento-das-exportacoes-brasileiras-e-atendimento-a-novos-mercados>. Acesso em: 16 mar. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1970: programa, mito e realidade**. Tradução de Maria Celia Paoli Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Ed.). **A invenção das tradições**. 3. ed. Tradução de Celina Cardim Cavalvante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ISLAMIC cleric Yusuf Al-Qaradawi is due to address a conference on Sunday supported by the Metropolitan Police. *BBC*, 11 jul. 2004. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/3880675.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/3880675.stm). Acesso em: 15 mar. 2023.

KHAN, Waseem; KHAN, Hafeez Ullah. The Gulen Movement: The blending os Religion and Rationality. *Journal of Research in Social Sciences -JRSS*, v.6, n.1, January, 2018.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. O Islã em movimento: comunidades muçulmanas na Serra Gaúcha. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano XIV, n. 41, p. 119-147, set./dez. 2021.

LIMA, César Rocha. **ASSALAMU ALAYKUM: O islã no Brasil e os processos sociais utilizados para a (re)construção da imagem elaborada pelos meios de comunicação de massa a partir de 11 de setembro de 2001**. 343 f. 2019. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LIMA, Maria de Fátima Farias de. Comida como cultura. *Revista de Ciências Sociais*, v. 40, n. 1, p. 107-111, 2009.

LIMA, Rafael Mesquita de Souza. **LIDERANÇA REGIONAL EM PERSPECTIVA COMPARADA: Brasil e Turquia**. Tese de doutorado apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em Ciência Política, na área de

concentração de Política Internacional, pelo Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

LISBÔA, Flávia Marinho. Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. **História Oral**, v. 23, n. 1, p. 161-182, jan./jun. 2020.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-26.

NYE JR., Joseph S. **Soft Power**. New York, Estados Unidos: Public Affairs, 2004.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volume, fluxos, significados e políticas. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 23-33, 2005.

PECCINI, Rosana. **História e cultura da alimentação**: a galeteria Peccini e o patrimônio de Caxias do Sul (1950-1970). Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2010.

PINHEIRO FILHO, Carlos Douglas Martins. O poder no islã clássico e na filosofia política de Ibn Khaldun: um estudo dos conceitos de umma e assabya. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 42-56, 2015.

PIRES, Guilherme de Lorenzo. **A inserção da Irmandade Muçulmana na sociedade internacional do Oriente Médio**: Um estudo dos aspectos nacionais e transnacionais. 141 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais: Política Internacional) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e interação reativa**: uma proposta de estudo. Porto Alegre: Ed. Editora Sulina, 2007.

RAMOS JUNIOR, Dornival Venâncio; SANTOS, Josiel Ferreira dos. Das Conversas em roda à Roda de Conversa: Experiências de pesquisa com História Oral e Institucionalidades epistêmicas tradicionais da comunidade Ilha de São José. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 15, n. 2, 2023. ISSN: 2238-7188

RIBEIRO, Filipa M.; RELVAS, João Bettencourt. Manifesto pela interdisciplinaridade – por uma educação transformadora. **Cadernos de Literatura comparada**, n. 37, p. 229-250, 2017.

RODRIGUES, Alan; VANNUCHI, Camilo. “A Lei é Rígida” – Entrevista com Samir EL-Hayek tradutor do Alcorão para o português. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 136-148, 2002.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Pública: um desafio democrático aos historiadores.** Coleção História do Tempo Presente: volume 2. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SALEM, Miriam Abu. Religious dietary and the protection of religious freedom. **Religion and Food**, Scripta Instituti Donneriani Aboensis, v. 26, p. 181-200, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo; PATAI, Daphne. Uma História Oral em três tempos: relações, construções narrativas, usos práticos da memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p.450-471, set/dez. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**, 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos. A História política na hora da virada transnacional: novas possibilidades de pesquisa. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 26, n. 41, p. 67-83, 2019.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, v. 23, n. 03, p. 483-502, set./dez. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria: Historiografias Periféricas em Perspectiva Global ou Transnacional: Eurocentrismo em Questão. **Estudos Históricos**, v. 30, p. 161-186, 2017.

SANTOS, Waldeir Eustáquio dos. **CAPITALISMO TARDIO E REVOLUÇÃO PASSIVA: um estudo da emergência da Turquia Moderna.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutor em Relações Internacionais. 2017.

SOCHACZEWSKI, Monique. **De Ataturk a Edogan: A república da Turquia em três tempos.** MALALA, São Paulo v. 6, n. 9, jul. 2018

SOUZA, Patricia Rodrigues de. **Religião e Comida: como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do homem.** 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 233-245.

VISENTINI, Paulo Fagundes. O Brasil e a História das Relações Internacionais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 32, p. 18-40, out. 2015.

VOIGT, Márcio Roberto; VALIM, Alexandre Busko. História e Relações Internacionais: dois campos em aproximação. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 32, p. 1-17, out. 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundais. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2013.

YUSUF Al-Qaradawi, an Influential Islamic Scholar of the Present Age. **IslamOnline**, s.d. Disponível em: <https://islamonline.net/en/yusuf-al-qaradawi-an-influential-islamic-scholar-of-the-present-age/> Disponível em: <https://islamonline.net/en/yusuf-al-qaradawi-an-influential-islamic-scholar-of-the-present-age/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ZANROSSO, Pedro. Caxias do Sul tem imigrantes de 32 nacionalidades e integração ainda é um desafio. **Pioneiro**, Geral, 12 set. 2022. Disponível em: [https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2022/09/caxias-do-sul-tem-imigrantes-de-32-nacionalidades-e-integracao-ainda-e-um-desafio-cl7xxvdts007p016erplmrrqq.html#:~:text=Vindos%20da%20Am%C3%A9rica%20do%20Sul,a%20se%20estabelecer%20na%20cidade](https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2022/09/caxias-do-sul-tem-imigrantes-de-32-nacionalidades-e-integracao-ainda-e-um-desafio-cl7xxvdts007p016erplmrrqq.html#:~:text=Vindos%20da%20Am%C3%A9rica%20do%20Sul,a%20se%20estabelecer%20na%20cidade.). Acesso em: 04 mar. 2023.